

esporte

PSG DÁ SALTO NO RANKING FOLHA

Clube francês avança 61 posições após temporada mais vitoriosa de sua história A32

Ranking Folha mundial 2025

- 1º Real Madrid
- 2º Milan
- 3º Boca Juniors
- 4º Bayern
- 5º Barcelona

BC autorizou banco para ex-sócio do Master quando fraude já era suspeita

Augusto Lima não participava de decisões da instituição, diz a defesa; órgão não comenta

Em julho de 2025, quando já se investigava uma possível fraude na venda de carteiras de crédito do Master, o Banco Central aprovou a aquisição de uma instituição financeira por Augusto Lima, ex-sócio de Daniel Vercaro e um dos suspeitos do esquema.

A apuração acendeu o alerta no BC em março do ano passado, segundo documentos da própria autarquia e de decisões judiciais revisados pela Folha. Já o sinal verde para Lima comprar o Banco Voiter, depois rebatizado de Pleno, ocorreu em 24 de julho.

O empresário, que chegou a ser preso na Operação Compliance, e outros executivos foram intimados a depor na Polícia Federal ainda neste mês. Após a sua prisão, ele foi afastado do dia a dia do Pleno, que segue operando. O BC diz que não comenta o caso.

Segundo quem acompanha o processo, técnicos da autarquia monetária reafirmam que as decisões relacionadas ao caso têm sustentação legal. A defesa de Lima diz que as operações sob investigação são posteriores à sua saída do Master. **Economia A15**



Menly González/Folhapress

Luz nunca se apaga na prisão modelo de Bukele em El Salvador

Reportagem participou de visita ao Cecot, presídio que é alvo de denúncias de desrespeito aos direitos humanos e vitrine do presidente linha-dura; presidiários não veem a luz do sol e passam mais de 23 horas por dia em celas sem lençóis ou travesseiros **Mundo A21 a A23**

ilustrada

Cinema nacional corre o risco de apagão após fase de glória **B6**

ciência

Nasa planeja lançar missão tripulada à Lua em fevereiro **B10**

Mafalda Anjos

Portugueses devem parar de ver o Brasil com arrogância

O Brasil é intenso, é louco, é contraditório. Mas, nesta sua imensa complexidade, em matéria política tem muito a ensinar para a Europa. **Política A10**
Jornalista portuguesa passa a escrever quinzenalmente, às segundas-feiras

Ala do STF passa a defender domiciliar para Bolsonaro

A decisão de Alexandre de Moraes de transferir o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) para a Papudinha foi um passo inicial para que ele possa mudar para prisão domiciliar, segundo ala do Supremo que agora defende a medida. **Política A8**

Fachin vive impasse para enfrentar crise de imagem na corte

Presidente do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin calcula como contornar as crises que envolvem a corte, como a do Banco Master, e marcar posição em defesa de diretrizes éticas sem parecer que está provocando colegas. **Política A6**

EDITORIAIS A2

Agro dá exemplo raro de produtividade no país Sobre salto da safra de grãos em taxa acima do aumento da área plantada.

A privatização que o PT aprende a aceitar A respeito de recorde em concessões na área de transportes no governo Lula.

Portugal terá 2º turno com socialista e ultradireitista A24

Por Groenlândia, UE estuda tarifas de 93 bi de euros para retaliar EUA

Países da União Europeia consideram impor tarifas no valor de 93 bilhões de euros aos Estados Unidos ou restringir o acesso de empresas americanas ao mercado do bloco. É uma resposta às ameaças de Donald Trump aos aliados da Otan que se opõem à sua campanha para assumir o controle da Groenlândia. **Economia A16**

entrevista da 2ª

LUISA PALACIOS

pesquisadora da Univ. Columbia

Só o petróleo não irá reerguer Venezuela

Não basta recuperar a indústria petrolífera para reestruturar a situação da Venezuela, afirma pesquisadora, referência em energia. Segundo ela, não há saída sem transição para um governo legítimo. **A34**

CORRIDA FOLHA 105 ANOS
TODO MUNDO CORRE, TODO MUNDO CELEBRA

QUANDO **29/3** LARGADA **ANHANGABAÚ**

INSCREVA-SE AGORA

1º lote até 25/1

REALIZAÇÃO: **FOLHA DE S. PAULO** ORGANIZAÇÃO: **VEGA sports**

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Agro dá exemplo raro de produtividade no país

Safra brasileira de grãos mais que dobra em 13 anos, aumento superior ao da área plantada; tendência será determinante para o sucesso no mercado global, se impedir avanço do cultivo sobre as matas nativas

Dados do IBGE divulgados na última quinta (15) mostram que a safra brasileira de grãos teve expansão de 113% entre 2012 e 2025. O percentual impressiona também porque, segundo o instituto, tal desempenho se deve mais ao incremento da produtividade do que à ampliação das áreas cultivadas. Trata-se de tendência inescapável. A disponibilidade de terras para o setor hoje é menor do que na década passada, e seus preços, maiores. O uso da parcela não ocupada no período será cada vez mais limitado por proibições de importação de itens cultivados em áreas desmatadas. Em 2025, o total de grãos colhidos alcançou 346,1 milhões de toneladas, com impactos positivos na taxa anual de inflação (4,26%

no ano passado) e na balança comercial. O IBGE aponta que a produção foi favorecida pelas boas condições climáticas e pela ampliação de áreas de cultivo de algodão, arroz, soja, milho e sorgo. Neste 2026, estima-se redução de 1,8%, para 339,8 milhões de toneladas. Ainda assim, uma vez confirmada, será superado o dobro da safra de grãos de 2012, que somou 162 milhões de toneladas —volume menor do que a colheita apenas de soja no ano passado (166,1 milhões de toneladas). O terreno plantado apresentou aumento considerável de 66,8% no período, passando de 48,9 milhões para 81,6 milhões de hectares. Pelas estatísticas do IBGE, contudo, tal evolução não acompanhou o velocidade da expansão do volume colhido de grãos.

Investimentos privados em tecnologias mais avançadas capazes de extrair o máximo potencial produtivo das plantações foram decisivas, assim como o desenvolvimento de variedades de grãos adaptadas aos biomas do país, em especial pela Embrapa, caso raro de estatal que dá algum retorno ao dinheiro público. As apostas nesses dois vetores —modernização de culturas e pesquisa científica— serão ainda mais importantes nos próximos anos para elevar a colheita e a competitividade dos grãos brasileiros, principalmente diante de mudanças já antecipadas no mercado internacional, sobretudo em relação à soja. A pressão dos Estados Unidos para que a China aumente as importações de soja americana

Investimentos privados em tecnologia foram decisivos, assim como a busca de variedades de grãos adaptadas aos biomas do país, em especial pela Embrapa, caso raro de estatal que dá algum retorno ao dinheiro público

tende a afetar os volumes embarcados pelo Brasil a esse mercado. Em contrapartida, a implementação do acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia, esperada para ocorrer neste ano, abre a possibilidade de ampliação das exportações de grãos ao parceiro —ainda mais de soja, que é isenta de cotas. Há condicionantes, porém. A UE exigirá dos exportadores a anuência a seu Regulamento para Produtos Livres de Desmatamento, conforme os termos do acordo, e o rastreamento dos produtos destinados a seu mercado até o final deste ano. Qualquer que seja o cenário futuro, a produção agrícola do país depende da união do aumento de produtividade com manejo ambiental sustentável.

A privatização que o PT aprende a aceitar

Concessões na infraestrutura de transportes batem recorde no 3º mandato de Lula, movidas a escassez de recursos públicos para investimento; vendas de estatais permanecem travadas por interesses sindicais

Às vezes à venda de empresas estatais por ideologia estatista e afinidade corporativista, as administrações petistas ao menos aprenderam a aceitar outra modalidade de privatização —a concessão de serviços públicos, especialmente no setor de infraestrutura. Essas desestatizações são mais palatáveis à esquerda por não envolverem mudanças patrimoniais para o Estado e, sobretudo, por haver menos interesses sindicais envolvidos. Entregar uma rodovia federal à exploração privada em troca de investimentos e melhorias, por exemplo, não envolve maior perda de empregos privilegiados no aparato estatal.

Quaisquer que sejam as motivações e convicções, é positivo que este terceiro governo Luiz Inácio Lula da Silva já tenha batido um recorde histórico com 50 concessões na área de transportes, aí incluídos rodoviário, ferroviário, portuário e aeroportuário, como noticiou a Folha. Superam-se as 45 do quadriênio de Jair Bolsonaro (PL) e, com boa folga, as 26 dos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), quando as operações tiveram início sob a legislação atual. É notável, ademais, que Lula só tenha iniciado as concessões nesses setores em 2007, já em seu segundo governo. Desde a aprovação da Lei de

Concessões, em 1995, foram 160 delas em transportes, das quais 95, quase 60%, nos últimos dois governos de ideologias opostas. Essa concentração, como se vê, não reflete pensamento econômico —trata-se de necessidade. Os primeiros governos petistas tentaram reviver, ainda que em escala menor, o modelo desenvolvimentista de crescimento econômico impulsionado por investimento público que imperou entre os anos 1950 e 1980. Depois do colapso orçamentário de Dilma Rousseff e da brutal recessão de 2014-16, porém, essa ilusão se tornou insustentável. Nos tempos da ditadura militar, o investimento com dinheiro

Desde a aprovação da Lei de Concessões, em 1995, foram 160 delas em rodovias, ferrovias portos e aeroportos, das quais 95, quase 60%, nos últimos dois governos de ideologias opostas

do Tesouro chegou a ultrapassar 2% do Produto Interno Bruto; sob Lula 2 e Dilma 1, rondou 1% do PIB; hoje, mesmo com a disposição perdulária de Lula 3, está na casa de 0,5% —cifra que tende a cair com o avanço das despesas obrigatórias com Previdência e pessoal sobre o Orçamento. Resta, pois, recorrer ao capital privado para manter, ampliar e reformar rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, o que já deveria ter ocorrido há mais tempo, com regulação e contratos adequados. Ainda há, infelizmente, um enorme atraso a superar na venda de estatais, como o demonstra de forma calamitosa a derrocada dos Correios.

FOLHA DE S.PAULO ★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
EDITOR-EXECUTIVO Vinicius Mota
CONSELHO EDITORIAL Candido Bracher, Demétrio Magnoli, Dora Kramer, Mônica Bergamo, Maria Alice Setubal (Neca), Oscar Vilhena, Paulo Junqueira Moll, Vera Iaconelli, Vinicius Mota, Wilson Gomes, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), Marcelo Benez (comercial), João Cestari (tecnologia), Alexandre Bonacio (financeiro, planejamento e novos negócios), Luciana Pandolfi (recursos humanos)
CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)
877.134 - Fechamento 1º Semestre de 2025
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

João Montanaro



COLONISTAS

SÃO PAULO

O festival de absurdos que assola o Supremo

Lygia Maria

O ministro Dias Toffoli impediu a perícia em celulares pela Polícia Federal imediatamente após a apreensão durante investigação do escândalo do Banco Master. Os aparelhos deveriam ficar no STF; depois, enviou à PGR e escolheu quatro peritos da PF para realizar o procedimento. Um dos aparelhos é de um conhecido do dono do Master, que está ligado a fundos com participação societária num resort no Paraná que pertencia em parte a irmãos de Toffoli até 2025. Ademais, o processo só está no STF porque Toffoli mandou o princípio do juiz natural às favas e trouxe para a Corte um caso sem réus com foro privilegiado. Não contente, colocou sigilo elevado no processo. Tudo isso logo

após viajar ao Peru acompanhado por um advogado de um funcionário do Master. Calma, piora. Lembram do resort? A participação dos irmãos de Toffoli foi comprada por um advogado que atua para a JBS. A empresa faz parte da holding J&F, cuja multa no valor de R\$ 10 bilhões prevista em acordo de leniência foi suspensa em 2023 por quem? Sim, Toffoli. E tem mais. Na época, a esposa do magistrado, que é advogada, prestava serviços jurídicos para a J&F em outros casos. Agora, o escritório de advocacia da mulher de outro ministro, Alexandre de Moraes, tem um contrato de R\$ 129 milhões com o Banco Master para realizar serviços que não se sabe quais são. O mesmo Moraes que, após as

notícias sobre o resort, abriu inquérito de ofício para apurar supostos vazamentos de dados de ministros pela Receita Federal. A mesma arbitrariedade, cujo intuito é blindar membros do STF, usada por Toffoli em 2019 na instauração do inquérito das fake news —que vigora sob sigilo até hoje e tem Moraes como relator. Como os outros ministros do Supremo acham que a sociedade deve encarar esse festival de absurdos? Todas essas conexões são mera coincidência? Os fins justificam os abusos de poder? Se assim for, a corte constitucional não quer cidadãos, mas cordeiros. Acha que está acima da lei e até da própria República. Não à toa, assim funciona o Judiciário em regimes autoritários.

BRASÍLIA

É ruim, mas é bom

Ana Cristina Rosa

“É ruim, mas é bom”. O ditado popular expressa uma contradição que sintetiza com perfeição o que significam dois recordes tristes e vexatórios batidos pelo Brasil no ano passado: 4.515 denúncias de trabalho escravo (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania) e 8.730 novos processos criminais por racismo — além dos 5.000 feitos pendentes de julgamento (Painel de Monitoramento Justiça Racial). O lado ruim me parece bastante evidente e óbvio. Além de ser absurdo, vergonhoso, cruel e descabido, manter uma pessoa em condições análogas à escravidão em pleno século 21 denota uma deformação ética e moral da sociedade brasileira —que se estruturou

em parâmetros coloniais alicerçados no trabalho de pessoas desumanizadas e escravizadas. O lado bom é menos explícito, porém importantíssimo. Envolve o despertar da consciência crítica, o aumento da autoestima étnico-racial e a noção de cidadania acerca de direitos fundamentais reiteradamente negados a pretos e pardos. O crescimento das denúncias e dos processos judiciais nos últimos anos é reflexo disso. Todo negro —sim, esta é uma afirmação taxativa— que vive no nosso país já passou ou irá passar por episódios (sim, no plural) de discriminação, preconceito e racismo. É fato. Afinal, inúmeras práticas traumáticas que agridem e afetam quem

possui o fenótipo (aparência) afro foram naturalizadas. Infelizmente, a sociedade brasileira se acostumou com a desumanização do negro e com a lógica (absolutamente equivocada) da subordinação racial. Porém, felizmente, cada vez mais gente está denunciando o que costumava ser suportado em silêncio pelas vítimas. Racismo é um sistema de opressão estruturado na ideia de hierarquia racial. Consciência crítica é fundamental para garantir a efetividade da cidadania. Casos de racismo e de trabalho análogo à escravidão precisam e devem ser denunciados. Os principais canais são o Disque 100, o 190 e o registro de boletins de ocorrência. Não se cale. Denuncie!

O entulho institucional a ser enfrentado

A crise atual não se resolve nem pela troca de comando das instituições, nem por um redesenho institucional pontual

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

A dimensão da degradação institucional brasileira não deve ser subestimada. O conhecimento acumulado sobre crises institucionais fornece pistas. A literatura identifica, em linhas gerais, dois padrões de superação. O primeiro ocorre em crises de grande envergadura, pela ascensão de uma força política nova, normalmente oriunda da oposição. É o que se observa em processos de transição democrática e de mudança de regime. A alternância de poder, nesses casos, desencadeia o desmonte do ancien régime e a elaboração de uma nova Constituição. Não é, contudo, o nosso caso. Em contextos menos dramáticos, a alternância de poder ocorre dentro do próprio regime: a oposição vence eleições, promove reformas e a substituição no comando das instituições. Há ganhos de legitimidade. Países podem, assim, mudar radicalmente de direção política sem rupturas institucionais (o parlamentarismo torna esse processo mais ágil e menos traumático). Tampouco este é o nosso caso —e por duas razões.

A principal delas é a balcanização da autoridade política. Daí decorre a ausência de uma clivagem clara entre governo e oposição (basta ver os presidencializáveis e seus partidos). Em situações clássicas de crise, a oposição tende a encarnar demandas reformistas associadas ao controle do abuso de poder. Já os governantes controlam vastos recursos. Como observou Rui Barbosa, o Executivo é “o grande eleitor, o grande nomeador, o grande contratador”. Detendo a caneta, o Executivo sobrevive pela montagem de uma base via oferta partilhada de bens privados (isenções, benefícios, cargos). É a oposição que recorre a bandeiras que são bens públicos — por exemplo, restauração da moralidade administrativa, republicanismismo, democracia, como mostrou Martin Shefter. No Brasil atual, contudo, virtualmente todos os atores políticos relevantes comandam recursos públicos —inclusive setores da oposição, que controla parcelas expressivas do orçamento, via emendas. Assim, desaparecem os incentivos ao controle e à responsabilização. A política hipercompetitiva pode gerar resultados virtuosos, mas entre nós degenerou em conluio predatório disfarçado de conflito Executivo-Legislativo. Rui Barbosa já advertia que o Executivo era “coibido e limitado muito menos pelo corpo legislativo, seu cúmplice habitual, do que pelos freios constitucionais da Justiça”. Embora tenha adquirido maior autonomia, por razões inclusive conjunturais, o Legislativo, fragmentado, continua cúmplice. E os tais “freios” perverteram-se: As instituições de controle lato sensu passaram a figurar como protagonistas ou coadjuvantes de escândalos. Esta é a segunda razão. A degradação institucional —no STF, STJ, TCU etc— não se resolve pela alternância do poder. Nossa crise é, portanto, profundamente institucional. Ela não se resolve nem pela simples troca de comando das instituições, nem por um redesenho pontual. Há um vasto entulho institucional a ser enfrentado. Nesse sentido, embora em contexto muito distinto, há alguma semelhança estrutural com as transições do Leste Europeu pós-comunista. Trata-se menos de substituir governantes e mais de desmontar arranjos que se cristalizaram e passaram a bloquear o funcionamento republicano do Estado.

Trata-se menos de substituir governantes e mais de desmontar arranjos que se cristalizaram e passaram a bloquear o funcionamento republicano do Estado

RIO DE JANEIRO

Querer não é parar

Ruy Castro

Em dois artigos no fim do ano (25 e 26/12), perguntei-me por que as pessoas fumam e por que é tão difícil parar. Escrevi que, por ter aprendido como se dá a dependência, concluí que o “prazer de fumar” não existe —é só a satisfação da fissura provocada pelo próprio cigarro— e que fora feito de idiota pelos 37 anos em que acreditei estar fumando por prazer. Contei que, em janeiro de 2005, decidi que tentaria parar e, por conhecer como se dá a abstinência, sabia como seria difícil: meu organismo, surpreendido pelo corte da nicotina, iria me infernizar para que eu voltasse a supri-lo. Leitores comentaram e contaram suas histórias, alguns afirmando que, ao resolver largar

o cigarro, apenas o largaram e nunca mais fumaram —simples assim. Não duvido que tenham feito isso, mas, se foi tão simples, a explicação é ainda mais simples: se pararam com essa facilidade é porque não estavam dependentes. Parar não é uma questão de querer, mas do estágio da droga, qualquer droga, no organismo. Instaurada a dependência (ou seja, quando o organismo, pelo uso contínuo de uma substância, já não pode passar sem ela), a droga que acreditávamos usar por prazer exige ser usada apenas para que não sintamos “desprazer” —a síndrome de abstinência. A síndrome é a revolta do organismo pela interrupção do for

necimento, e seus efeitos variam segundo a droga. A do álcool, por exemplo, provoca tremor nas mãos, agitação, insônia, diarreia, confusão mental, convulsões, delírio, até parada cardíaca. A dos benzodiazepínicos, depressão, pânico, vômitos, convulsões, delírio, pensamentos suicidas. A do cigarro, fissura, irritabilidade, ansiedade, dificuldade de concentração, sudorese, insônia. Em comparação, a do cigarro pode não parecer tão grave. E é a mais fácil de aplacar —basta acender um cigarro—, daí ser também a mais difícil de cortar. Mas se, em dias ou semanas, o organismo se convencer de que não haverá esse cigarro, a fissura passará. Apaguei o meu último há 21 anos e ainda não acendi o seguinte.

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Tarifa Zero é correção de sistema regressivo

É verdade que pessoas de alta renda usam o benefício, políticas universais funcionam assim; devemos priorizar o transporte público frente ao carro

Eduardo Zanatta

Vereador (PT-SC) em Balneário Camboriú

Folha publicou artigo de José Luiz Portella criticando a tarifa zero enquanto política pública. Como muitos críticos dessa ideia, o autor afirma que a política beneficia mais quem poderia pagar do que quem realmente precisa, classificando a proposta como ingenuidade ou populismo. O argumento ignora como funcionam políticas públicas voltadas a todos os cidadãos e desconsidera evidências concretas, como estudos do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que demonstram queda na demanda por transporte público em função do preço da tarifa. É verdade que pessoas com maior renda também utilizam o transporte gratuito. Isso não é falha do modelo. Políticas universais funcionam assim. O SUS não fracassa por atender quem tem plano de saúde; a escola pública não erra por não selecionar alunos por renda. Do ponto de vista da urgência ambiental,

é preferível que todas as classes sociais possam migrar para o transporte público, ao invés de colocarem mais um veículo motorizado na rua. Sob o prisma da mobilidade, haverá melhora nas condições de trânsito, beneficiando pedestres, em especial idosos e crianças, que terão ambientes mais seguros para circular, com menos veículos ocupando espaços preciosos na malha urbana. Garantir acesso e ocupação do espaço público requer medidas que priorizem o transporte público frente ao carro particular. A lógica baseada na tarifa penaliza quem tem menos renda, e ao longo de anos produziu um sistema opaco, no qual o poder público subsidia empresas privadas sem controle adequado de custos. Na maioria das cidades, não se conhece o custo real da operação, incluindo os subsídios de gratuidade, que requerem enorme estrutura administrativa de

alto custo para selecionar e fiscalizar seu uso, incluindo os sistemas de cobrança embarcados em ônibus. Isso ocorre porque dados fundamentais para o cálculo da tarifa raramente são plenamente transparentes ou auditáveis, como o custo efetivo do serviço e o número real de passageiros transportados. Esse modelo fragiliza a fiscalização, transfere recursos públicos sem controle social efetivo para atores privados e perpetua ineficiências. A tarifa zero permite enfrentar esse problema. Ao substituir a arrecadação direta por financiamento público, o foco deixa de ser a passagem e passa a ser o custo real do serviço, o que favorece contratos mais transparentes e metas objetivas. Em Balneário Camboriú, a atuação do Legislativo foi decisiva. Como presidente da Comissão Parlamentar Especial da Tarifa Zero, promovi audiências públicas, exigimos dados, ouvimos usuários e exercemos

Garantir acesso e ocupação do espaço público requer medidas de priorização do transporte público em relação ao carro particular. A lógica baseada na tarifa penaliza quem tem menos renda e por anos produziu um sistema opaco, no qual o poder público subsidia empresas privadas sem controle de custos

fiscalização efetiva sobre o sistema. O resultado foi concreto: mais linhas, mais horários e correções operacionais em resposta às demandas da população. Os efeitos são mensuráveis. A quantidade de passageiros transportados antes e depois da implantação da tarifa zero aumentou 600%. O dado evidencia que o principal obstáculo ao uso do transporte coletivo era o preço. Além disso, o valor que antes era gasto na passagem permanece circulando na economia local, fortalecendo o comércio de bairro e a renda do trabalhador. Nosso próximo passo será na direção de ampliar a cobertura em formato colaborativo entre municípios da região, como Camboriú, Itajaí e Navegantes, uma vez que as pessoas circulam regionalmente, em especial trabalhadores que se deslocam para obter o sustento. Mobilidade urbana não pode ser refém de ciclos eleitorais ou interesses privados. As experiências atuais mostram que a tarifa zero é um sucesso, mas não um ponto de chegada. É preciso avançar na qualidade do serviço, na integração regional e na transparência. Descartar uma ideia do debate público sob a acusação de populismo é se prender a paradigmas ultrapassados. Os obstáculos técnicos e fiscais são reais, mas podem ser superados. Transporte é um direito social que promove acesso a outros direitos, como saúde, educação, moradia, cultura e trabalho. A tarifa zero precisa avançar.

Não matem o autor!

Quando a IA consegue gerar o original, noção de autoria corre o risco de desaparecer; proteger o autor é garantir que ainda haja voz a ser reproduzida

Dionisio Neto

É ator, autor e diretor. Escreveu dezenove peças e os romances 'Perla Stuart – a Ex-Mulher' e 'Perla Stuart – o Ex-Marido' (Ed. Tapioca)

Quando a inteligência artificial escreve um soneto ou um romance, quem é o autor? A pergunta, que parece saída do 1984, é hoje urgente e prática. Ela nos obriga a revisar um texto quase centenário, “A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, de Walter Benjamin. O filósofo alemão, ao analisar o impacto da fotografia e do cinema, diagnosticou a “perda da aura” da obra de arte, deslocada de seu “aqui e agora” ritualístico pela cópia infinita. O que ele não podia prever é que, um século depois, a reprodutibilidade técnica alcançaria seu ápice supremo: a capacidade de gerar o original, e não apenas copiá-lo. Nesse novo cenário, é a própria noção de autoria que corre o risco de desaparecer.

Se a fotografia libertou a imagem do culto à tradição, a IA parece libertar a criação da biografia. O algoritmo é um médium sem história, um oráculo que cria mais do mesmo. Ele oferece o produto final sem o percurso existencial, as dúvidas, os rascunhos rasurados, o acaso, as contradições e a necessidade que constituem a gênese de uma obra humana. O perigo não é que máquinas escrevam, mas que, nesse dilúvio textual gerado, a voz do autor que tem algo a dizer – fruto de um corpo, uma alma, um tempo e um lugar; uma história única de vida, uma impressão digital – seja afogada na obriedade déjà vu dos famigerados lugares comuns dos algoritmos. Nunca li tanto “sussurra”, “presença”, “eco” e tantas expressões

confortáveis ao bom gosto mediano e medíocre. Talvez a saída não seja romantizar um passado pré-IA, mas redefinir radicalmente a autoria para esse novo contexto. Ela pode residir menos no ato de ditar palavras e mais na curadoria, na intenção, na direção dada ao algoritmo. O autor será aquele que formula o problema estético, que seleciona, edita e confere sentido ao material gerado. Aquele que duvida e assume a responsabilidade ética e intelectual pelo resultado final. Precisamos de marcas de autenticidade, de contratos que distingam contribuições humanas e algorítmicas, de uma educação do leitor para discernir vozes. A obra de arte, na era da reprodutibilidade algorítmica,

Cabe a nós decidir o que queremos preservar. O autor e sua personalidade devem estar no topo da lista, ou seremos apenas uma multidão de marionetes sem rosto, uniformizadas, manipuladas pela amorfa artificialidade do Grande Irmão

pode ser gerada infinitamente. Mas a autoria, entendida como lugar da consciência, da escolha e da responsabilidade, permanece o último refúgio do humano na criação. O desafio é garantir que essa assinatura não sucumba em uma duvidosa lógica de mercado, mas que tenha o selo inegociável de que aquela obra nasceu de um mundo vivido, e não apenas processado. Benjamin escreveu sobre o que se perde com a reprodução. Cabe a nós decidir o que queremos preservar na geração. O autor e sua personalidade insubstituível devem estar no topo da lista, ou seremos apenas uma multidão de marionetes sem rosto, uniformizadas, manipuladas pela amorfa artificialidade do Grande Irmão. O autor traz o improvável, a surpresa, o inimaginável. A IA, coitada, é um estagiário esforçado e mimético. Mais do que nunca precisamos da autenticidade e da originalidade do autor —que mostra ao mundo não o que ele já sabe e nem o que quer, mas provoca, critica, questiona e oferece o que o público jamais imaginaria desejar. Proteger a autoria não é nostalgia, é garantir que ainda haja originais para reproduzir.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Conselho de paz

“Trump convida Lula, Milei e outros líderes para conselho que governará Gaza” (Mundo, 17/01). Nunca vi coisa mais estranha: o da Turquia é um ditador!

Helene Medeiros (Rio de Janeiro, RJ)



É mais que normal, é natural que o presidente Lula faça parte deste conselho porque tem muito a contribuir. O Brasil, historicamente, é um país que preza pela paz. Não diria o mesmo de outros convidados.

Yussef Mahmud Mustafa (São Paulo, SP)



Com que prerrogativas esse presidente norte-americano desequilibrado se acha no direito de governar Gaza e ainda sair convidando outros para tanto? Sem noção. Tipos como esse, na história contemporânea, só trouxeram sofrimento e destruição. É a extrema direita com seus métodos, essa praga tem que ser combatida.

Ricardo Lobo (Terezópolis de Goiás, GO)



“Trump nomeia aliados e bilionários para conselho que governará Faixa de Gaza” (Mundo, 16/1). Trump dá uma de pacifista em Gaza, enquanto planeja a invasão e a anexação da Groenlândia aos EUA. A ilha é um território independente, protegido pela Dinamarca, de quem foi colônia durante séculos e é participante da Otan.

Paulo Sergio Arisi (Porto Alegre, RS)

Groenlândia

“Trump anuncia tarifas a oito países europeus por causa da Groenlândia” (Mercado, 17/1). É assim que age um imperialista ou dono do mundo, como já vimos na história.

Valdícilia Conceição Tozzi de Lucena (São Paulo, SP)

Corrupção

“Toffoli, acordões, centrões e o novo sistema de corrupção institucional do Brasil” (Vinicius Torres Freire, 17/1). Não vejo mudança nessa realidade atual das instituições brasileiras. Elas sempre foram péssimas. Mas agora chegaram a níveis absurdos. Acho que é uma corrupção sistêmica que vem desde as universidades. É uma voracidade pelo poder nunca antes vista. Somente a imprensa pode deter Toffoli. Mas a questão é: a imprensa quer?

Roberta Melissa Oliveira Sales (Diadema, SP)



Representantes da União Europeia e do Mercosul durante assinatura do tratado de livre comércio entre os dois blocos

Luis Robayo - 17.jan.26 / AFP

O que você descreve é o que estamos assistindo, uma espécie de desqualificação absoluta das instituições. Sem falso moralismo e sem esperar por anjos caídos, ficamos indignados e assustados com esse espetáculo interminável de corrupção alastrada e travestida de legalidade.

Monica Damous Duailibe (São Luis, Maranhão)



Pior do que as mutretas do banco é o descrédito das instituições. Do ponto de vista da Justiça, o Supremo já estava com o conceito lá embaixo. Porém os ataques à PF, ao Banco Central e ao Coaf são o maior prejuízo causado ao Estado democrático. O problema não está na superfície de um banco nas nuvens, porém na estrutura. Estão minando os pilares da crença e da esperança de um país democrático e menos desigual.

Antonio Brito (Campinas, SP)

Emagrecimento

“Remédios para emagrecer dificultam a obtenção de nutrientes” (Equilíbrio, 16/1). Cada pessoa tem seu metabolismo. A ansiedade e estresse, na maioria dos casos, fazem as pessoas comerem mais. Há casos, mais raros, em que os mesmos sentimentos fazem comer menos. Exercícios para queimar as calorias são fundamentais, pois, com a idade, o corpo não queima da mesma forma que quando jovem. Depois de certa idade, acabamos acostumados ao ritmo de comida da juventude, mas queimamos menos. Eu sou reticente quanto a medicamentos para emagrecer.

Evandro Loes (Rio dos Cedros, SC)

Mercosul e UE

“Após 26 anos, Mercosul e União Europeia assinam acordo de livre comércio” (Mercado, 17/1). Ficou muito representativa a foto com todos os líderes envolvidos e as bandeiras de seus países atrás. Parabéns pelo evento

Carlos Eduardo Cunha (São Paulo, SP)



Depois de 25 anos de promessas de entrada em um paraíso de mercado, ficamos surpreendidos e frustrados com o aviso de que teremos de esperar dez anos ou mais por essas benesses. Sinto-me enganado.

Jonas Nunes dos Santos (juiz de Fora, MG)

Democracia

“Paixões derrotaram a razão nas democracias contemporâneas, diz historiador francês” (Ilustríssima, 17/1). As “paixões negativas” parecem aprofundar um processo de brutalização da sociedade nas esferas públicas e privadas. Nesse contexto, o voto, no processo eleitoral, surge como um mecanismo menos de mudança e mais como uma desforra, espécie de vingança pelas esperanças frustradas, pelos sonhos perdidos pelo caminho diante dos escombros a que tudo acabou se reduzindo.

Daisy Santos (Aracaju, SE)

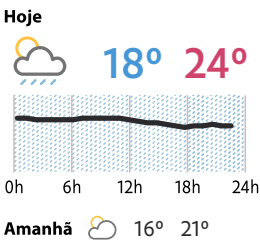


Sem tirar o valor evidente da reflexão do entrevistado, as paixões derrotaram a razão já no projeto original do primata homo sapiens. Por que seria diferente com a democracia? Por acaso ela é algum tipo de “imunizante contra o irracional na política”?

Eliana Atihe (São Paulo, SP)

ATMOSFERA

São Paulo



Hoje	Rio	Brasília	Ribeirão
22° 36°	19° 25°	20° 26°	

Amanhã	Rio	Brasília	Ribeirão
20° 27°	18° 24°	18° 25°	

Fonte: www.climatempo.com.br

TRANSPORTE PÚBLICO

o QUÊ A Prefeitura de São Paulo iniciou o pagamento de tarifa via bluetooth em ônibus municipais.

COMO FUNCIONA

- Baixe o aplicativo Cittamobi;
- Habilite o bluetooth nas configurações do seu smartphone;
- Acesse a aba “Primova Pay” no menu do aplicativo;
- Em “Serviços”, selecione “Comprar Passagens” e escolha uma das opções ofertadas: passagem avulsa ou pacote de viagens diário, semanal ou mensal;
- Realize o pagamento via Pix;
- Ao embarcar no ônibus, abra o aplicativo e selecione a passagem adquirida em “Suas Passagens”;
- Aproxime o seu celular no equipamento de validação do ônibus.

ESCRITA E LEITURA

o QUÊ A escritora e colunista da Folha Tati Bernardi lançou seu clube de escrita e leitura, a fim de incentivar os participantes a escreverem crônicas pessoais.

SOBRE O PROJETO A iniciativa estreará no dia 24 de fevereiro. Funcionará em formato online e trará discussões sobre obras que tratam de memórias, autoficção e autossociobiografias.

INSCRIÇÕES As inscrições estão abertas e podem ser feitas pelo site www.tatibernardi.com —o custo é de R\$ 89 por mês ou R\$ 470 à vista (pelo semestre).

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 19.JAN.1926



Barítono Leandro de Freitas dará concerto antes de voltar à Itália

O barítono brasileiro Leandro de Freitas, que brevemente regressará para a Itália e que não pretendia realizar nenhum concerto em São Paulo antes da viagem, mudou de ideia e resolveu dar uma única audição no salão do Conservatório. Freitas é considerado como um dos pouquíssimos nomes que, com maior brilho e a sua própria custa, têm justificado no estrangeiro o motivo de irem lá para buscar a instrução artística de que suas vocações necessitam.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R\$ 34,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R\$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA	ASSINATURA MENSAL*	
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
SP	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 219,90
MG, PR e RJ	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 224,90
DF e SC	R\$ 8,90	R\$ 11	R\$ 285,90
ES, GO, MT, MS e RS	R\$ 9,90	R\$ 12	R\$ 358,90
AL, BA, PE, SE e TO	R\$ 14,90	R\$ 15,50	R\$ 387,90
Outros estados	R\$ 15,90	R\$ 16,50	R\$ 480,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Casos de família

A irmã e o pai do banqueiro Daniel Vorcaro, dono do Banco Master, acumulam mais de R\$ 8 milhões em dívidas com a União, oriundas de seis empresas da teia de negócios da família. Natália Vorcaro Zettel e Henrique Moura Vorcaro foram alvos da Polícia Federal em fase da Operação Compliance Zero contra suspeitos de envolvimento nas fraudes do Master. Pai e filha somam 13 inscrições na dívida ativa da União. Sete são em conjunto, uma está no nome de Natália e outras cinco, no de Henrique.

NO VERMELHO As dívidas se referem a contribuições sociais como PIS e Cofins e impostos como IRPJ (que incide sobre o lucro das empresas). Todos os 13 débitos apresentam exigibilidade suspensa, o que permite aos devedores atuarem como se eles estivessem quites com a União, sem empecilhos para realizar empréstimos e contratos, por exemplo. O PAINEL não conseguiu localizar a defesa e a assessoria de imprensa de Natália e Henrique.

CLIMA TENSO... O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), cobrou da deputada federal Dani Cunha (União Brasil-RJ) a devolução de R\$ 12 mil pagos pela Casa para que ela participasse da 13ª edição do “Gilmarpalooza”, como ficou conhecido o evento capitaneado pelo ministro Gilmar Mendes, do STF. O Fórum Jurídico ocorreu entre os dias 2 e 4 de julho do ano passado, em Lisboa. Dani apresentou, na primeira versão da prestação de contas, apenas as passagens de ida e volta por Porto, cidade a aproximadamente 300 km da capital portuguesa.

...ENTRE OS BROTHERS Após questionamento da presidência, a deputada acrescentou uma declaração de um hotel em Lisboa, de um motorista que teria feito o transporte a partir de Porto e de uma agência de viagens que teria intermediado o serviço. O parecer foi enviado ao jurídico da Câmara, que afirmou que Dani conseguiu provar que havia viajado e entendeu que o reembolso das diárias seria desproporcional. O PAINEL pediu que a assessoria da deputada enviasse o relatório, mas não houve resposta.

DÚBIO O bispo Robson Rodovalho, autorizado pelo ministro do STF Alexandre de Moraes a dar assistência religiosa a Jair Bolsonaro (PL) na prisão, diz que ficou de conversar com o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) neste mês para discutir sua candidatura presidencial. Mas disse que a preferência da liderança evangélica por uma chapa liderada pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP) “é unânime”.

Com Danielle Brant, Juliana Arreguy, Thaísa Oliveira e Anna Virginia Balloussier

Cláudio



O presidente do Supremo, ministro Edson Fachin, em audiência pública Fábio Rodrigues-Pozzebom - 9.dez.2024/Agência Brasil.

Fachin enfrenta impasse para lidar com crise de imagem do Supremo sem ficar isolado

Em silêncio sobre caso Master, presidente do STF pautou para março julgamento sobre penduricalhos de juízes e procuradores estaduais

Luísa Martins

BRASÍLIA O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Edson Fachin, calcula como contornar a crise de imagem vivida atualmente pela corte sem que isso provoque o seu isolamento.

Até agora, ele tem observado em silêncio as posturas dos ministros Dias Toffoli e Alexandre de Moraes, especialmente em questões envolvendo a investigação do Banco Master e seus desdobramentos, que colocaram o tribunal sob pressão.

Moraes entrou no foco após o jornal O Globo revelar que o escritório de advocacia de sua esposa, Viviane Barci, tinha um contrato de R\$ 3,6 milhões mensais para defender o Master, que teria rendido R\$ 129 milhões se o banco não tivesse sido liquidado. Segundo o jornal, o ministro também tentou interceder em favor da instituição financeira junto ao presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo.

No caso de Toffoli, os questionamentos envolvem sua viagem em um jatinho para Lima junto com o advogado de um diretor do Master para ver um jogo de futebol, atos seus à frente do caso, como a ordem para uma acareação entendida como pressão ao Banco Central, e negócios de familiares.

A Folha revelou, por exemplo, que empresas ligadas a parentes de Toffoli tiveram como sócio um fundo de investimentos conectado à teia usada pelo banco para perpetrar as fraudes. O STF não se manifestou sobre os casos. O impasse vivido por Fachin gi-

ra em torno de como marcar uma posição institucional em favor da ética, que ele disse ser prioridade em seu discurso de posse na presidência da corte, sem que isso pareça uma provocação aos colegas e resulte em crise interna.

O recesso do Poder Judiciário naturalmente fez arrefecer o debate sobre o código de conduta proposto pelo ministro, que havia chegado ao seu ápice em dezembro, depois da revelação da viagem de Toffoli no jatinho.

Na época, ministros do Supremo chegaram a defender uma interrupção dessas discussões, para que os magistrados não ficassem sujeitos a uma nova onda de ataques justo no momento em que as ações da trama golpista haviam sido concluídas.

Com a pausa forçada na articulação com os colegas, Fachin utilizou o plantão no STF para definir o que entraria na pauta do plenário até o mês de março. Duas sessões serão dedicadas a julgar penduricalhos nos salários de juízes e procuradores estaduais.

Auxiliares do ministro afirmam que a jurisprudência do Supremo indica que essas gratificações serão derrubadas. Eles avaliam que novas decisões nesse sentido poderiam significar um aceno à opinião pública, que costuma contestar os privilégios nas remunerações dessas categorias.

Entre os temas que serão julgados, está uma lei de Santa Catarina que indeniza procuradores que usarem veículos próprios e uma norma da Paraíba que vincula o subsídio de desembargadores a 90,25% do salário de ministro do STF.

Como ambas tendem a ser declaradas inconstitucionais, a aposta é que os votos públicos dos ministros, rechaçando as regalias salariais, possam contribuir para recompor, em alguma medida, a imagem do STF.

A inclusão na pauta foi publicada no Diário de Justiça de 12 de janeiro, já em meio às repercussões do caso Master. Dois dias depois, a Polícia Federal foi às ruas cumprir 42 mandados de busca e apreensão da segunda fase da operação Compliance Zero, que mira as suspeitas em torno do banco.

O texto do código de conduta deve voltar a ser foco de Fachin assim que o tribunal voltar aos trabalhos, em fevereiro. Ele tem o apoio dos presidentes dos demais tribunais superiores e de ex-presidentes do Supremo, mas ainda enfrenta resistências internas.

Inspirada no modelo do Tribunal Constitucional Federal da Alemanha, a minuta do ministro prevê, como um dos principais pontos, a divulgação obrigatória de verbas recebidas por ministros pela participação em eventos e palestras.

O decano do tribunal, ministro Gilmar Mendes, já minimizou a atenção dada pela sociedade à participação de magistrados em fóruns e seminários jurídicos. “Acho isso uma bobagem”, disse a jornalistas em dezembro.

Nessa mesma ocasião, Gilmar disse ter “absoluta confiança” em Moraes. Ele também afirmou ter certeza de que Toffoli, durante o voo ao Peru com um dos advogados do caso Master, só falou sobre futebol.



Sujeito a análise.

O BTG é para quem espera mais de um banco

Aqui tem benefícios para comprar, viajar e investir em qualquer momento de vida. Abra sua conta pelo app e tenha um Banco completo ao seu lado onde estiver.

Para quem espera mais de um banco



Ala do STF vê ida à Papudinha como passo para domiciliar de Bolsonaro

Moraes não deu sinal de troca de regime prisional, mas colegas avaliam que mudança acontecerá para evitar que Supremo seja responsabilizado por problemas de saúde

Catia Seabra e Ana Pompeu

BRASÍLIA Aliados de Jair Bolsonaro (PL) e parte dos integrantes do STF (Supremo Tribunal Federal) avaliam que a decisão do ministro Alexandre de Moraes de trocar o local da prisão do ex-presidente foi um passo inicial para transferi-lo para o regime domiciliar.

Dois integrantes da corte de diferentes grupos viram a decisão do magistrado de transferir Bolsonaro da sede regional da Polícia Federal em Brasília para o 19º Batalhão da Polícia Militar, área conhecida como Papudinha, como um gesto nesse sentido. Para eles, a ida para o regime domiciliar pode ocorrer no curto prazo.

A avaliação é feita ainda que Moraes não tenha dado nenhum indício de que pretende conceder o benefício ao ex-presidente. Na decisão sobre a Papudinha, o ministro disse que o cumprimento da pena não é uma “estadia hoteleira” ou uma “colônia de férias” e rebateu as críticas dos filhos do ex-presidente sobre as condições da sala de Estado Maior da PF.

Condenado por tentativa de golpe de Estado, Bolsonaro foi retirado do regime domiciliar e enviado para a Superintendência da PF em Brasília em novembro, após tentar violar a sua tornozeleira eletrônica, segundo ele, por “curiosidade”. Seus médicos atribuíram o episódio a confusão mental causada por medicamentos. Segundo especialistas, os remédios usados pelo ex-presidente são seguros e só em casos raros podem causar delírio.



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) durante período em prisão domiciliar Pablo Porciuncula -14.set.25/AFP

Desde que o Bolsonaro foi colocado em regime fechado, sua defesa fez uma série de pedidos a Moraes, de Smart TV a redução de ruídos do ar condicionado, e a família tem alardeado supostos riscos à saúde que ele correria fora de casa. A mobilização aumentou após o preso sofrer uma queda, e os exames detectarem traumatismo craniano leve.

À Folha um integrante do Supremo, que é próximo a Moraes, disse que passou a defender que Bolsonaro possa cumprir a pena em casa pelo receio de o tri-

bunal ser considerado culpado por complicações na saúde dele.

Esse magistrado avalia ser uma questão de tempo para que o próprio Moraes seja convencido de que isso seria o mais prudente.

A aposta de pessoas próximas ao ex-presidente é similar. Para eles, os ministros serão convencidos da necessidade de mudar o político de regime e pressionarão Moraes nesse sentido.

Essa avaliação ganhou força após a investida da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e do governador de São Paulo, Tarcí-

65 metros quadrados é a área da cela de Bolsonaro na Papudinha, incluindo área externa; mínimo legal para cela individual é quase dez vezes menor

sio de Freitas, no tribunal.

Michelle conversou tanto com Moraes como com o ministro Gilmar Mendes. Tarcísio falou com quatro magistrados para pedir a prisão domiciliar.

A decisão de Moraes de transferir o ex-presidente foi tomada após essas conversas. Em rede social, a ex-primeira-dama disse que as novas instalações são “menos prejudiciais à sua saúde” [de Bolsonaro] e lhe trazem “mais dignidade”, mas ainda assim, seguiria com o empenho de levá-lo para a casa.

As instalações na unidade no Distrito Federal comportam até quatro pessoas, mas serão usadas exclusivamente por Bolsonaro. O espaço conta com 65 m², sendo 10 m² de área externa, e tem quarto, banheiro, sala, cozinha e lavanderia.

Por isso, a transferência foi vista até dentro do Supremo como um gesto de Moraes. Na sua decisão, o ministro afirmou que o novo local permitirá o aumento do tempo de visitas aos familiares, a realização livre de “banho de sol” e de exercícios a qualquer horário do dia, inclusive com a possibilidade de instalação de aparelhos para fisioterapia, tais como esteira e bicicleta.

O magistrado também informou que há banheiro com chuveiro de água quente, armários, cama de casal e TV. E, ao invés de um frigobar, agora há uma geladeira.

Na decisão em que ordenou a transferência de Bolsonaro, Moraes também determinou que o ex-presidente seja submetido imediatamente à junta médica oficial, composta por médicos da PF, para avaliação do seu quadro clínico de saúde.

Depois disso, ele decidirá se mantém o ex-presidente na Papudinha ou determina a sua transferência para um hospital penitenciário. Essa avaliação antecede a análise do novo pedido de prisão domiciliar apresentado pela defesa.

Flávio inicia pré-campanha em Israel por laços com direita mundial

Carolina Linhares

SÃO PAULO Antes de circular pelos estados brasileiros, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato do bolsonarismo à Presidência da República, planeja embarcar na segunda-feira (19) para seu primeiro giro neste ano eleitoral. A viagem terá como destino Israel e pode incluir também países da Europa.

Flávio e o irmão Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que teve o mandato de deputado federal cassado no ano passado, foram convidados a palestrar em uma conferência de combate ao antissemitismo, que ocorrerá em Jerusalém, em 26 e 27 de janeiro, e terá a presença do primeiro-ministro Binyamin Netanyahu.

Em seguida, o senador viaja também para o Bahrein e para os Emirados Árabes.

Segundo aliados dele, o objetivo é se aproximar de líderes da direita no mundo, a exemplo de Netanyahu. A viagem foi organi-

zada por Eduardo, que vive nos Estados Unidos desde março, de onde articulou com o governo Donald Trump retaliações ao Brasil e a autoridades brasileiras para tentar barrar a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na trama golpista.

No ano passado, Flávio esteve em El Salvador, onde o governo do líder de ultradireita Nayib Bukele tem se tornado inspiração para o bolsonarismo.

De acordo com assessores do senador, a viagem deve incluir países da Europa. Ele planeja visitar ainda, já nesta viagem ou em uma próxima, a Argentina, governada por Javier Milei, e o Chile, onde José Antonio Kast, de direita, venceu as eleições.

A previsão é a de que Flávio retorne ao Brasil em 15 de fevereiro —portanto, após o fim do processo do Senado, que termina no próximo dia 1º. A Casa aceitou o pedido de missão oficial do senador, autorizando sua ausência de 26 de janeiro a 6 de fevereiro pa-



O senador Flávio Bolsonaro com bandeira de Israel durante evento em Duque de Caxias Pilar Olivares -14.set.2022/Reuters

ra visitar Israel, Bahrein e Emirados Árabes.

O ministro israelense de Assuntos da Diáspora e Combate ao Antissemitismo de Israel, Amichai Chikli, publicou o convite do evento nas redes, em publicação compartilhada por Flávio. Chikli atribui o crescimento do antissemitismo ao fanatismo islâmico, que teria o apoio “da esquerda fraca e da falsa direita”.

No fim do ano, Flávio viajou aos Estados Unidos para se reunir com Eduardo e elogiou a interlocução do irmão com políticos de direita, como Trump. “Graças a Deus, temos um craque em casa nessa parte de relações internacionais”, disse o senador em entrevista ao influenciador Paulo Figueiredo, que tem atuado com Eduardo em prol das sanções.

Integrantes da pré-campanha de Flávio afirmam que o senador também pretende viajar pelo país e mencionam Minas Gerais, o segundo maior colégio eleitoral, como um dos focos.

Informe publicitário

NSR

PROBLEMAS HISTÓRICOS X SOLUÇÕES DEFINITIVAS

Região Metropolitana de São Paulo – Escassez Hídrica

Os problemas são históricos e imensos. Sem uma solução definitiva, eles acabam voltando.
Tudo o que fizemos e estamos fazendo para chegarmos
a esta solução só é possível graças aos investimentos que vêm do novo contrato.

O cenário estrutural:

A Região Metropolitana de São Paulo vive um cenário de escassez hídrica permanente, resultado de uma combinação histórica e estrutural de fatores.

Apesar de concentrar mais de 20 milhões de pessoas e ser o maior centro urbano do país, a Região Metropolitana de São Paulo possui baixa disponibilidade hídrica natural. A região dispõe de apenas 149 m³ de água por habitante ao ano, enquanto a referência internacional preconizada pela ONU é de 1.000 m³ por habitante ao ano.

Para efeito de comparação, a disponibilidade hídrica da Região Metropolitana de São Paulo é inferior à de regiões sertanejas, o que evidencia a limitação dos mananciais locais e a necessidade de soluções técnicas complexas para garantir o abastecimento da população.

Pressões adicionais sobre o sistema:

Além dessa condição estrutural, o cenário vem sendo agravado nos últimos anos por:

- períodos prolongados de chuvas abaixo da média;
- aumento da frequência e intensidade das ondas de calor;
- crescimento populacional contínuo.

Quando a vazão dos rios diminui, entra menos água nos reservatórios, reduzindo a capacidade de produção dos sistemas e exigindo controle operacional cada vez mais rigoroso para preservar o equilíbrio do abastecimento.

A resposta estrutural: planejamento de longo prazo

O novo contrato de gestão da Sabesp, firmado em 2024, estabeleceu metas para segurança hídrica, com horizonte até 2060, voltado a garantir a disponibilidade de água ao longo de toda a concessão.

Esse plano tem como eixos estruturantes:

- diversificação das fontes de abastecimento;
- ampliação da integração entre sistemas;
- aumento da resiliência hídrica frente às mudanças climáticas.

A Sabesp terá investido mais de R\$ 5 bilhões exclusivamente em infraestruturas voltadas à segurança hídrica da Região Metropolitana de São Paulo.

O que já foi entregue – até 2025:

Transposição Itapanhaú – Sistema Alto Tietê

Obra estratégica que reforça um dos principais sistemas produtores da Região Metropolitana de São Paulo:

- Incremento de até +2.000 litros de água por segundo
- Captação a aproximadamente 60 km da Capital
- Entrega em 2025

O que será entregue em 2026 e 2027:

Ampliação da Estação de Tratamento de Água Rio Grande

- Incremento de +500 litros de água por segundo
- Previsão de entrega: dezembro de 2026

Renovação do Sistema Baixo Cotia

- Incremento de +1.000 litros de água por segundo
- Obra em fase final de contratação
- Previsão de entrega: dezembro de 2026

Transposição Billings – Taiaçupeba (Sistema Alto Tietê)

Projeto estruturante em fase de implantação, ampliando de forma significativa a integração entre sistemas e a resiliência hídrica da Região Metropolitana de São Paulo.

- Incremento de até +4.000 litros de água por segundo
- Captação a cerca de 30 km da Capital
- Previsão de entrega final: janeiro de 2027

E tem muito mais obras vindo por aí.

A escassez hídrica da Região Metropolitana de São Paulo é um problema histórico e estrutural, que não se resolve com medidas pontuais ou discursos de curto prazo.

A resposta exige planejamento, integração entre sistemas, diversificação de fontes e investimentos consistentes em infraestrutura. É exatamente esse o caminho que vem sendo seguido pela Sabesp, com obras reais, entregas concretas e uma estratégia de longo prazo para garantir água à população da maior metrópole do país.

Escassez Hídrica: como a população pode contribuir para a solução

O comportamento de consumo é parte fundamental da segurança do sistema. A contribuição da população não substitui as obras. Ela ajuda a atravessar os períodos críticos com mais estabilidade.

1. Uso consciente nos momentos de maior pressão

Os horários de pico (manhã e noite) concentram grande parte do consumo. Pequenos ajustes fazem diferença:

- Evitar lavar calçadas e carros
- Priorizar usos essenciais
- Reduzir o tempo de banho

Menos consumo principalmente nos horários de pico ajuda a manter o abastecimento para todos.

2. Reserva domiciliar: segurança dentro de casa

Ter uma caixa d'água adequada é uma das medidas mais importantes para enfrentar períodos de baixa pressão:

- Garante abastecimento contínuo mesmo quando a pressão cai
- Reduz impactos de oscilações temporárias
- Aumenta a resiliência da família

Programa Reserva Certa Sabesp: distribuição e instalação de caixa de água para quem não possui. Reservar água é proteger sua casa contra a escassez.

3. Combate a vazamentos dentro do imóvel

Um vazamento pequeno pode desperdiçar milhares de litros de água por mês:

- Verificar torneiras, registros e descargas
- Corrigir vazamentos rapidamente
- Fechar o registro ao viajar

4. Consumo consciente no dia a dia

Mudanças simples geram impacto coletivo:

- Fechar a torneira ao escovar os dentes
- Usar a máquina de lavar sempre cheia
- Reaproveitar a água sempre que possível (ex.: limpeza de áreas externas)

Pequenas atitudes, quando somadas, fazem grande diferença.

5. Informação e colaboração

- Acompanhar comunicados oficiais da SABESP
- Avisar rapidamente em caso de vazamentos na rua
- Confiar em informações técnicas e evitar a desinformação

A SABESP está enfrentando problemas históricos com soluções estruturais. Enquanto as obras avançam, o uso consciente da água é essencial para garantir segurança hídrica para todos. É um esforço conjunto: planejamento, investimento e colaboração da sociedade.



política

O Brasil mostra como se faz

Portugueses devem parar de olhar para brasileiros com arrogância eurocêntrica

Mafalda Anjos

Jornalista portuguesa, é analista política na CNN Portugal e autora do livro “Carta a um Jovem Decente” (ed. Contraponto)

Se há coisa que me irrita é a soberba com que alguns portugueses ainda olham para os brasileiros e o Brasil. Essa arrogância (não vamos fugir das palavras) nota-se no dia a dia, na forma como muitos tratam a maior comunidade imigrante em Portugal e nos preconceitos que insistem em nutrir.

Há, claro, uma raiz histórica para esse sentimento. Falta, por aqui, fazer contas com o passado, arrumar na prateleira o lusotropicalismo que perdura em algumas cabeças tacanhas e inaugurar uma nova era em que deixamos de olhar o Brasil com a conversa gasta do “país irmão” — expressão carregada de eurocentrismo — para passarmos a vê-lo como a grande potência econômica, política e cultural que é.

O Brasil não é para principiantes, terá dito Jobim. É a (in)definição perfeita. O Brasil é intenso, é louco, é ciclótico, é contraditório... Sim, é complexo. Mas, nesta sua imensa complexidade, em matéria política tem muito para ensinar a Portugal e à Europa.

Desde logo, na robustez que a sua democracia mostrou quando esteve sob ameaça. Em menos de três anos, a Justiça brasileira investigou, acusou, julgou e prendeu Jair Bolsonaro. Em Portugal, arrasta-se há mais de 11 anos um processo contra o ex-primeiro-ministro José Sócrates, acusado de 22 crimes, entre os quais corrupção, mas o julgamento só começou no ano passado e é quase certo que muitos crimes prescreverão.

Firme e exemplar foi também o modo como o Brasil fez frente a Trump, quando este exigiu o fim do julgamento de Bolsonaro. Sem sucesso. “O Brasil desafiou Trump e ganhou”, titulóu o New York Times.

O caso contra Elon Musk é outra situação paradigmática. O tecnopopulista recusou-se a cumprir a lei brasileira, e a Justiça não hesitou em suspender o X por 39 dias. Musk acabou por pagar as multas e obedecer. Já a União Europeia, enredada na sua infernal burocracia, anda há anos a tentar pôr ordem nas plataformas. As averiguações contra Musk decorrem desde 2022, mas só no mês passado uma delas resultou na multa de R\$ 747 milhões —um valor tão ridículo (cerca de 0,02% da sua fortuna) que nem dá para notar.

Agora, foi o histórico acordo Mercosul-UE, assinado depois de 26 anos de impasse. O Brasil, impulsor fundamental, emergiu como grande ganhador. O agronegócio e a indústria brasileira saem em vantagem com esta zona livre de comércio. A previsão é de ganhos de 0,46% no PIB até 2040, com aumentos nos investimentos e saldo comercial positivo.

A Europa, dividida, atordoad a sem saber qual é o seu lugar num mundo tripolar liderado pelos EUA, Rússia e China, só não foi trapaceada porque teria mais a perder se ficasse de fora. Vai ter de lidar com a forte contestação interna, sobretudo de agricultores e soberanistas, mas não tem alternativa — as ameaças de Trump ajudaram que caísse nos braços da América Latina. Mais uma vez, o Brasil forçou a barra, sem medo, e ganhou. É isto que faz falta à Europa, e ainda mais a este Portugal atávico e enquistado na ponta do continente: firmeza e arrojo.

*

PS: Esta é a minha primeira coluna na Folha. Acuso a responsabilidade e prometo rigor, independência e compromisso inabalável com os valores democráticos. Obrigada por me receberem a bordo deste enorme porta-aviões de bom jornalismo!

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Mafalda Anjos / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli

CNJ decide que exclusão de juíza que brigou com filho de governador de SC é ilegal

Margani de Mello saiu de lista de promoção para desembargadora após queixa de perturbação de sossego por Filipe Mello em 2025

Kalil de Oliveira

FLORIANÓPOLIS O CNJ (Conselho Nacional de Justiça) decidiu que a exclusão da juíza Margani de Mello da formação de lista triplíce para vaga de desembargadora do Tribunal de Justiça de Santa Catarina foi ilegal e determinou que a magistrada seja incluída em novo processo.

Margani foi excluída após o filho do governador Jorginho Mello (PL), o advogado Filipe Mello, denunciá-la por perturbação ao sossego em setembro de 2025. Na época, o comandante-geral da Polícia Militar de Santa Catarina, Emerson Fernandes, enviou um ofício relatando os acontecimentos à Corte.

Procurado pela reportagem, o Tribunal de Justiça alegou segredo de Justiça, disse que não comenta decisões do CNJ e se limita a cumprir decisões do órgão.

O filho do governador, que mora no andar acima da juíza num edifício em uma área rica de Florianópolis, acionou a polícia na madrugada de 27 de setembro.

Na ocorrência, foram mobilizados doze policiais militares —alguns do pelotão tático— e várias viaturas, segundo imagens obtidas pela Folha e relatos de testemunhas. A reportagem entrou em contato com Filipe Mello na ocasião, mas ele não respondeu.

Um mês e oito dias depois, a juíza e seus colegas foram surpreendidos na votação dos nomes cotados para promoção a desembargadora. O corregedor-geral de justiça, o desembargador Luiz Antônio Zanini Fornerolli, leu o relatório da sindicância aberta após receber o ofício da PM.

O documento, que era sigiloso, foi lido na íntegra, inclusive partes que diziam que ela estava “alterada” por causa de “bebidas alcoólicas ingeridas”. Em seguida, Fornerolli recomendou o voto contrário nela. Dos 79 desembargadores, Margani obteve o voto de apenas 19, sendo, assim, excluída da lista.

A magistrada considerou ter sido prejudicada e recorreu ao CNJ. Ela afirma que teve o direito à defesa e presunção de inocência negados, além de ter sido alvo de discriminação de gênero.

A conselheira Renata Gil de Alcantara Videira, do CNJ, argumentou que a recomendação para que Margani não fosse promovida foi ilegal e ignorou seu “histórico disciplinar ilibado.”

“Reafirmo que a leitura integral de relatório de sindicância sigilosa, em sessão pública, amplamente divulgada, com exposição de dados pessoais e de aspectos da vida privada da magistrada, em momento anterior ao exercício



A juíza Margani de Mello, que atua em Santa Catarina, e se envolveu em briga com filho do governador Associação dos Magistrados Catarinenses

da defesa e à formação de qualquer juízo definitivo, excedeu os limites da razoabilidade e da legalidade”, decidiu.

A conselheira decidiu não anular as promoções efetivadas em novembro, mas determinou que a juíza seja incluída em novo processo.

Margani de Mello foi acusada de duas infrações. A primeira seria perturbação ao sossego, que supostamente não teria cessado após a chegada dos policiais. A outra seria usar do prestígio do cargo para tentar obter vantagem ilícita, além de tentar constranger os policiais. Ela ne-

ga as acusações.

A juíza conta que chegou em casa por volta de 0h30 daquela noite de setembro, acompanhada do marido e de outros três casais. “Foi ligado o som ambiente na sala, onde conversávamos. Todas as portas estavam fechadas”, diz. A sindicância que deu origem ao relatório da Corregedoria, no entanto, afirma que eram mais de dez convidados e que a emissão de som estava em “volume excessivo”.

Em seguida, o interfone teria tocado. “Me parece que era o porteiro, mas não sei dizer. Daí em diante, quem lidou com a situação foi meu marido. Em seguida chegou a PM.”

De acordo com a polícia, o vizinho, filho do governador, teria acionado o porteiro e o síndico. Mas, devido à suposta recusa em diminuir o volume, Filipe desceu até a calçada, segundo o relatório, e acionou policiais que faziam patrulhamento na região.

Em 10 de novembro, Filipe Mello se reuniu com Margani e seu marido, Ghesler Cavalcanti Soares, e extinguiram o termo circunstanciado (registro de infrações de menor potencial ofensivo). “O encontro foi marcado pelo respeito mútuo e pelo espírito de conciliação”, diz nota divulgada na época.

A juíza diz desconhecer se haveria razões para Filipe ou o governo de seu pai quererem prejudicá-la.

A Polícia Militar foi questionada sobre o envio do ofício ao Tribunal de Justiça, mas disse que não iria se manifestar, alegando que busca um bom relacionamento institucional com a Corte.

Jorginho Mello tentou nomear filho para Casa Civil do estado

O governador Jorginho Mello (PL-SC) nomeou o filho, o advogado Filipe Mello, para chefiar a Casa Civil de Santa Catarina sob seu comando em janeiro de 2024. Após críticas, o Governo estadual divulgou nota afirmando que não haveria impedimento legal para que Filipe assumisse o cargo e disse que a nomeação se baseava em mérito. Poucos dias depois, a Justiça de SC acatou pedido do PSOL e determinou a suspensão da medida, afirmando que feria os princípios da moralidade e da impessoalidade, mas a decisão foi revertida na segunda instância. Apesar da vitória, o advogado anunciou que desistia de assumir a vaga, por entender que a gestão não precisava de “polêmicas infrutíferas”, afirmou nas redes sociais.



mercado
pago

PATROCINADOR OFICIAL DO
**Big Brother
Brasil**

O doBBBro do prêmio no BBB e benefícios em doBBBro para você.

Aproveite os benefícios em dobro do
Mercado Pago durante o Big Brother Brasil 2026.



Abra sua conta!



Cartão de crédito sujeito a análise de crédito. O cashback do cartão é em Meli Dólar. Válido até 23/02/2026, exclusivo para assinantes Meli+ em compras elegíveis com o cartão de crédito Mercado Pago. Limites e parceiros indicados no regulamento, disponível em <https://mercadopago.com.br/campanha/cashback>. ©2026 TM Endemol Shine Group B.V. sob licença Globo

política

Órgão criado por Messias mira de post de taróloga a defesa de Galípolo

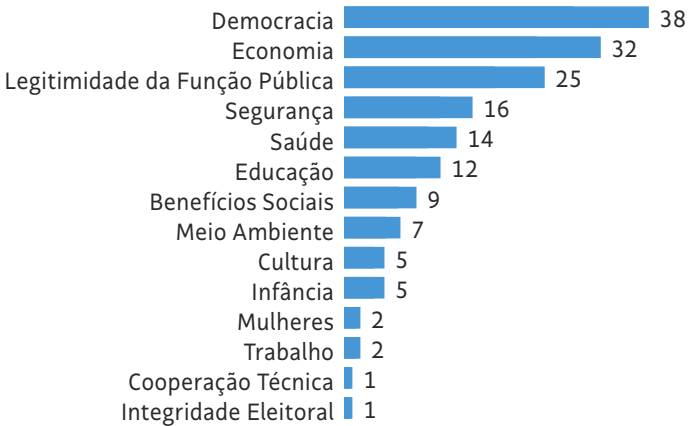
Procuradoria voltada ao combate à desinformação, criticada por opositores, atua também na remoção de conteúdos sobre integrantes e programas do governo

João Pedro Abdo

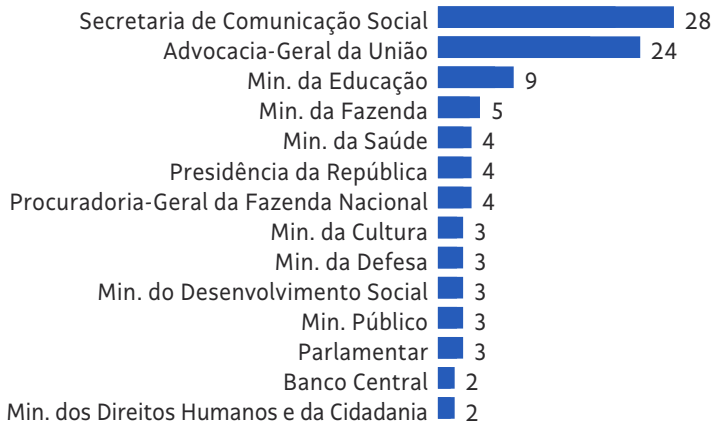
SÃO PAULO Criada há três anos pelo advogado-geral da União, Jorge Messias, sob protestos da oposição, a PNDD (Procuradoria Nacional de Defesa da Democracia) já atuou em centenas de casos, que incluem remoção de post de taróloga e desinformação sobre programas e membros do governo. Indicado ao STF (Supremo Tribunal Federal), Messias enfrenta resistência no Senado. Sua indicação é tratada por opositores como escolha política do presidente Lula (PT). A PNDD, que integra a AGU (Advocacia Geral da União), atua representando a União em demandas judiciais e extrajudiciais que envolvam desinformação sobre políticas públicas e membros do governo e foi tachada por seus críticos de instrumento de censura quando anunciada, em 2023. Composta por dez advogados da União e dois servidores, ela depende da provocação de outras áreas do Executivo, como ministérios, bancos públicos e fundações, para atuar. Com base nos dados fornecidos à **Folha**, foram identificadas 108 atuações extrajudiciais aceitas pelo órgão de 2023 a dezembro de 2025. As solicitações de remoção de conteúdo incluíram a postagem de uma taróloga no Instagram. Ela afirmava que Lula estaria morto há anos e havia sido substituído por um sósia. A Meta, dona da plataforma, não removeu o conteúdo por considerar não haver violação aos termos de uso. A procuradoria também atuou em casos envolvendo membros do governo. Em nove, houve uso de inteligência artificial, incluindo vídeos com deepfake. Seis desses pedidos foram atendidos. Eles envolviam imagens dos ministros Simone Tebet (Planejamento) e Fernando Haddad (Fazenda), do vice-presidente Geraldo Alckmin, do assessor da presidência Celso Amorim e do presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo. O Portal da Transparência mostra que, em 2025, o programa de

Atuação extrajudicial da Procuradoria de Defesa da Democracia

Temática do conteúdo



Quem solicitou a atuação da Procuradoria de Defesa da Democracia*



Banco do Brasil, Conselho Federal de Odontologia, Indústrias Nucleares do Brasil, Ministérios das Cidades, Ministério da Igualdade Racial, Ministério da Justiça, Ministério do Meio Ambiente, Ministério de Minas e Energia, Ministério dos Povos Indígenas, Ministérios das Relações Exteriores, Ministério do Trabalho e Emprego, Polícia Rodoviária Federal, Safernet Brasil e Vice-presidência foram responsáveis por uma solicitação cada. * Uma atuação pode ter mais de um órgão demandante. Fonte: AGU

“defesa da democracia e segurança jurídica para inovação em políticas públicas” custou R\$ 430 milhões. O valor é cerca de 8,5% do empenhado pela AGU. Em nota, a AGU afirmou que, como parte da Procuradoria-Geral da União, a PNDD não tem orçamento autônomo. A pasta não confirmou se o valor do programa mencionado foi exclusivamente gasto com a procuradoria. A decisão do STF sobre o Marco Civil da Internet afetou a taxa

de sucesso ao “estabelecer critérios mais claros e oferecer maior segurança jurídica”, afirmou o órgão à **Folha**. Segundo a nota, a efetividade “ficou em torno de 70%, mas cresceu e atualmente se encontra em 90%”. O Supremo decidiu, em junho de 2025, aumentar a responsabilidade das plataformas sobre a atividade dos usuários. Agora, elas devem remover proativamente certos tipos de conteúdos. O advogado João Paulo Bachur,

Órgão atendeu a pedidos da Saúde e sobre enchentes

Os dados mostram que a PNDD agiu em três solicitações do Ministério da Saúde. Elas incluíam uso indevido de marca do governo para divulgação de cursos. Houve atuação também contra desinformação sobre campanha de imunização e suspeita de venda ilegal dos dados digitais de pacientes. A procuradoria também agiu em relação à atuação do governo federal e do Exército durante as enchentes do Rio Grande do Sul, em 2024. Houve pedidos de remoção de postagens e de direito de resposta, sendo todos atendidos parcial ou integralmente pelas plataformas.

R\$ 430 milhões

foi o valor destinado ao programa de “defesa da democracia e segurança jurídica para inovação em políticas públicas” da AGU em 2025, segundo o Portal da Transparência

doutor em ciência política pela USP e professor do IDP, defende os critérios para retirada espontânea dos conteúdos. Em casos em que é necessária notificação, ele afirma que a procuradoria pode evitar o que chama de “o ver notification: um excesso de pedidos descentralizados, de diversos órgãos públicos, “que leva a plataforma a criar uma camada de indiferença em relação a alguns pedidos”. Elival da Silva Ramos, professor de direito constitucional da USP, concorda que o combate à desinformação sobre membros do governo pode fazer parte do escopo de atuação da AGU. Por outro lado, ele discorda da necessidade de uma procuradoria específica. “Eu acho que uma atuação maciça nesse campo [da desinformação] compromete o debate democrático. Isso não quer dizer que, pontualmente, não possa haver um caso grave que prejudique uma política pública”, afirma. Para Ramos, é dispensável combater informações flagrantemente falsas, como o caso da taróloga. “É óbvio que não tem nenhuma necessidade de usar a máquina para isso”, diz. Vitor Blotta, doutor em filosofia do direito pela USP e professor da ECA (Escola de Comunicação e Artes), afirma que a desinformação sobre membros do governo não é necessariamente um ataque à democracia. Mas, “se a desinformação sobre políticas públicas afeta interesses públicos, como em políticas de vacinação ou em programas sociais como Bolsa Família, há justificativa para medidas extrajudiciais e judiciais enérgicas”, diz. Ele também afirma que a remoção de conteúdos específicos no combate a desinformação deve ser evitada. “O Estado deve se concentrar num combate mais sistêmico e ligado à eventual desmonetização de posts e perfis.” O advogado André Marsiglia, crítico da criação da procuradoria, aponta o que seria inércia do órgão ante ataques virtuais sofridos pelo BC e por Galípolo, no caso do Banco Master. A procuradoria afirmou que não foi provocada a atuar no caso e que não pode agir de ofício. O tema econômico foi o segundo mais frequente entre as atuações extrajudiciais, com 32 menções que correspondem a quase 29,6% do total. Nove dessas envolveram conteúdos sobre autoridades públicas considerados desinformativos. Galípolo aparece em duas solicitações.

Discurso de ódio contra nordestinos cresceu 821% na eleição de 2022

AGÊNCIA FAPESP Um estudo desenvolvido pelo grupo interfaces da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) observou que a xenofobia contra nordestinos nas redes sociais cresceu 821% na última eleição presidencial, em 2022, apontando padrões de discurso de ódio recorrentes. A pesquisa quantificou, com métodos computacionais, o fenômeno do preconceito regional nas redes sociais, analisando 282 milhões de tuítes postados

entre julho e dezembro de 2022. O estudo revelou que, à medida que o pleito eleitoral se aproximava, termos pejorativos passaram a aparecer cada vez mais associados à palavra “nordestino” nas publicações do Twitter (atual X). No mês de outubro, quando ocorreram os dois turnos da eleição, a proporcção de postagens mencionando o Nordeste triplicou em relação aos meses anteriores. O trabalho contou com finan-

ciamento da Fapesp e foi publicado em artigo na revista científica GEMInIS. Os dados mostraram uma progressão clara: em julho de 2022, início do período analisado, palavras neutras ou geográficas predominavam nas menções ao Nordeste: termos como “sertão”, “interior” e nomes de Estados. Em setembro, a palavra “pobre” saltou de uma associação de 57% para 67% com “nordestino”. Em outubro, mês das eleições,

282 milhões

foi o número de tuítes publicados entre julho e dezembro de 2022 que foram analisados para quantificar o preconceito regional nas redes sociais

surgiram pela primeira vez as palavras “íngrato” (64% de associação) e “analfabeto” (59%). As palavras pejorativas não foram pré-selecionadas pelos pesquisadores, mas surgiram da análise computacional dos dados. “Isso é uma evidência de que os textos coletados sob as condições dessa pesquisa contêm sentenças que associam nordestinos e o Nordeste brasileiro às ideias associadas com tais palavras-chave”, afirmaram os cientistas.

Fundos de previdência com patrimônio líquido acima de R\$ 1 bilhão

Fundo	Taxa de administração	Patrimônio líquido, em R\$	Rentabilidade em 36 meses, (CDI de 43,1%)
Brasilprev RT Fix Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	2,5%	1.654.304.985,25	33,50%
Brasilprev RT Fix II Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	2%	1.700.183.676,19	33,01%
Brasilprev RT Fix III Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	2%	3.262.715.871,22	33,03%
Brasilprev RT Fix IV Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	2%	3.946.651.134,30	33,04%
Brasilprev RT Fix V Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	2%	8.161.929.759,08	33,06%
Brasilprev RT Fix VI Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	2%	4.216.619.060,02	35,54%
Brasilprev RT Fix X Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,8%	9.075.292.154,80	33,86%
Brasilprev RT Fix C Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,8%	1.096.464.759,65	34,63%
Caixa Pós Fixado 150 Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa Previdenciário	1,8%	1.548.608.967,91	34,64%
Caixa Pós Fixado 180 Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa Previdenciário	1,8%	1.145.260.338,51	34,64%
Caixa Pós Fixado 200 Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa Previdenciário	1,8%	2.084.892.119,50	34,65%
Caixa Pós Fixado 250 Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa Previdenciário	1,8%	3.807.433.066,00	34,68%
Itaú Flexprev I Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,8%	5.891.384.203,69	36,36%
Itaú Flexprev Special Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,5%	34.383.539.290,40	35,08%
Itaú Flexprev Special II Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,5%	1.112.369.747,63	35,60%
Itaú Flexprev Investors Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,5%	1.327.362.548,87	37,27%
Itaú Flexprev Master Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,5%	10.399.355.588,52	37,60%
Itaú Flexprev Plus Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,3%	35.442.729.284,84	36,10%
Itaú Flexprev Ultra Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa	1,3%	2.178.864.216,42	36,50%
Santander Prev Fix Executivo Resp Limitada FIF CIC Renda Fixa Crédito Privado	1,0%	12.661.759.145,90	37,11%

Fonte: Rico

Taxa elevada em plano de previdência pode consumir quase 40% da aposentadoria

Escolher percentual de 2% em vez de 0,5% ao contratar fundo pode significar renda futura R\$ 1.500 menor, mostra simulação

Maeli Prado

SÃO PAULO Uma decisão desinformada tomada no presente pode custar quase 40% do valor que o investidor receberá do seu plano de previdência no futuro, em um risco relacionado às taxas de administração elevadas cobradas por fundos com bilhões de reais sob gestão.

Muitas dessas aplicações são voltadas à renda fixa conservadora e possuem uma gestão simplificada, o que em tese deveria significar uma remuneração menor. Mas não é o que acontece: os maiores fundos de previdência cobram taxas que variam entre 1% e 2,5%.

Um simulador da startup de educação previdenciária LongevPrev ajuda a explicar o tamanho do impacto das taxas, que são cobradas sobre o patrimônio líquido.

Se escolher um fundo com taxa de 0,5%, um investidor de 20 anos que aplica R\$ 1.000 mensais terá uma renda de R\$ 3.810 ao longo de duas

décadas quando fizer 65 anos —a conta considera um período de acumulação de 45 anos e juros reais médios de 3% ao ano.

Já se o investidor optar por um fundo com taxa de 2% nessas mesmas condições, essa aposentadoria cairá para R\$ 2.312, 39,3% a menos e uma diferença de quase R\$ 1.500. Isso acontece porque a taxa de administração come um pedaço da rentabilidade do fundo.

Para Arlete Nese, cofundadora da LongevPrev ao lado do economista e especialista em previdência Fabio Giambiagi, as simulações da startup ajudam a mostrar a necessidade de se olhar com lupa a taxa cobrada pelo plano de previdência, uma aplicação de longuíssimo prazo e que têm como objetivo garantir nada menos que a aposentadoria.

A LongevPrev construiu o simulador com o objetivo de facilitar a avaliação de quanto é necessário guardar para a aposentadoria, dependendo da renda pretendida, o capital inicial,

a idade em que a pessoa começa a poupar e com quantos anos pretende parar de trabalhar.

A ferramenta permite calcular essa mesma contribuição em diferentes premissas, como taxa de administração, juros reais, inflação e tempo de usufruto estimado, entre outros parâmetros.

“O impacto que as taxas podem ter sobre o patrimônio do fundo é assustador”, diz ela. “Elas remuneram o gestor, mas em muitos casos os investimentos são feitos em produtos simples, como títulos de curto prazo, CDBs [Certificados de Depósito Bancário], Selic. Isso não requer grande expertise, e o investidor é penalizado pela taxa.”

Dados de junho do Ministério da Previdência Social ajudam a ilustrar esse ponto. Entre as entidades abertas de previdência complementar, 68,9% dos investimentos têm como indexador a taxa básica de juros, a Selic. Quando se olha o prazo, 81% das instituições investem em aplicações de até cinco anos.

Continua na pág. A14

NENHUM TRABALHO SEM DIREITOS DE VERDADE.

Não importa o tempo à disposição do aplicativo, Christiane só recebe por corrida realizada. Isso prolonga sua jornada de trabalho.

A precarização desse tipo de trabalho é coisa séria.

CHRISTIANE

MOTORISTA DE APLICATIVO

WWW.DIREITOSDEVERDADE.COM

QUE IMPOSTO É ESSE

Benefício fiscal agora tem prazo, meta e avaliação

Nova lei é passo importante, embora tímido, para melhorar a gestão de incentivos

Eduardo Cucolo

Repórter de Mercado, foi secretário de Redação em Brasília

O Brasil deu um passo importante, embora tímido, para melhorar a gestão dos seus benefícios tributários. Uma lei sancionada pelo presidente Lula no fim de 2025 diz que propostas de concessão, ampliação ou prorrogação desses incentivos devem estar acompanhadas de estimativa do número de beneficiários, ter prazo de vigência de até cinco anos, além de metas de desempenho e mecanismos de monitoramento e avaliação de resultados.

Se os objetivos não forem atingidos (ou a avaliação não for realizada), não será possível prorrogar o benefício.

Em relação às desonerações existentes, a lei promove um corte geral de 10%. Governo federal e Congresso optaram por uma redução linear, sem avaliar o mérito de cada uma dessas políticas. Evitaram um corte no Orçamento de 2026, que atingiria também emendas parlamentares. Ficaram de fora benefícios protegidos pela Constituição, como o Simples e a Zona Franca de Manaus.

A coluna conversou sobre o tema com o professor da FGV Ebape (Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas) Paolo de Renzio. Ele é um dos autores de trabalho conjunto da Fundação e da organização MaisProgresso.org que identificou princípios para melhorar a gestão dos incentivos fiscais no Brasil. O objetivo é criar uma espécie de arcabouço ou lei de responsabilidade dos gastos tributários.

A nova legislação está longe de alcançar esse objetivo, diz o especialista, mas traz avanços na direção de uma gestão mais responsável desses benefícios.

Para ele, a redução é importante. Não só para fechar a conta do Orçamento do ano que vem mas também porque o Brasil está com um patamar de gasto tributário alto, estimado em 7% do PIB. Focar esse tipo de solução, no entanto, significa “atacar os sintomas (o problema fiscal) sem olhar para a doença”.

O trabalho da FGV mostra que nenhum país, exceto a Coreia do Sul, tem uma lei que abrange todos os elementos necessários para uma boa gestão dos benefícios tributários.

Assim como ocorre com uma despesa orçamentária, o gasto tributário precisa ter meta, um órgão gestor, ser monitorado e ter seus resultados avaliados, com prestação de contas.

Se fosse possível demonstrar que todos esses gastos tributários levam a atingir objetivos legítimos e importantes de políticas públicas, o tamanho em si não seria um problema, afirma Renzio. No caso da saúde, por exemplo, é possível questionar se a despesa orçamentária permite ou não garantir cobertura universal e qual a qualidade dos serviços básicos. No gasto tributário não tem como fazer essas perguntas e ter uma resposta clara, afirma.

Um ponto positivo no Brasil é a transparência em relação ao valor das desonerações no nível federal e em alguns estados, como Rio Grande do Sul e, mais recentemente, São Paulo. O Ministério do Planejamento também possui um Comitê de Monitoramento e Avaliação das Políticas Públicas que já fez mais de 30 relatórios, com sugestões que enfrentam dificuldades para avançar no Congresso.

Para Renzio, uma boa gestão do gasto tributário traria pelo menos três benefícios ao país: fiscal, de equidade (acabando com privilégios injustificáveis) e de efetividade dessas políticas públicas.

Cortes de benefícios também precisam ser acompanhados por reduções de alíquotas para evitar aumento da carga tributária. Atualmente, tal mecanismo só está previsto na legislação da reforma tributária.

Gasto tributário precisa ter meta, um órgão gestor, ser monitorado e ter resultados avaliados

Taxa elevada em plano de previdência pode consumir quase 40% da aposentadoria

Continuação da pág. A13

Segundo Nese, a taxa de administração média cobrada pelos fundos de previdência complementar aberta no Brasil corroeu cerca de 15% do patrimônio desses investimentos apenas no período entre 2015 e setembro de 2024, com a taxa de administração média variando entre 1,45% e 1,36%.

Entre os grandes fundos, que deveriam ter taxas menores por causa dos ganhos em escala, as taxas são ainda maiores, o que explica sua rentabilidade reduzida.

Um levantamento feito pela corretora Rico mostra que nenhum dos 20 fundos de previdência com patrimônio acima de R\$ 1 bilhão superou o CDI (Certificado de Depósito Interbancário), que é a referência da rentabilidade da renda fixa, nos últimos 36 meses. As aplicações, dos bancos Banco do Brasil (BrasilPrev), Itaú Unibanco, Caixa e Santander, possuem taxas de administração entre 1% e 2,5%.

Antônio Sanches, analista de research da Rico, aponta que é importante o investidor saber o quanto da rentabilidade do fundo é reduzida pela taxa de administração.

“Quando o investidor olha a rentabilidade, é importante saber que ela já desconta esse custo, que entra como custo operacional, para que ele possa manter sua estrutura e contratar funcionários”, afirma.

Ele lembra que, por muitos anos, os fundos de previdência dos grandes bancos, que em geral optam por uma gestão extremamente conservadora, eram praticamente a única opção do mercado.

“Esses fundos escolhem investimentos de pouco risco, e não conseguem superar o CDI por causa da taxa de administração”, diz. “Com o movimento de democratização de investimentos, isso tem mudado um pouco. Você vê novos fundos de previdência com estratégias mais sofisticadas e que focam em uma rentabilidade um pouco maior.”

Para Sanches, diversificar a previdência em um número maior de fundos pode ser uma boa estratégia, assim como optar pela portabilidade caso o investidor esteja insatisfeito com o seu plano.

“O investidor pode procurar previdências similares com taxas mais competitivas, oferecendo retornos maiores.”

Procurados, o Santander e o Itaú Unibanco não comentaram. Banco do Brasil e Caixa não haviam respondido até o fechamento da reportagem.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Roberto Campos Neto / Marcos Lisboa / Candido Bracher / Ana Paula Vescovi

SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo / Michael Viriato **TER.** Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon

QUA. Bernardo Guimarães / Jerson Kelman, Vinicius Torres Freire **QUI.** Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva

SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire **SÁB.** Marcos Mendes / Laura Müller Machado

Um terço das instituições financeiras pretende estruturar fundos sustentáveis, diz pesquisa

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Matheus dos Santos

CAMPINAS Um terço (33%) das instituições financeiras pretende estruturar ou gerir fundos sustentáveis no próximo ano, enquanto 26% planejam investir em títulos temáticos. Os dados são de um estudo da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), em parceria com o Datafolha.

A pesquisa também aponta que quatro em cada dez gestoras (38%) afirmam ter excluído ou deixado de investir em ativos em razão de mau desempenho em critérios ESG (ambientais, sociais e de governança).

Segundo o levantamento, a incorporação desses critérios é vista sobretudo como uma ferramenta de proteção. Para 51% das gestoras, a gestão de riscos é o principal motivo para considerar fatores ESG nas decisões de investimento, à frente de razões como diretrizes institucionais (26%) ou dever fiduciário (12%) —quando um gestor tem o dever de agir no melhor interesse de um cliente, por exemplo.

Ainda de acordo com o estudo, 78% das instituições consideram fatores ESG ao tomar decisões. Entre os critérios mais observados estão transparência (88%), ética (87%), segurança da informação (76%) e qualidade do conselho de administração (68%).

Cacá Takahashi, diretor da Anbima e coordenador da Rede Anbima de Sustentabilidade, diz que quanto maior o risco percebido (como má governança ou falta de transparência), maior é o retorno exigido ou menor a exposição da gestora ao ativo.

“Quando você olha para a estrutura de um conselho de administração sem pessoas especializadas, o risco de o negócio

não evoluir é grande. A agenda ESG amplia as ferramentas que os gestores têm para avaliar esse risco”, diz. Segundo ele, isso ajuda a proteger o investidor contra problemas de desempenho de ativos, como fundos.

O levantamento classifica instituições em cinco estágios de maturidade em ESG: desconfiado, distante, iniciado, emergente e engajado. Os dois níveis mais avançados somam hoje 39% das gestoras, percentual superior ao registrado na edição anterior.

As instituições classificadas como emergentes, que já encaram a sustentabilidade como um compromisso ESG, passaram de 22% para 28%. Já as consideradas engajadas (que integram a agenda ESG à estratégia do negócio, com coerência entre discurso e prática) subiram de 7% para 11%.

Entre as empresas nesse último grupo, 95% afirmam contar com políticas formais de investimento responsável.

A pesquisa salienta que como a adoção de critérios ESG é, em grande parte, voluntária no mercado brasileiro, o avanço indica amadurecimento do setor.

O avanço de fundos de investimento sustentável (IS) também é um reflexo disso. Segundo dados da Anbima, o patrimônio dessa classe de ativos chegou a R\$ 44,5 bilhões em dezembro de 2025, alta de 79% em relação ao mesmo período de 2024.

Pela classificação da entidade, um fundo IS tem como objetivo proteger, contribuir, evitar danos ou degradações, gerar impacto positivo e/ou assegurar direitos em questões ambientais, sociais e de governança.

Apesar do avanço, a percepção sobre a relevância da sustentabilidade perdeu força em relação a anos anteriores. Atualmente, 68% das gestoras avaliam que o tema ganhará espaço no próximo ano. Em 2021, eram 90%.



Torres eólicas na Chapada Diamantina Rafaela Araújo - 9.mar.25/Folhapress



O ex-dono do Banco Master, Daniel Vorcaro, e o um dos principais sócios da instituição financeira, Augusto Lima, que foi preso após operação da PF Divulgação Banco Master

BC autorizou banco para ex-sócio do Master quando já suspeitava de fraudes com crédito

Defesa diz que Augusto Lima não participava das decisões da instituição; autoridade monetária não comenta

Alexa Salomão

SÃO PAULO Ainda no meio das investigações para apurar se o Banco Master vendeu carteiras de crédito falsas, o BC (Banco Central) aprovou em julho de 2025 a transferência de um banco para um dos suspeitos de participar da fraude, o empresário Augusto Lima, que já foi um dos principais sócios do Master.

Lima foi preso junto com executivos do Master, incluindo o controlador Daniel Vorcaro, em 17 de novembro do ano passado, dentro da Operação Compliance Zero. Ambos foram soltos e estão com tornozeleira eletrônica. Lima e outros executivos do banco foram intimados pela PF (Polícia Federal) para prestar depoimento de 26 a 28 de janeiro.

As suspeitas sobre fraudes nas carteiras de crédito consignado do Master, negócio ligado a Lima, acenderam o alerta no BC em março do ano passado, de acordo com documentos do BC e de decisões judiciais revisados pela Folha. A denúncia do regulador para o MPF (Ministério Público Federal) relatando indícios de crimes foi feita em 15 de julho. O sinal verde para o ex-sócio comprar o banco ocorreu em 24 de julho.

O empresário obteve o controle do Banco Voiter, antigo Indusval, uma instituição financeira que encerrou 2024 com R\$ 7,5 bilhões em ativos e que era controlado pelo Master desde fevereiro de 2024. Sob o comando de Lima, o nome da instituição mudou para Banco Pleno, que tem como foco no segmento de empresas.

Após sua prisão, Lima foi afastado do dia a dia do Pleno pelo BC, enquanto o banco segue operando normalmente.

O ponto de partida das investigações foi um fluxo atípico de R\$ 12,2 bilhões do BRB para o Master, como pagamento pelas carteiras de crédito consignado nos primeiros meses de 2025.

A autarquia pediu explicações sobre a origem por meio de um ofício, e o Master respondeu, em 25 de março, que os créditos haviam sido originados por duas associações de servidores da Bahia: a Asteba (Associação dos Servidores Técnico-Administrativos e Afins do Estado da Bahia) e a Asseba (Associação dos Servidores da Saúde e Afins da Administração Direta do Estado da Bahia). Elas teriam concedido crédito consignado do parceiro Master a seus integrantes.

Após uma varredura, a autarquia concluiu que as entidades não tinham condições de gerar tanto dinheiro e voltou a questionar o Master. Em resposta, o banco disse que tinha, desde janeiro, um novo parceiro para ofertar crédito consignado. A partir daí, o BC apurou mais uma sequência de outras irregularidades que só piorou a situação dos envolvidos.

A decisão que autoriza as prisões afirma que há indícios de que Lima tinha um esquema com as entidades da Bahia. Ele possuiu procuração para atuar como representante delas junto às instituições financeiras. O telefone de contato delas era o mesmo de uma empresa de Lima na Receita. Asteba e Asseba também foram alvo de busca e apreensão.

Quem é Lima

Augusto Lima é de Salvador (BA), onde é conhecido pela proximidade e pelo bom trânsito com os políticos baianos, especialmente do PT —apesar de o Master ser

apontado como um banco de políticos do centrão e Lima ser casado, desde 2024, com Flávia Peres, ex-ministra-chefe da Secretaria de Governo da Presidência da República de Jair Bolsonaro.

Sua trajetória no setor bancário começa na Ebal (Empresa Baiana de Alimentos), estatal privatizada durante o governo de Rui Costa, em 2018. A partir do braço financeiro da Cesta do Povo, que fazia parte dos ativos, Lima reestruturou um cartão de compras e criou o Credcesta, benefício consignado, com desconto em folha, para servidores ativos, aposentados e pensionistas.

Ainda naquele ano, Lima fez um acordo com Master para compartilharem o Credcesta. Ele tornou-se sócio do banco em 2020, fortalecendo a expansão do cartão por quase todo o Brasil. Ele era reconhecido como o homem do crédito consignado no Master.

Em 2024, o Credcesta estava em 176 municípios de 24 estados. As demonstrações daquele ano destacaram que o banco tinha crescimento expressivo na base de crédito consignado federal (INSS).

Inicialmente, a estratégia de venda de carteiras para elevar a liquidez foi puxada por operações com o Credcesta. A intensidade das operações no final de 2024 foi tal que acabou alimentando queixas. Reportagem da Folha mostrou a insatisfação de pessoas, que em alguns casos não reconheciam a contratação do crédito repassado ao BRB.

Com a compra do Voiter, Lima também levou a corretora Inter-cap e recuperou a totalidade do Credcesta, agora no Banco Pleno, que está operando com servidores municipais e estaduais.

Em outubro de 2025, o INSS



Outro ex-sócio da instituição ficou sem banco

No mesmo 24 de julho em que aprovou a transferência de controle do Voiter para Lima, o BC negou a transferência do Letsbank para Maurício Quadrado, que havia ingressado no Master em 29 de setembro de 2020 e saído em 26 de setembro de 2024. Segundo documento do BC, o comprador não conseguiu comprovar capacidade financeira para assumir a instituição, nem a origem lícita dos recursos.

Quadrado sofreu busca e apreensão na quarta (14). Ele liderou a área de investimentos do Master e é dono da Trustee DTVM.

Essa corretora atuava como prestadora de serviços para o Master e foi alvo da operação Carbono Oculto por suspeita de operar com recursos de alvos ligados ao PCC. A assessoria de imprensa de Quadrado reforçou que o empresário sempre trabalhou dentro da lei.

suspendeu o convênio do consignado egresso do Master alegando ter encontrado irregularidades, como volume expressivo de reclamações sobre o produto e não cumprimento da instrução normativa —não apresentar autorização expressa do tomador de recursos, por exemplo.

Suspeitas na Bahia

Especialistas que já acompanharam transações bancárias afirmam que não há receita para analisar a transferência societária de um banco, mas vale o bom senso. A leitura é que um caso tão sensível como o do Master demanda checagem de todos os riscos.

“A transferência de ativos a ex-sócio, sobretudo em um momento sensível de uma investigação, impõe a ampliação do escrutínio. É indispensável verificar se esse ex-sócio atua como terceiro interposto, consciente ou não, para afastar o bem do alcance de credores, reguladores ou autoridades”, afirma José Andrés Lopes da Costa, sócio do DCLC Advogados, especialista em direito financeiro e de mercado de capitais.

“Ignorar o risco do ex-sócio seria deixar uma lacuna relevante na investigação. Não se trata de presumir culpa, mas de cumprir o dever técnico de apuração integral do fluxo patrimonial e de seus beneficiários, especialmente quando a transferência ocorre sob suspeita e em ambiente de forte assimetria informacional.”

Procurado pela Folha para explicar como se deu a análise de venda para um ex-sócio de Vorcaro, no meio de suspeitas de fraudes, a assessoria do BC disse que não comenta temas relacionados ao Master por causa do sigilo.

Continua na pág. A16

economia

BC autorizou banco para ex-sócio do Master quando já suspeitava de fraudes com carteiras de crédito

Continuação da pág. A15

Pessoas que acompanham o processo e não querem ter o nome citado dizem que os técnicos da autarquia têm reafirmado que todas as decisões relacionadas ao caso possuem sustentação legal.

Existe um regramento com grandes diretrizes sobre o processo de aprovação de controle de bancos, a resolução do CMN nº 4.970, de 2021. O básico é fazer avaliação de liquidez, solvência e background do grupo para onde será transferido. O proponente não pode ser alvo processo criminal ou inquérito policial. No histórico do caso que o BC apresentou ao Tribunal de Contas da União, a autarquia diz que aprovou a transferência do Voiter para Lima porque ele preencheu os requisitos da norma.

Outro tema controverso é a relação de Lima com o Master. O empresário era visto com frequência no banco. Reportagens em sites especializados e veículos de circulação nacional publicaram em mais de uma ocasião em 2025 que sua saída ainda precisava ser oficializada no Banco Central.

Dados oficiais são descontradados. O comunicado do BC sobre a liquidação do Master lista sócios e diretores, sem trazer o nome de Lima. Na sexta-feira (9), quando a Folha fez consulta ao site da Receita Federal, Lima ainda figurava como diretor do Master. A decisão judicial que autoriza a prisão qualifica Lima como sócio e diretor do Master — posições que a defesa dele nega.

“As operações sob investigação são posteriores à saída de Augusto Lima do Banco Master, ocorrida em maio de 2024, e não possuem qualquer relação com sua atuação profissional ou com decisões tomadas durante sua permanência na instituição”, afirmaram os advogados de Lima.

“Apuração deixará evidente a inexistência de vínculo entre Lima e os fatos examinados.”

A Folha conseguiu localizar o acordo para saída de Lima, assinado em 28 de maio de 2024. Ele se comprometeu a transferir a Vorcero 33, 3 milhões de ações ordinárias, que representavam 18,62% do capital social e seriam, diz o documento, seu total no banco.

Formulário de Referência divulgado pela Master Corretora com dados do início de 2024, mostrava que os três sócios do Master eram Vorcero, Maurício Quadrado e Lima, que tinha, então, 25,89% do banco. Ao final do ano, Lima e Quadrado já não apareciam, e o organograma passou a incluir um número maior de fundos na estrutura de controle, sem revelar quem é o investidor final por trás deles.



Soldados europeus em reunião durante exercício militar na Groenlândia, visada por Trump 16.jan.26/Divulgação Defesa Dinamarquesa via Reuters

UE prepara tarifas em retaliação à ameaça de Trump sobre a Groenlândia

Europa também pode restringir acesso de empresas americanas ao mercado do bloco; medida marca a crise mais grave nas relações transatlânticas em décadas

Henry Foy e Mercedes Ruehl

BRUXELAS E ZURIQUE | FINANCIAL TIMES
As capitais da União Europeia estão considerando impor tarifas no valor de 93 bilhões de euros aos EUA (cerca de R\$ 580 bilhões) ou restringir empresas americanas do mercado do bloco em resposta às ameaças de Donald Trump aos aliados da Otan que se opõem à sua campanha para assumir o controle da Groenlândia. A medida marca a crise mais grave nas relações transatlânticas em décadas.

As medidas de retaliação estão sendo elaboradas para dar aos líderes europeus poder de negociação em reuniões cruciais com o presidente dos EUA no Fórum Econômico Mundial em Davos esta semana, disseram autoridades envolvidas nos preparativos.

Eles estão buscando encontrar um compromisso que evite uma ruptura profunda na aliança militar ocidental, o que representaria uma ameaça existencial à segurança da Europa.

A lista de tarifas foi preparada no ano passado, mas suspensa até 6 de fevereiro para evitar uma guerra comercial total. Sua reativação foi discutida no domingo pelos 27 embaixadores da União Europeia, juntamente com o chamado instrumento anti-coerção (ACI), que pode limitar o acesso de empresas americanas ao mercado interno, enquanto o bloco debatia como responder à ameaça do presidente dos EUA com tarifas punitivas.

Trump, que exigiu permissão da Dinamarca para assumir o controle da Groenlândia, prometeu no sábado à noite impor tarifas de 10% até 1º de fevereiro sobre mercadorias do Reino Unido, Noruega e seis países da UE que enviaram tropas para

a ilha ártica para um exercício militar esta semana.

“Existem instrumentos claros de retaliação à disposição se isso continuar... [Trump] está usando métodos puramente mafiosos”, disse um diplomata europeu informado sobre a discussão. “Ao mesmo tempo, queremos pedir publicamente calma e dar a ele uma oportunidade de recuar.”

“A mensagem é... cenoura e chicote”, acrescentaram.

A França pediu que o bloco retalie com o ACI, que nunca foi usado desde sua adoção em 2023. A ferramenta inclui restrições de investimento e pode estrangular exportações de serviços como os fornecidos por grandes empresas de tecnologia dos EUA na UE.

Paris e Berlim estão coordenando uma resposta conjunta, com seus respectivos ministros das finanças devendo se reunir em Berlim na segunda-feira antes de viajarem para Bruxelas para um encontro com seus colegas europeus, disse um assessor do ministério francês.

“A questão também terá que ser abordada com todos os parceiros do G7 sob a presidência da França”, acrescentou a pessoa.

Embora muitos outros estados-membros da UE tenham manifestado apoio à exploração de como o ACI poderia ser implantado contra os EUA, a maioria pediu diálogo com Trump antes de emitir ameaças diretas de retaliação, disseram diplomatas informados sobre as discussões ao Financial Times. “Precisamos baixar a temperatura”, disse um segundo diplomata da UE.

Em um passo em direção à retaliação, os maiores partidos do parlamento europeu disseram que atrasariam uma votação planejada sobre medidas que teriam reduzido as tarifas

Entenda motivos de interesse de Trump na região

Recursos naturais
A Groenlândia possui vastas riquezas minerais que podem se tornar acessíveis com o derretimento do gelo, incluindo 66% das reservas não chinesas de terras raras pesadas, além de petróleo, gás, lítio, grafite, níquel e cobre, elementos vitais para a indústria de alta tecnologia e aplicações militares

Rotas comerciais
O aquecimento global tem reduzido o gelo marítimo em 30% nos últimos 40 anos, abrindo potenciais rotas marítimas no Ártico que conectam continentes, e Trump quer controlá-las

Geopolítica
Desde a Segunda Guerra Mundial, os EUA mantêm presença militar na Groenlândia, com radares e satélites essenciais para proteção contra ataques nucleares vindos da Rússia e China

da UE sobre produtos americanos como parte de um acordo comercial firmado no ano passado.

Trump, que estará no fórum suíço na quarta e quinta-feira, deve realizar conversas privadas com líderes europeus, incluindo a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, além de participar de uma discussão mais ampla entre países ocidentais que apoiam a Ucrânia.

“Queremos cooperar, não somos nós que estamos buscando conflito”, disse Mette Frederiksen, primeira-ministra da Dinamarca.

Conselheiros de segurança nacional se reunirão em Davos na tarde de segunda.

As conversas foram inicialmente definidas para se concentrar na Ucrânia e nas negociações de paz em andamento para encerrar a invasão russa do país, mas foram reformuladas para dar tempo para discutir a crise sobre a Groenlândia, disseram dois funcionários informados sobre os preparativos.

O ministério das relações exteriores da Suíça, que está hospedando o encontro, disse que “não comentará sobre participantes ou tópicos”.

As ameaças de Trump “certamente justificam o ACI, pois seria coerção exemplar”, disse um terceiro funcionário europeu. “Mas precisamos usar o tempo até 1º de fevereiro para ver se Trump está interessado em uma saída”, disseram, acrescentando que muito dependerá do resultado das conversas em Davos.

Autoridades europeias disseram que esperam que suas ameaças de retaliação aumentem a pressão bipartidária nos EUA contra as ações de Trump e resultem em seu recuo da promessa de tarifas.

‘Corredor Minas-Rio’ abre concessões de ferrovias em 2026 com rota para café

Trecho de 740 km vai testar modelo inédito de chamamento público; traçado subutilizado da Ferrovia Centro-Atlântica será retomado

INFRAESTRUTURA

André Borges

BRASÍLIA A concessão de trechos ferroviários para a iniciativa privada vai começar em 2026 com a oferta do “corredor Minas-Rio”, uma malha já existente –mas subutilizada– de 740 km de extensão que conecta as cidades mineiras de Arcos, Lavras e Varginha até os municípios fluminenses de Barra Mansa e Angra dos Reis. O traçado faz parte atualmente da malha da FCA (Ferrovia Centro-Atlântica), mas está quase inoperante e demanda investimentos para ampliações. O trecho será retomado pelo governo Lula (PT) e oferecido por meio de um “chamamento público”, um modelo inédito em que a administração pública oferece a malha ao mercado, condicionando essa operação a investimentos, mas sem exigir pagamentos à União (outorga). Com esse modelo, o governo federal pretende atrair investimentos privados para reaproveitar ferrovias existentes que foram abandonadas. O plano prevê um contrato de 99 anos de exploração ferroviária. Se o chamamento público atrair mais de um interessado, o governo escolhe a proposta que seja mais atrativa ao interesse público. A concessão total da FCA, feita 30 anos atrás, acaba em setembro de 2026. Com a proximidade do fim do contrato, parte desses trechos de mais de 7.000 km da ferrovia será devolvida à União. Por isso, o governo tem pressa em dar um destino a traçados que serão retomados, além de

viabilizar a prorrogação do contrato atual de parte da ferrovia com a VLI, que administra a FCA. O corredor Minas-Rio foi escolhido porque reúne fatores que têm potencial de atrair diferentes operadores de ferrovia. O trecho aponta demanda real de carga, tem estudos técnicos prontos, inspeções realizadas e uma decisão política de priorizar o projeto. Passou também a fazer parte do PPI (Programa de Parcerias de Investimentos). Na prática, isso significa que ele passa a ser tratado como prioridade política e institucional, sendo acompanhado diretamente pela Casa Civil da Presidência da República. Para o investidor, é mais um sinal de segurança. A diversificação de cargas, além do possível interesse turístico para transporte de passageiros, é uma das principais apostas. Os estudos já realizados apontam que o trecho pode se converter em uma nova rota de exportação para o café nacional. O sul de Minas é a principal região produtora do país, responsável por mais de um terço do café brasileiro. A ferrovia permitiria

R\$ 139,7 bilhões
valor projetado de movimentação de investimentos em obras na carteira do setor ferroviário

R\$ 516,5 bilhões
cifra esperada para a realização de operações do setor ferroviário no Brasil

ligar essa produção ao porto de Angra dos Reis, uma alternativa logística ao escoamento tradicional feito por rodovias e portos mais congestionados. Além do café, o corredor pode viabilizar a importação de fertilizantes e o transporte de cargas gerais. Atualmente, a malha inteira da FCA transporta 32 milhões de toneladas por ano, sendo a maior parte dessa carga formada por minério de ferro e insumos da siderurgia. Já no corredor Minas-Rio, a maior parte do volume envolve calcário, clínquer, dolomita e insumos industriais, com movimentação estimada em cerca de 1,7 milhão de toneladas em 2025. Pelos cálculos do governo, essa carga pode ultrapassar 2,5 milhões de toneladas anuais nas próximas décadas. O governo acredita que a oferta do corredor Minas-Rio como primeira autorização ferroviária pode se tornar um marco. O projeto vai funcionar como um teste do modelo para outras ferrovias que enfrentam problemas de subutilização ou fim de contrato. Ao todo, a carteira do setor ferroviário tem a expectativa de movimentar mais de R\$ 139,7 bilhões de investimentos em obras, além de R\$ 516,5 bilhões em operações. Além do chamamento público de trechos, o planejamento do governo federal está concentrado em oito traçados entre 2026 e 2027. A publicação de editais e as datas dos leilões estão distribuídas nos dois próximos anos e incluem obras totalmente novas, além de revitalização de trechos degradados e integração de corredores ferroviários e portos.

Fumaça dos FIDCs não pode ser ignorada

Fundos somam R\$ 1 tri e tornaram-se engrenagem do sistema financeiro

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

Imagine um sujeito que compra um carro por R\$ 90 mil e, no processo de divórcio, apresenta papéis ao juiz dizendo que o veículo (em posse da ex-mulher) vale R\$ 1,1 milhão. Sem restauração ou reparos. Apenas uma reavaliação conveniente. O exemplo é para ilustrar um intrigante episódio revelado recentemente no onipresente escândalo do Banco Master. Como noticiou o Valor Econômico, um conjunto de cédulas de crédito foi adquirido por um fundo ligado ao grupo por cerca de R\$ 850 milhões e, mais tarde, apareceu reavaliado em seu balanço por aproximadamente R\$ 10,8 bilhões. Doze vezes mais. No mundo real, ativos assim raramente se multiplicam dessa forma apenas porque alguém decidiu olhar para eles de outro ângulo. E me chamou a atenção o veículo escolhido para operar a mágica: um Fundo de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC). Os FIDCs já somam quase R\$ 1 trilhão em patrimônio e representam cerca de 7% de toda a indústria de fundos no Brasil —mais do que os fundos de ações. Tornaram-se uma engrenagem relevante do sistema financeiro. A explicação é estrutural: quase 75% do crédito no país passam pelos bancos. Mas a tendência é de redução dessa concentração, com o mercado de capitais assumindo uma fatia cada vez maior do financiamento da economia. Os FIDCs estão no centro dessa transição, antecipando créditos, na compra de recebíveis —contratos, duplicatas, parcelas futuras, precatórios. Compram com deságio e recebem o valor cheio lá na frente. A diferença remunera seus investidores. O problema é que para permitir a oferta de crédito para cadeias muitas vezes longas, pulverizadas e difíceis de auditar, os FIDCs dão bastante espaço para criatividade financeira. Isso gera bons e legítimos negócios, ao mesmo tempo que dá espaço para quem gosta de trabalhar longe do compliance. Por isso o investidor precisa entender o que, de fato, é feito dentro do FIDC em que ele aplica —ou em que tipos de FIDCs investe o fundo que recebe seu dinheiro. Não basta saber que é “crédito”. É preciso saber de onde ele vem, como é validado e o que acontece quando o fluxo esperado não se confirma. Além do caso das cédulas de crédito, que citei acima, vale citar também o exemplo da Fictor, mais uma envolvida no caso do Banco Master. A empresa captou investidores prometendo altos e garantidos retornos por meio de estruturas privadas pouco reguladas, chamadas SCPs (Sociedades em Conta de Participação), nas quais, em outras palavras, fazia o que quisesse com o dinheiro. Depois de crescer nesse modelo, migrou seus investidores para FIDCs. Nesta semana, começou a atrasar pagamentos, e investidores com os quais conversei não fazem ideia de onde seu dinheiro estava sendo aplicado. Nada disso significa que os FIDCs sejam um erro. Ao contrário. Eles podem ser instrumentos excelentes para gerar retorno num país em que o crédito ainda é caro, a intermediação bancária segue concentrada e os juros nas alturas criam oportunidades reais para quem sabe estruturar bem o risco. Mas quando um instrumento passa a carregar uma fatia relevante do financiamento da economia, o nível de escrutínio precisa crescer junto. Quem souber diferenciar o joio do trigo certamente será premiado. Quem não fez o dever de casa já começa a sentir cheiro de queimado.

Quando um instrumento carrega uma fatia do financiamento da economia, o escrutínio deve crescer junto. Quem separar o joio do trigo será premiado. Quem não fez o dever de casa começa a sentir cheiro de queimado



Locomotiva da empresa de logística VLI (Valor Logística Integrada) em Betim (MG) Marcelo Toledo - 20.set.25/Folhapress

economia

Deepfakes e o triunfo da mentira

IA é utilizada para inverter o ônus da prova, e a regra agora é a desconfiança

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

O problema das imagens e vídeos criados por inteligência artificial como se fossem reproduções da realidade (“deepfakes”) não é só seu uso para fins de manipulação. Há outra questão mais grave. A existência dessa tecnologia traz o risco de dúvida e descrédito para conteúdos que são verdadeiros.

Esse fenômeno pode ser chamado de triunfo da mentira e foi apontado por Sam Gregory, diretor da organização de direitos humanos WITNESS, em artigo na revista Wired em 2021.

O que Sam previu como hipótese há cinco anos agora virou realidade. Tome o exemplo dos protestos no Irã. A imagem mais icônica até agora foi a fotografia de um manifestante sozinho, sentado em uma avenida, fazendo frente às forças policiais tentando avançar com motocicletas. O homem está no asfalto sentado em posição de meditação e encara as tropas motorizadas em formação.

A imagem deriva de um vídeo real filmado a longa distância. O acontecimento foi verificado, inclusive com imagens de múltiplas fontes e em vários ângulos. No entanto, contas ligadas ao governo chamaram a foto de “AI slop”, termo que descreve conteúdo genérico gerado por IA. Tudo isso é relatado em ótimo artigo recente da iraniana Mahsa Alimardani, também da WITNESS, publicado na The Atlantic.

Alimardani descreve que a imagem do vídeo original estava em baixa resolução e que alguém usou um filtro de IA para melhorar a qualidade da foto para permitir sua publicação. Foi o suficiente para desqualificar todo o ocorrido e as imagens e vídeos reais relacionados a ele.

Esse não é um caso isolado. A regra agora é a desconfiança. A existência da IA é utilizada como ferramenta para desqualificar imagens politicamente incômodas, invertendo o ônus da prova. Não basta mais filmar um incidente, é preciso produzir evidências claras de que aquilo é a realidade.

E claro, em paralelo, o uso de deepfakes propriamente ditos para manipulação tornou-se epidêmico. Antes da internet ser cortada no Irã já havia inúmeros vídeos falsos circulando, com imagens e áudio alterados dos protestos, por exemplo, fazendo parecer que os manifestantes clamavam por outros temas.

O fato é que estamos adentrando o momento do triunfo da mentira. Vídeos gerados com as ferramentas mais recentes de IA são difíceis de serem distinguidos da realidade. É fundamental fomentar estratégias que possam identificar claramente conteúdo gerado por inteligência artificial.

Além disso, muitas vezes a IA é usada não para gerar a imagem como um todo, mas para manipular pequenos detalhes com grande repercussão. Isso aconteceu com imagens de crianças na Ucrânia, que foram alteradas para parecer que estavam segurando o símbolo de uma unidade militar extremista.

O tempo em que confiar em vídeos e imagens como prova de que algo aconteceu ficou para trás. Concorde com a proposta da WITNESS para o problema. Vamos precisar criar uma infraestrutura de ferramentas técnicas, aliadas com expertise humana e verificação contextual para que a ideia de realidade sobreviva.

READER

Já era Confiar em vídeos como prova da realidade Já é Precisar de contexto e verificação para confiar em vídeos

Já vem Necessidade de mudanças institucionais para proteger a realidade



O neurocientista Álvaro Machado Dias, que ministra curso na CasaFolha Rubens Cavallari - 11.nov.24/Folhapress

Nova fase da IA mudará nossa vida, diz Álvaro Machado, que fará live na CasaFolha

Aula com neurocientista será nesta segunda às 19h30; no próximo dia 29, a plataforma lança curso inédito da antropóloga Mirian Goldenberg

Uirá Machado

SÃO PAULO No Brasil, poucas pessoas acompanham a inteligência artificial tão de perto quanto o neurocientista Álvaro Machado Dias. E, para ele, a nova fase da tecnologia vem para mudar as nossas vidas, inclusive com ameaça a diversos tipos de emprego.

Esse novo estágio, de acordo com o especialista, traz questões mais complexas do que há meros dois ou três anos. Para dar conta desse avanço, Álvaro participará de uma live na CasaFolha nesta segunda, dia 19, às 19h30.

A aula ao vivo será transmitida pelo site casafolhasp.com.br. O endereço hospeda seu curso sobre “Inteligência artificial e o futuro da humanidade”, disponível desde janeiro do ano passado.

Durante o encontro, ele acrescentará discussões ao seu curso e responderá a perguntas de assinantes da CasaFolha, que podem ser enviadas com antecedência, por meio da própria plataforma, ou ao longo da live, via chat.

Além disso, o neurocientista, considerado um dos principais futuristas do Brasil, preparou um guia com “Tudo o que você precisa saber sobre IA (mas tinha vergonha de perguntar)”, que pode ser acessado e baixado gratuitamente neste link.

Para participar da live com Álvaro e assistir a todos os conteúdos da CasaFolha, é preciso ser assinante da plataforma de cursos online da Folha.

É possível se vincular à plataforma pelo endereço casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto promocional de 67%, sai por R\$ 19,90 por mês no plano anual (R\$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da Folha no site e no

aplicativo para celular e tablet.

Quem já é assinante da Folha não precisa de nova assinatura. Basta fazer o upgrade por R\$ 10 adicionais no plano do jornal em casafolhasp.com.br/upgrade.

Ao todo, a plataforma já tem 32 cursos exclusivos, entre os quais o da psicanalista Vera Iaconelli, que trata de criação dos filhos no século 21, o da escritora Carla Madeira, que ensina escrita criativa, o do cineasta José Padilha, que aborda a arte de contar histórias, o da chef Helena Rizzo, sobre alta gastronomia em casa, e o do ensaísta Luiz Felipe Pondé, que fala sobre “Filosofia: grandes pensadores e suas ideias”.

Além disso, novos conteúdos são incluídos todos os meses. No próximo dia 29, por exemplo, estreia um curso inédito sobre amor, sexo e traição na maturidade, com a antropóloga Mirian Goldenberg.

A live com Álvaro Machado Dias será a nona realizada pela CasaFolha. Antes dele, participaram os escritores Itamar Vieira Junior, Ruy Castro, Tati Bernardi e Carla Madeira, além de Bruno Gualano, professor da USP especialista em alimentação e exercícios,

Alexandre Kalache, um dos maiores gerontólogos do mundo, Lalo de Almeida, um dos fotógrafos mais premiados do Brasil, e Vera Iaconelli, referência em psicanálise.

Durante a live com Álvaro, uma de suas preocupações será a atual fase da inteligência artificial.

Em um primeiro momento, de 2022 a 2024, os grandes modelos de linguagem (LLMs) previam a próxima palavra, como no exemplo do GPT-3. A partir de 2024, os modelos começaram a avaliar caminhos alternativos antes de responder, como o DeepSeek R1.

De 2025 em diante, surgiram os agentes, que aplicam a capacidade de raciocínio para executar tarefas fora da tela de conversa, como preencher planilhas e operar sistemas. Eles podem substituir mão de obra em larga escala.

Nesta nova fase, “IAs que se conectam como legos para realizar tarefas complexas prometem facilidades, mas ameaçam empregos”, diz o neurocientista, que é colunista da Folha e professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), onde trabalha com temas como processos decisórios no cérebro humano e desenvolvimento de algoritmos.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VOTUPORANGA

AVISO DE REPUBLICAÇÃO DE
DISPENSA DE LICITAÇÃO Nº 121/2025 - PROCESSO Nº 587/2025
OBJETO: Contratação de empresa especializada com empreitada global de mão de obra, materiais e equipamentos para fornecimento e instalação de grades fixas para o CEM Profª Neyde Tonanni Marão do Município de Votuporanga-SP. DATA DA SESSÃO: 22/01/2026. INFORMAÇÕES E EDITAL COMPLETO pelo endereço eletrônico www.votuporanga.sp.gov.br. GUILHERME MURASSE DAVANÇO - Respondendo pelo Expediente da Secretaria Municipal da Administração – 16/01/2026.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

AVISO DE ABERTURA
Encontra-se aberto na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP o Pregão Eletrônico PE DGA SAÚDE 90024/2026, UASG 450161, Processo nº 15-P-33767/2023, do tipo menor preço, destinado ao Registro de Preços de Kits de Detecção. O prazo de entrega das propostas eletrônicas será até o dia 04/02/2026 às 09h30min, sendo que a sessão pública será no mesmo dia e horário, pela página virtual do Portal de Compras do Governo Federal) (https://www.gov.br/compras/pt-br/). O Edital na íntegra encontra-se disponível na página virtual do Portal Nacional de Contratações Públicas – PNCP (https://www.gov.br/pncp/pt-br/), Sistema de Compras do Governo Federal (www.gov.br/compras) e no Diário Oficial do Estado de São Paulo - D.O.E.



Internos do módulo 3 são vigiados por agentes carcerários no Cecot, onde ficam 23 horas e 30 minutos por dia dentro das celas, em Tecoluca, El Salvador Fotos Menly González/Folhapress

‘Aqui nunca se apaga a luz’; como é a prisão vitrine de Bukele em El Salvador

Folha visitou o Cecot, que recebeu venezuelanos deportados por Trump e é alvo de denúncias de tortura; presídio atende a padrões de direitos humanos, afirma diretor

CECOT - POR DENTRO DA PRISÃO DE BUKELE

Daniela Arcanjo

TECOLUCA (EL SALVADOR) Assim que o rangido da porta ecoa no pavilhão, centenas de homens se aglomeram na ponta de suas camas de metal para tentar ver a saída do corredor que separa as celas. Após meses com a mesma dieta, todos têm porte físico parecido. Os cabelos raspados e a vestimenta branca tornam a tarefa de diferenciá-los impossível. É dia de visita no presídio — não de seus familiares ou advogados, proibidos de entrar ali, mas de jornalistas e influenciadores que participam de um tour guiado pelo governo de Nayib Bukele no Centro de Confinamento do Terrorismo, o Cecot. No fim do ano passado, a **Folha** passou duas horas no complexo penitenciário que virou uma espécie de cartão postal de El Salvador. Ao atravessarem a porta dessa prisão, os internos não veem mais o sol. Alimentam-se com as mãos e não recebem travesseiros ou lençóis. Permanecem em

celas com dezenas de homens por 23 horas e 30 minutos do dia. Vão ao banheiro na frente uns dos outros e tomam banho em um tanque ao lado das grades. Não há pena perpétua na lei salvadorenha, mas condenações que podem passar dos mil anos, amparadas pelo estado de exceção em vigor desde 2022, fazem com que os detentos não tenham nenhuma previsão de saída. Quem entra não sai mais, é o que se ouve a todo momento lá dentro —até hoje, a única exceção foi uma leva de 252 venezuelanos deportados dos Estados Unidos que foram enviados ao Cecot e, mais tarde, devolvidos a Caracas, bem antes de o ditador Nicolás Maduro ser capturado por Washington nos primeiros dias deste ano. Para os apoiadores, o presídio é um monumento à guerra contra as gangues que outrora colocavam o país centro-americano entre os mais violentos do mundo; para os críticos, um símbolo da vertiginosa derrocada democrática da nação nas mãos de Bukele, no poder desde 2019 e estrela da ultradireita na região.

Sua joia da coroa, o Cecot, foi inaugurada em janeiro de 2023 como manda a cartilha do presidente, um ex-publicitário de 44 anos que se aproximou do poder fazendo campanhas políticas. O vídeo de apresentação da unidade, feito com drones, planos abertos e movimentos de recuo da câmera, confere às imagens a atmosfera de um thriller policial, não de um material de governo. O presídio está fincado em um morro da zona rural de Tecoluca. O povoado mais próximo fica a 1,6 km de distância. Circundam o presídio árvores esparsas e campos vazios. A menos de 10 km, o vulcão Chichontepec, o segundo mais alto do país, é o único elemento a ofuscar a construção na paisagem. O guia da reportagem é Belarmino García, um homem de pouco mais de 1,70 metro vestindo camisa branca, calça preta e um boné do Cecot com o emblema #GuerraContraPandillas (guerra contra gangues). “Sou o diretor do Centro de Confinamento do Terrorismo. Para mim, é um prazer recebê-los”, diz. “Esta é uma prisão de segurança máxima,

+ **Série inclui face política do Cecot e parentes de presos** Nos últimos três anos, o Cecot, ou Centro do Confinamento do Terrorismo, virou um improvável ponto de parada para influenciadores e jornalistas que vão a El Salvador. O crescente interesse na prisão símbolo do governo de Nayib Bukele levou a **Folha** a solicitar acesso ao local. O relato dessa visita é a reportagem de estreia de Cecot - Por dentro da prisão de Bukele. Nos próximos dias, a série abordará ainda a romaria de políticos (inclusive brasileiros) ao presídio, o sofrimento de familiares dos detidos e as denúncias de tortura feitas por venezuelanos enviados ao complexo.

por isso a importância do estrito cumprimento dos protocolos. Não posso abrir exceções.” A visita às celas ocorre no módulo 3 (são oito, no total). “Os detentos aqui dentro não têm nada além de suas roupas”, diz García para o grupo, em frente à unidade. “Vocês já ouviram dizer que, quando esses prisioneiros entram no Cecot, nunca mais saem. E isso é literal, vocês verão com seus próprios olhos.” A chegada dos visitantes provoca um burburinho que preenche o pavilhão, construído com estruturas metálicas que lembram as de um ginásio. “Buenos días”, respondem, em uníssono, ao cumprimento do diretor naquela manhã. Muitos dos presos estão de cócoras, na ponta das camas de metal; outros ficam sentados. Vestidos com bermuda, camiseteta e calçados tipo Crocs, os internos encaram sóbrios o grupo que acaba de entrar. Para eles, é um dia incomum, já que o presídio parece ter sido feito para anular o tempo e o espaço. Eles não podem ler livros ou revistas. Não há absolutamente nenhuma distração na cela. A impressão é que todas as atividades à disposição no presídio estão acontecendo no momento em que o grupo adentra o pavilhão —algo que parecia um atendimento médico no meio do corredor, entrega de medicamentos pelas grades, sessão religiosa e exercícios físicos ao fundo, audiências nas salas de julgamento.

Continua na pág. A22

mundo

'Aqui nunca se apaga a luz'; como é a prisão vitrine de Bukele em El Salvador

Continuação da pág. A21

Os detentos recebem três refeições por dia dentro das celas. Segundo García, o cardápio costuma incluir feijão, um creme à base de leite parecido com o requeijão brasileiro, uma mistura local de arroz com feijão chamada casamiento e café ou atol, bebida quente à base de milho.

Garfo e faca são proibidos, o que obriga os internos a comerem com as mãos. Travesseiros e lençóis são vetados porque “todo tipo de objeto já foi usado para esconder itens ilícitos”, segundo o diretor. “É um regime de detenção especial. A iluminação é 7 dias por semana e 24 horas por dia, aqui nunca se apaga a luz.”

A prisão foi construída para os detidos nunca saírem, então os julgamentos são feitos ali dentro. Durante a visita, as salas de audiência do módulo estavam ocupadas. “Do lado da tela estão o juiz e seus advogados, e aqui temos um técnico de informática, um agente de segurança e um delegado judicial para verificar a identidade dos indivíduos”, afirma. “É real, é assim que funciona. Mais uma prova de que o devido processo legal está sendo respeitado.”

O calor no módulo faz a camiseta ficar úmida, mas García afirma que a estrutura é suficiente para as temperaturas de Tecolua, que variam no ano de 18°C a 33°C. “É muito importante enfatizar isso, porque se fala sobre violações de direitos humanos e condições inadequadas. Acredito que, pela primeira vez na história, exista uma prisão que atende aos padrões de direitos humanos, com ventilação cruzada”, afirma o diretor, referindo-se à estrutura no alto do módulo, por onde o ar circula pelas grades.

No fim do corredor, 40 internos fazem as duas únicas atividades permitidas no Cecot — o “resgate de valores por meio da leitura bíblica”, nas palavras de García, e um treino de calistenia, feito com o peso do corpo. Sem banho de sol, ambas as atividades são realizadas em frente às grades.

“Vamos nos rodear de boas ou más amizades? Isso depende de nós”, diz o coordenador da sessão religiosa a 20 homens sentados. À frente deles, os outros 20 presos se alongam sob a orientação de um professor de educação física.

Em grupos de 40, os funcionários precisariam de 37 horas e 30 minutos para que todos os 3.000 presos do módulo fizessem a meia hora de atividade no dia.

No caminho de volta para a saída do pavilhão, guardas tiram das celas dois presos e os posicionam em frente ao grupo de visitantes. “Tirem a camisa”, diz García. “Nessas estruturas criminosas, todos têm tatuagens pelo corpo. As tatuagens fazem alusão à estrutura à qual pertencem.”

Segue-se, então, uma explicação de 20 minutos. “Vocês podem ver três rostos aqui, com vendas nos olhos e bocas e ouvidos cobertos. O que significa? É uma mensagem letal dessas organizações



1



2

1 Presos fazem exercícios de calistenia no corredor do pavilhão, na meia hora a que têm direito fora da cela; 2 interno Alex Alfredo Ábrego dá entrevista a visitantes ao lado de policiais armados; 3 detidos participam de atendimento médico, enquanto guardas em fila vigiam as celas



3

criminosas para a nossa sociedade, para nos intimidar”

“Vire”, diz ao preso. “No contexto das gangues, sempre encontramos rostos demoníacos. Por quê? Porque esses indivíduos sempre confiaram suas ações a espíritos satânicos. Sempre que havia batidas policiais nas ruas ou em áreas específicas, altares satânicos eram encontrados, pois eles cultuavam o mal.”

Na metade do corredor, estão localizadas as salas de serviços médicos e de audiências, de um lado, e as solitárias, de outro.

García não respondeu qual foi o máximo de tempo que um detento permaneceu na solitária, mas as regras permitem que os internos fiquem por até 30 dias. Apesar de a cela ter sido projetada para isolar o detento, vários venezuelanos deportados pelos EUA de Donald Trump e presos no ano passado relataram ter sido levados para esse espaço, chamado de “A Ilha”, em grupos de 8 a 10 pessoas. Era ali, segundo as denúncias, que ocorriam os abusos mais graves.

A libertação desses prisioneiros, em julho passado, forneceu pela primeira vez uma versão diferente do cotidiano no presídio daquela exibida em vídeos promocionais e visitas ensaiadas.

Um relatório divulgado em novembro pelas ONGs Human Rights Watch e Cristosal afirma que os venezuelanos foram submetidos a tortura sistemática por autoridades carcerárias, incluindo abuso sexual, sessões de espancamento e tiros de balas de borracha. O texto é baseado em cerca de 200 depoimentos, além de documentos judiciais e fotografias de ferimentos analisadas por especialistas forenses.

A suposta capacidade de 40 mil presos no Cecot é motivo de orgulho para o governo, que transformou o número em uma espécie de slogan. Essa quantidade de internos tornaria o presídio o maior do continente e, possivelmente, do mundo.

Os números fornecidos, no entanto, são conflitantes. Segundo o diretor García, cada um dos oito módulos conta com 32 celas, e cada cela teria espaço para 80 a 100 presos. Ou seja, com 100 presos em cada cela, o que faria 20 deles dormirem no chão, o Cecot teria capacidade para 25.600 internos.

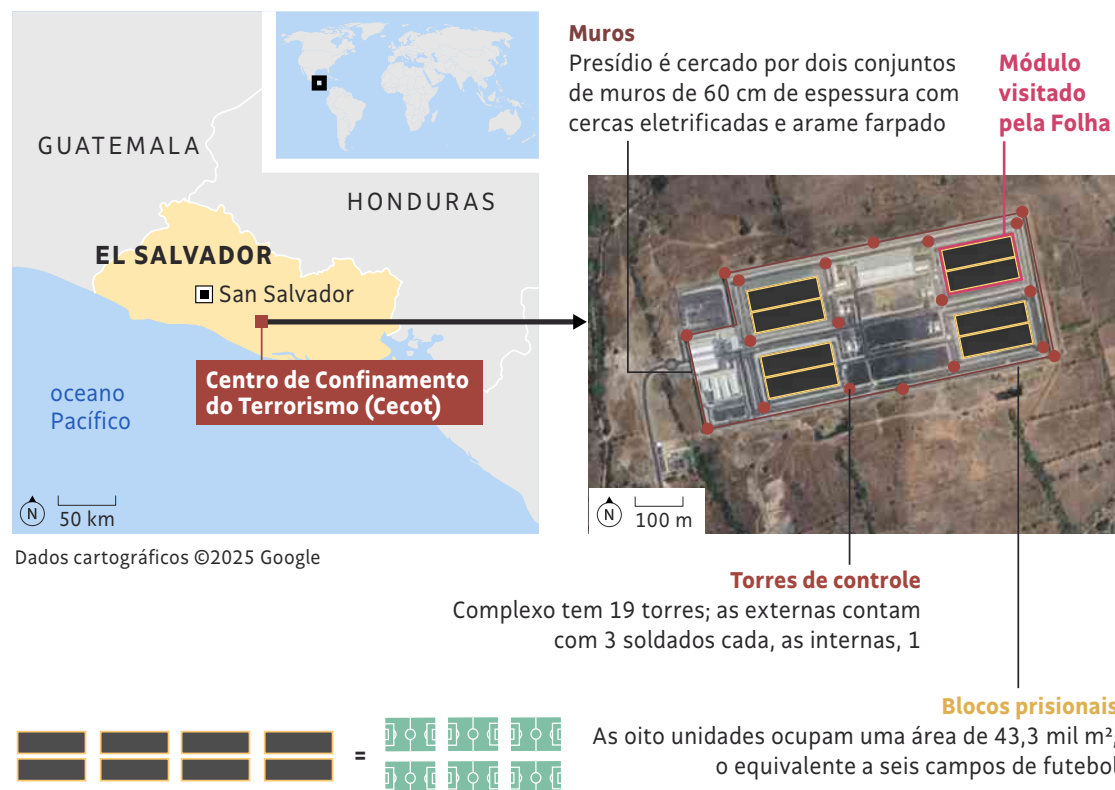
Para chegar aos 40 mil presos, porém, cada cela deveria abrigar 156 pessoas —quase o dobro do número de camas disponíveis, o que daria a cada detento 0,58 m² de espaço, segundo a BBC News, que disse ter tido acesso a documentos. Procurado pela reportagem, o governo não comentou.

De acordo com García, o complexo está com quase 20 mil presos. Um deles, Alex Alfredo Ábrego, que pertencia à gangue MS-13, espera os visitantes ao fim do pavilhão na última atividade do tour: uma sessão de perguntas.

“O que você acha desse tipo de visita?”, questiona a Folha. “Me parece muito bom. Porque assim a humanidade pode saber como vivemos aqui”, diz, sentado em uma cadeira cercada de policiais armados. A uma outra pergunta sobre a diferença entre estar na prisão ou nas ruas ele respondeu: “Vivo melhor. Tenho todo o básico para viver neste lugar.”

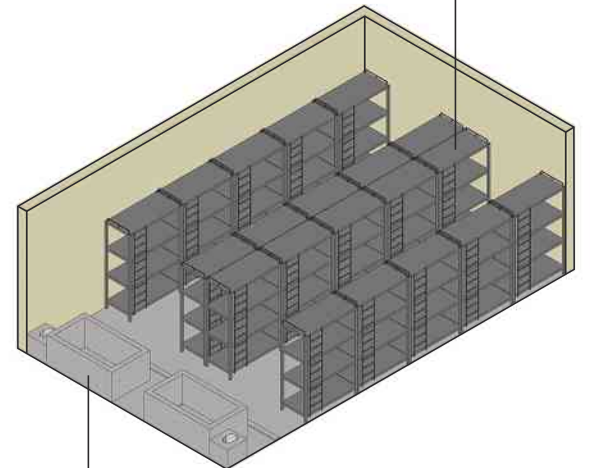
Para 40 mil presos, celas ficariam superlotadas

Governo salvadorenho diz que centro receberá uma das maiores populações carcerárias de todo o mundo



Para chegar a 40 mil detentos no Cecot, governo teria que colocar 156 pessoas em cela com 80 camas

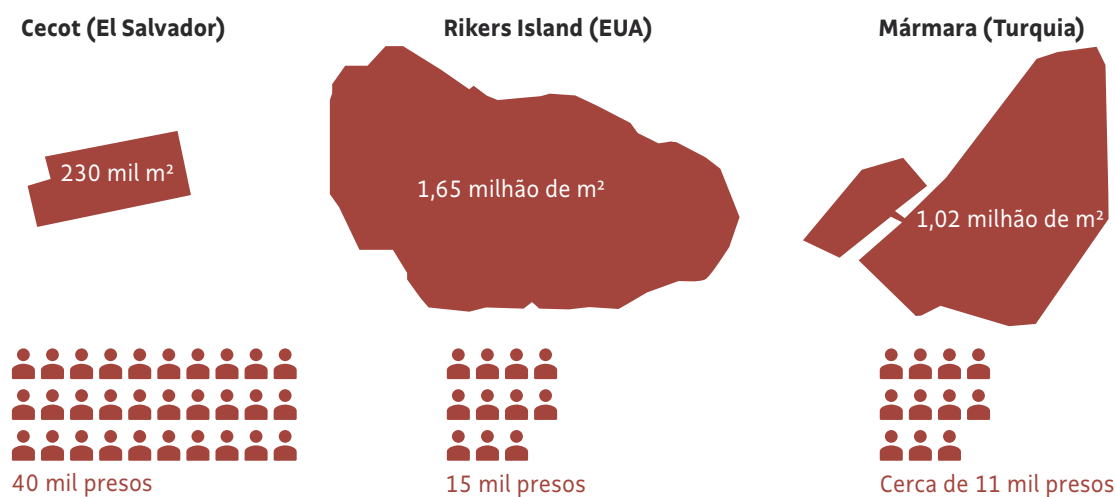
Cada um dos oito blocos tem 32 celascum 91,02 m² cada e 80 camas de metal sem colchões ou travesseiros



- Cada cela possui dois tanques com água, onde os detentos se lavam, e dois vasos sanitários à vista de todos

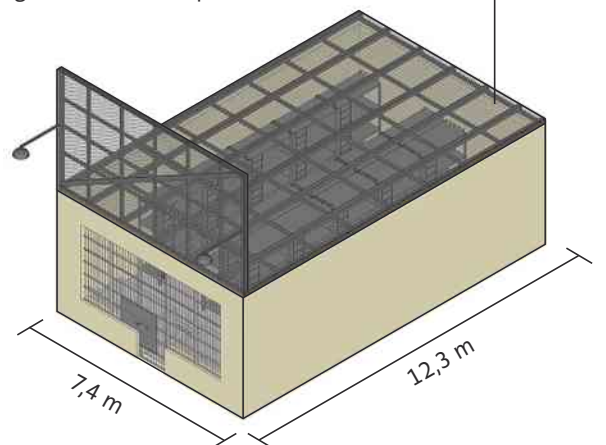
Penitenciárias com áreas maiores têm capacidade de abrigar menos presos

Capacidade máxima, segundo autoridades



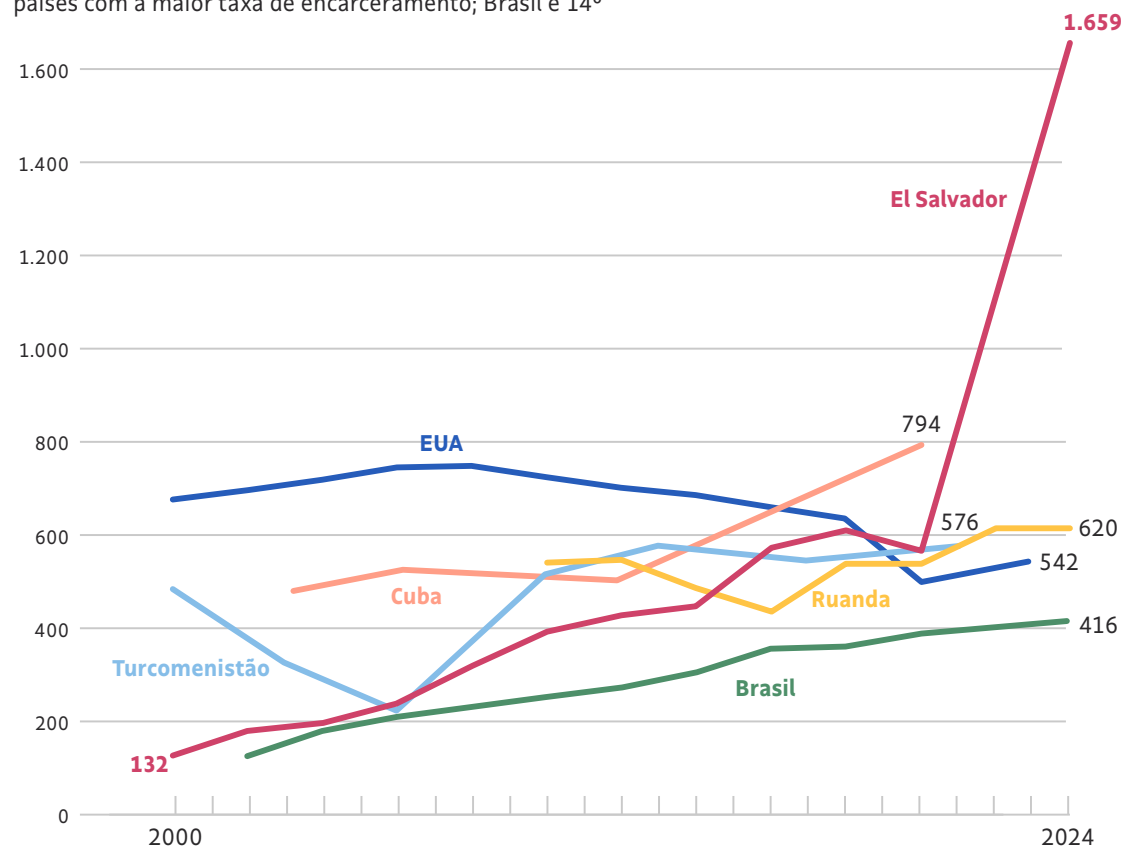
Fonte: Financial Times

As celas não têm ventiladores, apenas um teto de malha que permite a vigilância 24 horas por dia



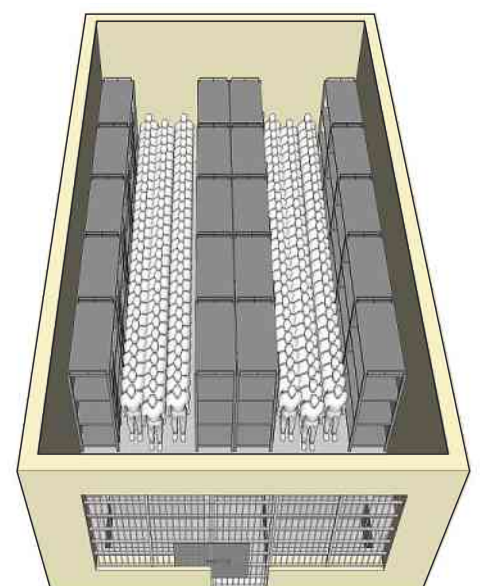
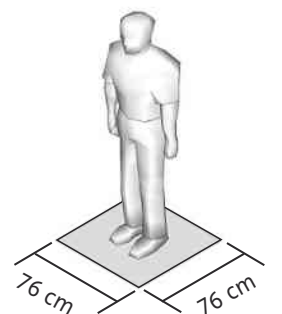
Sob Bukele, El Salvador se tornou país que mais prende no mundo

Número de presos a cada 100 mil habitantes nos cinco países com a maior taxa de encarceramento; Brasil é 14º



Fonte: World Prison Brief

Em sua capacidade máxima de 40 mil detentos, cada cela abrigaria 156 pessoas, o que daria a cada uma 0,58 m² de espaço



Fontes: BBC News e autoridades do Cecot

mundo

Eleição presidencial em Portugal terá socialista e ultradireitista no 2º turno

António José Seguro enfrentará André Ventura; votação final será em 8 de fevereiro

João Gabriel de Lima

LISBOA A vitória de António José Seguro no primeiro turno das eleições presidenciais portuguesas coroa uma virada épica. Nas primeiras pesquisas, em agosto do ano passado, o socialista patinava nos dez pontos percentuais, enquanto Luís Marques Mendes (centro-direita), André Ventura (ultradireita) e o almirante Henrique Gouveia e Melo (independente) disputavam o primeiro lugar com o dobro das intenções de voto. No fim da campanha, só o ultradireitista manteve o fôlego. Seguro e Ventura vão disputar o segundo turno no dia 8 de fevereiro. Por volta das 23h em Lisboa (20h em Brasília), com 99% das urnas apuradas, o socialista tinha 31% dos votos, e o ultradireitista registrava 23%. Em seguida, João Cotrim de Figueiredo, da Iniciativa Liberal, aparecia com 16%, Gouveia e Melo com 12%, e Marques Mendes, com 11%.

O comparecimento dos portugueses às urnas, nas eleições mais equilibradas desde a redemocratização do país, foi o maior dos últimos vinte anos. Estimava-se uma taxa de abstenção de 35% a 40%. Nas eleições de 2021 mais da metade dos portugueses não saiu de casa para votar —o mundo vivia a pandemia da Covid-19.

A escolha dos portugueses será entre dois políticos que não poderiam ser mais diferentes. Seguro tem a fala pausada e radiofônica

de um professor. Ventura termina seus discursos aos gritos.

As trajetórias políticas na vida real dizem muito sobre ambos. O momento definidor da carreira de Seguro se deu de 2011 a 2014, período em que foi líder da oposição à frente do Partido Socialista. Portugal vivia uma fase difícil. Colhido pela crise do euro e com dívida e déficit insustentáveis, o país foi obrigado a pedir socorro ao Fundo Monetário Internacional e à União Europeia. A contrapartida ao empréstimo foi um duro programa de austeridade.

O ajuste fiscal ficou a cargo do então premiê, Pedro Passos Coelho, do Partido Social Democrata, de centro-direita. Na oposição, Seguro criticava o governo, mas ao mesmo tempo abria a porta para soluções de compromisso e orientava o partido a se abster nas votações sobre as medidas de austeridade.

Essa “oposição responsável” ajudou Portugal a recuperar a credibilidade financeira mais rapidamente que outros países europeus —o ajuste durou apenas três anos— mas a um preço alto: recessão econômica, desemprego em dois dígitos e êxodo de jovens.

Desde o início da campanha, Seguro vendeu a imagem de moderado. No dia de eleição, no comitê de Marques Mendes, era dado como certo que muitos eleitores de centro-direita votaram no socialista. Esse voto útil moderado pode favorecer Seguro na



31%
ANTÓNIO SEGURO
Nasceu em 1962. Professor de ciência política e relações internacionais. Sua principal plataforma é restabelecer o diálogo em tempos de polarização



23%
ANDRÉ VENTURA
Nasceu em 1983. Formou-se advogado, com doutorado na Irlanda. Em 2019, fundou o Chega. É conhecido por discursos contra corrupção e imigração

rodada decisiva. Pesquisa realizada às vésperas da eleição mostrava que Seguro derrotaria Ventura por 49% a 29% num 2º turno.

André Ventura é o antípoda de Seguro não apenas no perfil, mas também na trajetória política. Se para o socialista a Presidência seria a coroação de uma longa carreira, para o ultradireitista seria um passo em seu grande objetivo: alterar radicalmente a Constituição portuguesa. Dois dos eixos de sua reforma seriam sistema penitenciário e imigração. Penas mais duras no primeiro caso e restrições cada vez maiores no segundo, em linha com o discurso xenófobo que marcou toda a sua campanha eleitoral. Uma maior centralização do poder também está no seu horizonte.

À Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), o ultradireitista disse que, caso seja eleito presidente, quer usar a “magistratura de influência” inerente ao cargo para trabalhar pela revisão constitucional.

Para triunfar em 8 de fevereiro, Ventura terá de romper uma tendência. Em um país com média de idade elevada, o eleitor preocupado com suas aposentadorias pode querer fugir de um candidato que promete mudanças radicais.

Ganhando ou perdendo, o presidente do Chega já realizou um feito. Ao avançar ao segundo turno, ele conseguiu sua votação mais alta numa campanha presidencial, o que inevitavelmente o credencia para novos voos no futuro.

Governo Lula irá avaliar entrada no Conselho de Paz para a Faixa de Gaza

Nathalia Garcia e João Gabriel

BRASÍLIA Auxiliares do governo Lula (PT) avaliarão a entrada do Brasil no Conselho da Paz para a Faixa de Gaza. O presidente brasileiro foi um dos líderes mundiais convidados pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para compor o órgão internacional.

Segundo relato feito à *Folha*, a carta que esboça o estatuto do Conselho da Paz prevê que cada Estado-membro cumpra um mandato de três anos, sujeito à renovação. A ideia é que a organização opere com base em contribuições voluntárias. Quem contribuir com pelo menos US\$ 1 bilhão (R\$ 5,3 bilhões na cotação atual) garantirá um mandato permanente.

Os dois cenários são analisados pelo governo brasileiro, que calcula possíveis consequências políticas e diplomáticas antes de tomar uma decisão. Segundo interlocutores do presidente, nenhuma resposta será dada às pressas, e a palavra final cabe a Lula.

Um dos pontos em análise pelo governo brasileiro diz respeito ao escopo de atuação do conselho e às implicações ao trabalho feito pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Um auxiliar do governo considera que o órgão, que será presidido por Trump, pode ser complementar ou concorrente das Nações Unidas, a depender de como o Conselho da Paz para Gaza for implementado. Outro interlocutor pondera que poderá haver sobreposição com as ações do Conselho de Segurança da ONU.

Os detalhes sobre o funcionamento do grupo ainda não estão claros. O plano foi criticado pelo premiê de Israel, Benjamin Netanyahu. Ele disse que o anúncio não foi coordenado com Tel Aviv e que a iniciativa vai na direção oposta à política adotada por seu país.

Na sexta (16), Trump anunciou os primeiros nomes que vão compor o grupo: Marco Rubio; o ex-primeiro-ministro do Reino Unido Tony Blair; os enviados de Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff e Jared Kushner (genro de Trump); o bilionário americano Marc Rowan; o presidente do Banco Mundial, Ajay Banga; e Robert Gabriel, assessor de Trump.

Entre os chefes de Estado convidados por Trump, estão os presidentes da Argentina, Javier Milei, e da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, além de Lula.

O ultraliberal argentino publicou uma foto do convite no X. “É uma honra ter recebido o convite para que a Argentina integre, como membro fundador, o Conselho da Paz”, escreveu.

Bianca Santana

A coluna excepcionalmente não é publicada hoje



Carmen (@eleanorinthesky) no X/AFP

Trens colidem no sul da Espanha, e ao menos 21 pessoas morrem

Ao menos 21 pessoas morreram e outras dezenas ficaram feridas neste domingo (18) após um trem (foto) descarrilar perto de Adamuz, na província espanhola de Córdoba, segundo o Ministério do Interior.

O trem colidiu com outro que circulava no sentido contrário. A polícia informou que 100 pessoas ainda ficaram feridas, 25 delas em estado grave. “O trem Iryo 6189 Málaga descarrilou na linha férrea em Adamuz,

colidindo com a linha adjacente. O trem para Huelva, que trafegava na linha adjacente, também descarrilou”, informou a Adif, empresa responsável pela rede ferroviária, em post nas redes sociais. Com Reuters e AFP

Alfabetização e tempo integral perdem dinheiro enquanto gestão Lula foca Pé-de-Meia

MEC diz estar alinhado ao compromisso do governo de ampliar investimentos e fortalecer a qualidade da educação brasileira

Paulo Saldaña

BRASÍLIA A aposta no programa Pé-de-Meia, vitrine do governo Lula (PT), resultou em queda de investimentos do MEC (Ministério da Educação) em outras políticas alçadas como prioridade, como alfabetização e educação de tempo integral. Uma realidade vista em 2025, que pode se intensificar neste ano.

Os dados da execução orçamentária de 2025 mostram queda de 42% nos gastos em alfabetização com relação a 2024, passando de R\$ 791 milhões, em valores atualizados pela inflação, para R\$ 459 milhões.

O fomento ao tempo integral (ao menos 7 horas na escola) tem situação pior. Os recursos diretos do MEC foram praticamente esvaziados em 2025 após o governo aprovar, no fim de 2024, emenda constitucional que engessou para essa política parte do Fundeb, principal mecanismo de financiamento da educação básica.

Os gastos do MEC para ajudar redes de ensino a ampliar o tempo integral foram, em valores atualizados pela inflação, de R\$ 2,1 bilhões em 2023, passaram a R\$ 2,5 bilhões em 2024 e, no ano passado, caíram para R\$ 75,8 milhões.

Na prática, o MEC deixou de investir diretamente na política e obrigou as redes a aplicarem em educação integral valores que a legislação já lhes conferia. Para especialistas, isso desvirtua o princípio redistributivo do Fundeb para as redes que mais precisam.

Foram separados R\$ 3 bilhões do Fundeb para o tempo integral no ano passado, equivalente a 5% da complementação que a União faz ao fundo. Já foram pagos R\$ 2,5 bilhões, e o restante sai neste mês.

O MEC diz, em nota, que “permanece alinhado ao compromisso do governo federal de ampliar investimentos e fortalecer a qualidade da educação brasileira, da educação básica ao ensino superior”.

Para Andressa Pellanda, da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, há distorção de prioridades, com “estrangulamento de programas estruturantes”, como alfabetização, EJA (Educação de Jovens e Adultos), universidades e livro didático, e alocação de “vultosos recursos em iniciativas de caráter assistencialista, como o Pé-de-Meia”. Para ela, “não adianta tentar manter um estudante em uma proposta educacional que não seja transformadora”.

No orçamento de 2026 aprovado pelo Congresso, há reduções significativas em ações como o PNLD (Programa Nacional do Li-



Camilo Santana e Lula durante entrega de benefício aos primeiros estudantes do Programa Pé-de-Meia, em 2024

vro Didático) —que já teve queda de 12% entre 2024 e 2025—, alfabetização e nos recursos das universidades federais, por exemplo. Lula, ao sancionar o orçamento, vetou trechos que inflavam emendas para tentar repor verbas de políticas sociais, alvo de tesourada dos parlamentares.

Segundo o MEC, os sistemas de gestão orçamentária ainda não foram atualizados com os valores detalhados por ministério e o valor final para o MEC não está consolidado.

“O governo federal já indicou que trabalhará para recompor os valores suprimidos durante a tramitação no Congresso”, diz a pasta, “de modo a assegurar que a Educação mantenha os recursos necessários”.

Poupança para alunos

O Pé-de-Meia prevê bolsas e poupança para alunos para combater o abandono no ensino médio, além de um valor extra para quem faz o Enem. O governo iniciou a política em 2024 para alunos da etapa regular, de famílias beneficiadas pelo Bolsa Família, depois ampliou para o EJA e para todo o CadÚnico (cadastro geral para acesso a programas sociais).

O programa passou a ter um custo anual de R\$ 12 bilhões. Os valores estavam fora do orçamento e seriam operados por um fundo, mas o Tribunal de Contas da União obrigou sua inclusão nas rubricas da pasta —o que cria pressão fiscal para o governo.

A gestão Camilo Santana conseguiu ampliar o orçamento do MEC, reverteu o enxugamento promovido pelo governo Bolsonaro (PL) e alcançou em 2024, por exemplo, o maior patamar da série histórica desde 2015.

A principal medida para aumentar o orçamento veio após emenda à Constituição, duran-

te a transição de governos, que garantiu gastos fora do teto. No MEC, o incremento em 2023 foi de R\$ 16 bilhões —a comparação com os R\$ 12 bilhões do Pé-de-Meia dá um termômetro da representatividade dessa ação no quadro geral.

Especialistas veem no Pé-de-Meia uma política com potencial, mas o tamanho dele e suas limitações inspiram ressalvas.

Até mesmo no combate à evasão, a aposta massiva em bolsas desconsidera outras motivações do problema, como o acúmulo de deficiências ainda no ensino fundamental —cerca de 80% dos que abandonam a escola estão ao menos dois anos defasados, como reforça estudo liderado pelo professor de educação da Universidade de Stanford (EUA) Guilherme Lichand, que revisou iniciativas nacionais e internacionais sobre o tema.

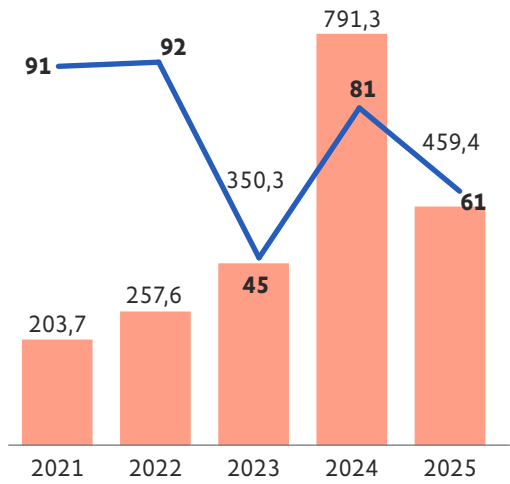
“Se o financiamento do programa compromete cerca de dois terços dos recursos livres do Ministério da Educação, fragiliza a capacidade de endereçar as outras causas centrais da evasão”, cita o estudo, também assinado pelos pesquisadores Giacommo Ramos, Yuta Meguro e Adrianna Zhang.

Ivan Gontijo, gerente de Políticas Públicas do movimento Todos pela Educação, pondera que o MEC conseguiu recomposição relevante no orçamento, mas diz ser preocupante a expansão do Pé-de-Meia e o plano de universalizá-lo.

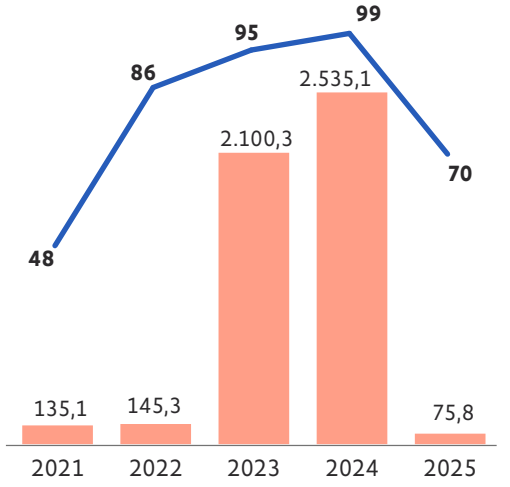
“É uma política que tem evidências, mas, quando olhamos o tamanho do seu impacto, nos parece ter um valor excessivo”, diz. “Preocupa bastante, sobretudo porque estamos sentindo impactos em políticas estruturantes, como a política de recomposição de aprendizagens do MEC, de educação infantil, que contam com bom desenho, mas não têm recursos.”

Gastos do MEC
Valores pagos*, por tipo de gasto
Milhões de R\$
% pago sobre o empenhamento

Alfabetização

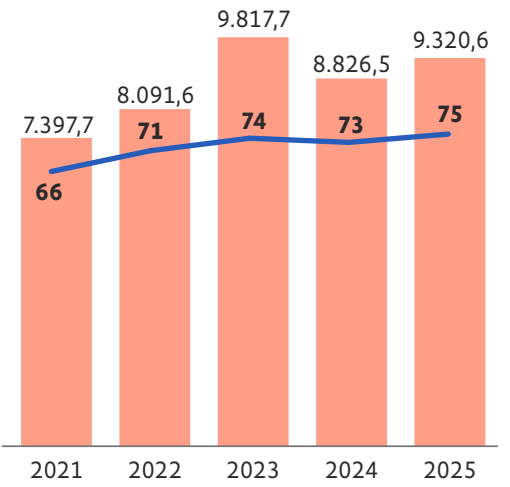


Tempo Integral

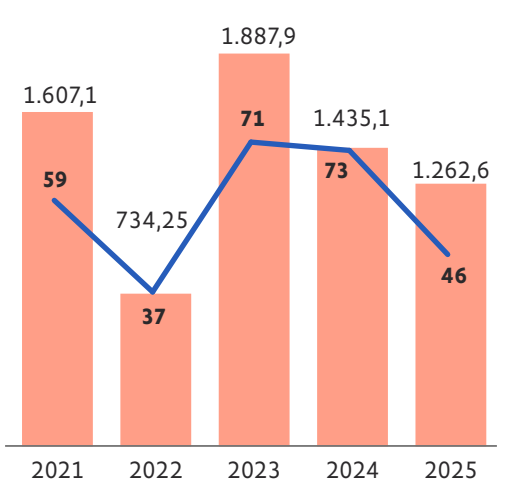


R\$ 2,5 bilhões do Fundeb foram engessados para fomento de tempo integral em 2025

Instituições de ensino superior, exceto gastos com pessoal



Programa do livro didático



*Os valores foram atualizados pelo IPCA
Fonte: Siop/Ministério do Planejamento

Obra teria evitado tragédia em SP, diz filho de casal que teve carro arrastado por enchente

Barreira de contenção começou a ser instalada um dia após veículo ser levado; prefeitura diz que proteção colocada em 2024 foi furtada



Funcionários da Prefeitura de São Paulo instalam barreira entre avenida e córrego Clayton Castelani - 17.jan.25/Folhapress

Clayton Castelani

SÃO PAULO Uma barreira provisória entre a avenida Carlos Caldeira Filho e o córrego Morro do S, na Vila Andrade (zona sul de São Paulo), começou a ser construída no último sábado (17) pela gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB). A colocação de blocos de concreto —cuja finalidade é evitar que veículos caiam na água— ocorre um dia depois da enchente que arrastou para o canal o carro do motorista de aplicativo Marcos da Mata Ribeiro, 68, e da costureira Maria Deusdete Bezerra Ribeiro, 67.

O corpo de Marcos foi encontrado no sábado a um quilômetro do local. Os bombeiros ainda buscam Maria Deusdete.

Para o filho do casal, Hugo Bezerra da Mata Ribeiro, 45, se a proteção existisse, poderia ter impedido que o veículo fosse sugado para a galeria subterrânea que há no local.

“Precisou morrer gente para fazer isso aqui”, disse ele, enquanto funcionários da prefeitura trabalhavam na área. “Essa simples contenção poderia ter evitado a morte dos meus pais.”

Moradores afirmam que alagamentos são frequentes na região e que a falta de uma barreira já havia provocado outros acidentes no córrego. Também há queixas sobre a não conclusão das obras do piscinão na avenida Ellis Maas, cuja função seria reter o excesso de água que faz o canal transbordar.

Segundo informações do site da prefeitura, as obras do piscinão começaram em 2022 com previsão de 36 meses para con-

clusão, o que não aconteceu.

A gestão Ricardo Nunes afirmou, em nota, que a contenção metálica que existia no local foi vandalizada e furtada e que precisou rever o cronograma de obras do piscinão.

Na tarde de sexta (16), Marcos havia buscado a esposa no trabalho e voltava para casa, no Campo Limpo (zona sul), pela avenida Carlos Caldeira Filho quando o trânsito parou. A chuva forte já

O mapa mostra a localização da Vila Andrade em São Paulo, com destaque para o local onde ocorreu o acidente. O mapa indica a Avenida Carlos Caldeira Filho, o Córrego Morro do S, e a Comunidade Campo Novo do Sul (Vila Andrade). Um ponto vermelho no mapa indica o local onde o casal desapareceu. Uma seta aponta para a barreira instalada após o acidente. O mapa também mostra a localização de Paraisópolis, Vila Andrade, Campo Limpo e Vilas das Belezas. A escala é de 100 metros.

atrapalhava o tráfego e não era possível ver que o córrego começava a transbordar. Segundo testemunhas, a água subiu em três minutos. O veículo, um Hyundai HB20, então foi levado.

Em nota, a Subprefeitura Campo Limpo afirmou ter instalado em 2024 um guarda-corpo na área da margem do córrego na avenida Carlos Caldeira Filho, mas reiterou que a estrutura foi vandalizada e furtada.

Os blocos de concreto instalados no último sábado no trecho são uma medida emergencial de proteção, acrescentou o órgão da gestão Nunes.

A prefeitura também disse que a avenida recebe serviços frequentes de zeladoria, intensificados durante o período de chuvas, e que na última sexta-feira houve limpeza e retirada de detritos do córrego Morro do S.

Como medida estrutural, a prefeitura afirmou investir R\$ 261,4 milhões na construção de um reservatório de contenção de cheias no Capão Redondo e na canalização de 3 km do córrego Água dos Brancos. As intervenções, argumentou, beneficiam a bacia do Morro do S e têm como objetivo reduzir enchentes na avenida Ellis Maas e no entorno do Parque Santo Dias.

A obra, prevista para ser concluída até junho deste ano, teve seu cronograma revisado em “razão das atividades de desmonte controlado de rochas no fundo da estrutura, que exigiu mais tempo do que o inicialmente estimado, por segurança, em função da elevada dureza do material manuseado (granito)”, concluiu a Prefeitura de São Paulo.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

ZENILDO PEREIRA DA SILVA (1954-2026)

Vendedor de água de coco fez fama em São Paulo

Negócio do Zé, que morava em uma Kombi, prosperou na zona oeste

Fábio Pescarini

SÃO PAULO Quem costuma caminhar pelo parque da Sabesp já sabe: era tradição depois do exercício físico comprar água de coco daquele senhor na esquina perto dali, entre as avenidas Doutor Arnaldo e Professor Alfonso Bovero. Ele era praticamente uma celebridade por lá, tamanho carisma.

Aliás, Perdizes, onde fica a esquina, e o bairro vizinho Sumaré, abraçaram Zenildo Pereira da Silva, então imigrante pernambucano de 16 anos, na sua chegada a São Paulo. Fincou raízes, fez família e fama naquela região da zona oeste paulistana.

No início, o garoto foi trabalhar em padarias. Sabia fazer todos os tipos de lanches e falava com carinho de uma antiga patroa na avenida Lins de Vasconcelos. A chamava de segunda mãe.

Zenildo voltou para o Nordeste, mas no início dos anos 1980 retornou a São Paulo. Foi quando se estabeleceu como vendedor de coco verde na mesma esquina onde o negócio segue até hoje.

“Meu pai se apaixonou pelo bairro quando chegou a São Paulo e fez muitas amizades”, diz o filho e sucessor, Rafael Cordeiro da Silva.

O negócio sobreviveu à política de fiscalização da prefeitura nos anos 2000. Prosperou. Pouco antes da pandemia, começou o serviço de entrega. Foi um sucesso. Hoje são quatro motos no delivery. O nome Água de Coco do Zé foi registrado. “Meu pai virou marca, é um motivo de orgulho”, diz Rafael.

Há duas décadas, resolveu se mudar para a velha Kombi estacionada na esquina da avenida Doutor Arnaldo. Lá morou até o fim da vida.

Zé cresceu, enfrentou momentos difíceis, mas eles não o fizeram abaixar a cabeça. Pelo contrário, esbanjava conversa e conselhos para a clientela fiel.

“Se eu estivesse meio triste, ele tinha uma palavra ou incentivo para me animar.

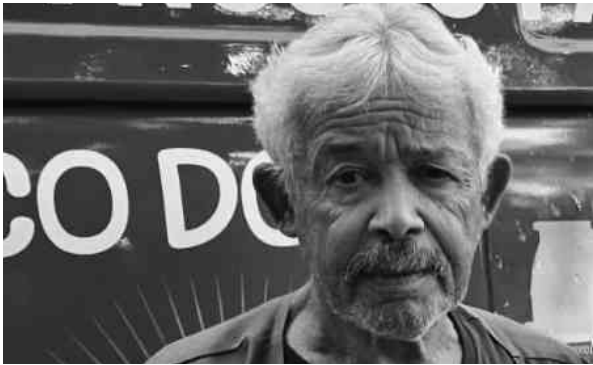
E as vitórias eram festejadas também”, disse à Folha o músico e apresentador Luiz Thunderbird, que foi às redes sociais lamentar a morte do vendedor.

“Quando cheguei na MTV Brasil, em 1990, seu Zé já estava lá na esquina, em frente ao prédio da emissora. A amizade foi imediata. Era um sujeito iluminado”, acrescentou.

O cantor Chico César contou, em sua conta no Instagram, que em 2022 fez uma música para ele, cujo refrão diz que “o melhor do Sumaré é o coco do Zé”.

Zé passou a noite do último Natal na casa de Rafael, que até tentou convencê-lo a ficar lá. Mas o pai disse que precisava voltar para a Kombi, pois seus outros filhos “iriam visitá-lo quando estivesse dormindo”.

Zenildo Pereira da Silva morreu no último dia 6 de janeiro, aos 71 anos. Deixou a ex-mulher Maria de Fátima, o filho Rafael, o neto Guilherme e a atual companheira Maria Hélia dos Anjos.



Arquivo pessoal

Roblox concentra série de conflitos que expõem riscos para crianças e adolescentes

Empresa diz que não permite o compartilhamento de imagens no chat e que revisa conteúdos; plataforma foi palco de protesto virtual

Bárbara Sá

CUIABÁ Popular entre crianças e adolescentes, o Roblox concentra episódios que incluem cyberbullying, assédio, denúncias de aliciamento sexual, circulação de conteúdos impróprios e falhas nos mecanismos de moderação. A plataforma chamou a atenção nesta semana após ser tomada por protestos virtuais depois do anúncio de mudanças no chat para usuários. A empresa passou a exigir verificação de idade por reconhecimento facial e a restringir a conversa entre usuários de faixas etárias diferentes. Relatos de usuários, especialistas e organizações de defesa da infância indicam que esses episódios não são isolados e expõem os riscos de um ambiente digital que combina características de jogo e de rede social.

Em nota, a empresa declarou estar “comprometida em liderar a segurança digital” e disse manter políticas rigorosas para proteger crianças e adolescentes. Disse ainda que, “embora nenhum sistema seja perfeito”, continua investindo em ferramentas de proteção e monitoramento. Criado inicialmente como uma plataforma de jogos online, o Roblox reúne hoje dezenas de milhares de experiências desenvolvidas por usuários e permite intensa interação entre jogadores por meio de chats e ambientes virtuais compartilhados.

Nos Estados Unidos, a plataforma se tornou alvo de ações judiciais e investigações relacionadas à segurança de crianças. Em 2024, a Justiça federal americana determinou a centralização de dezenas de processos movidos por famílias que alegam casos de aliciamento e exploração sexual iniciados dentro do jogo. A estrutura do Roblox, na avaliação de especialistas, aproxima o serviço mais de uma rede social do que de um jogo tradicional. Rodrigo Nejm, especialista em educação digital e líder do eixo digital do Instituto Alana, compara a plataforma a um “parque de diversões digital”.

“É um espaço com muitas atrações, grande circulação de crianças e intensa interação social, mas sem cercas e monitores suficientes para garantir a segurança desse público.” Nesse ambiente, um dos problemas mais recorrentes envolve violência psicológica. Há relatos frequentes de humilhações, xingamentos, perseguições virtuais e episódios reiterados de cyberbullying entre crianças. Para Nejm, esse tipo de comportamento não pode ser minimizado. “Essas agressões não



Usuários do Roblox se manifestam com avatares e mensagens de protesto contra verificação de idade na plataforma Reprodução

são menos graves por acontecerem online. Elas têm impacto direto sobre a saúde mental de crianças e adolescentes.” Há também registros de circulação, na plataforma, de materiais considerados impróprios, como discursos de ódio, manifestações racistas, apologia do nazismo, violência contra mulheres e simulações de violência sexual entre personagens. Para o Instituto Alana, a presença desse tipo de conteúdo indica fragilidades no processo de moderação e na classificação das experiências acessíveis ao público infantil. O Roblox afirma que não permite o compartilhamento de imagens ou vídeos no chat e que utiliza filtros de texto para impedir o envio de informações pessoais e tentativas de migração de conversas para outras plataformas. Também diz que os conteúdos passam por revisão de sistemas automatizados e de equipes humanas antes da publicação. Apesar dessas medidas, outro ponto de preocupação envolve tentativas de aliciamento sexual, com adultos se passando por crianças para se aproximar de menores de 18 anos. Em alguns casos, as interações são transferidas para aplicativos externos, onde há menor controle. Sob o ponto de vista jurídico, essas condutas podem ter consequências criminais e civis. Para o advogado Gonçalo Adão de Arruda Santos, especialista em perícia digital, práticas como assédio, humilhação, ameaças e aliciamento de menores podem configurar crimes previstos no Código Penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). “O fato de ocorrer em um ambiente virtual ou dentro de um jogo

não afasta a ilicitude da prática.” Além da responsabilização individual dos autores, pode haver responsabilização civil da empresa. “Quando há falhas na moderação ou omissão diante de denúncias, especialmente em espaços frequentados por crianças, a plataforma pode ser responsabilizada por negligência.” O próprio Roblox reconhece que usuários “mal-intencionados” podem tentar transferir interações para fora do serviço, em ambientes com políticas de moderação menos restritivas. A empresa afirma atuar para prevenir esse tipo de prática, mas diz que o problema extrapola a plataforma e exige colaboração de governos e da indústria. Especialistas avaliam que há desequilíbrio nas prioridades do serviço. Nejm observa que, embora existam ferramentas de controle parental, elas são menos intuitivas e menos robustas do que os mecanismos voltados ao engajamento e ao consumo no ambiente digital. “Há um investimento muito maior em manter crianças conectadas e consumindo do que em protegê-las.” Nos últimos meses, mudanças em regras e mecanismos de segurança provocaram protestos virtuais dentro do próprio Roblox, com jogadores organizando manifestações digitais. Para Nejm e Santos, reações desse tipo são comuns quando plataformas alteram normas em ambientes com alto engajamento infantil. A empresa diz oferecer controle parental que permite limitar tempo de uso e interações para usuários menores de 13 anos. Afirma ainda que incentiva pais a conversar com os filhos sobre segurança na internet e a acompanhar o uso da plataforma.

Como reconhecer um paulista na Bahia

Toda vez que me despeço desse paraíso, penso a mesma coisa: quero morar aqui

Becky S. Korich

Advogada, escritora e dramaturga, é autora de ‘Caos e Amor’

Conheci Trancoso quando Trancoso era Trancoso, quando Elba Ramalho tinha cara de Elba Ramalho e quando os frequentadores do Quadrado ainda não trabalhavam na elíptica Faria Lima. Hoje está tudo muito diferente. Para alguns, isso significa evolução; para outros, fica aquela saudade do que não tem mais volta. Na balsa de Porto Seguro já dá para identificar as tribos sem precisar de legenda. O Trancoso clássico usa camisa de linho branco, com dois botões abertos no peito, calça clara dobrada na barra e um chinelo de couro que custa um semestre de faculdade. As mulheres vêm ornadas de bijuterias com “motivos Bahia”: colar de conchas, correntes de corpo, brincos gigantes. Nas noites, muito brilho e salto alto. Já chegam bronzeadas por um sol de clube ou pelos raios fabricados no bronzeamento artificial. Arraial d’Ajuda também mudou, praticamente irreconhecível. Ainda não se decidiu se quer ser popular ou sofisticada, então tenta ser ambos. Tem praia e vitrine, trânsito e cabra atravessando a rua, peixe fresco e caviar no coco, barulho de grilo e música techno dos beach clubs.

Atravessando o rio, chega-se a Caraíva e ao desapego. Um desapego um pouco programado. Tudo parece antigo, mas é vintage. As pessoas vêm para se “conectar” com o “essencial” e, no mesmo movimento, postam 20 stories por dia. Taípe surge como contraponto a esse clima paz e amor, embora ali se encontre paz e muito amor, sempre regados ao luxo. Hotéis boutique, festas privadas, gastronomia sofisticada. Tudo é natureza, com estrutura. Tudo é simples, mediante reserva com antecedência. Na Praia do Forte a tribo se transforma em família consiente. Os pais vestem a criança com a camiseta do projeto Tamar e sentem que estão colaborando com a preservação das tartaruguinhas. Depois voltam para a piscina do resort. Consciência ambiental com ar-condicionado. Morro de São Paulo é lugar do jovem que quer tudo ao mesmo tempo. Natureza, festa, e a natureza virando festa. Óculos escuros mesmo à noite, um copo plástico sempre na mão. Dorme-se pouco, vive-se muito. Os hipsters se concentram em Boipeba, ilha paradisíaca do arquipélago de Tinharé, e no vilarejo Moreré. As praias são quase desertas e as águas, cristalinas. Não tem carro, o acesso é por barco. Ninguém quer que o mundo saiba que o lugar existe, mas todos precisam saber que você está lá. E pedem: “não espalha”. É o segredo mais bem divulgado do verão. E tem Cumuruxatiba, um achado com nome de desbravamento. Estar com os pés permanentemente sujos de areia e dormir com o cabelo salgado são sinais de pertencimento local. É experimentar uma vida simples (pena que a simplicidade não caiba na mala) e, na volta, correr para reparar os danos do sol. Não estou só. Metade de São Paulo está aqui. O sul da Bahia, nesta época, vira o Nordeste paulista. E toda vez que me despeço desse paraíso, penso a mesma coisa: quero morar aqui. Mesmo sabendo que, quando eu voltar, ele já terá mudado.

O compositor Paulo Diniz fez dessa saudade um hino: “I don’t want to stay here, I want to go back to Bahia”. Bahia, não me devolva tão depressa. Fica em mim mais um pouco.



Turistas em escunas na Ilha do Lula, um dos pontos de parada no passeio com embarcação, em Paraty (RJ) Adriano Vizoni/Folhapress

Escunas democratizam acesso a ilhas e praias remotas no litoral de Paraty

Preço por pessoa é mais baixo do que o cobrado nos passeios de lancha na região; após viralizar nas redes sociais, Ilha do Coco é ponto mais disputado por turistas

FOLHA VERÃO

Mariana Zylberkan e Adriano Vizoni

PARATY (RJ) Com cerca de 65 ilhas, a baía de Paraty (RJ) demanda naturalmente embarcações para ser visitada. A geografia abri-

gada transforma o trajeto em um passeio por si só, por águas calmas com diferentes tonalidades de verde a depender do tempo, ensolarado ou nublado.

O acesso aos atrativos pode encarecer caso seja feito por meio de lanchas que cobram a partir de R\$ 200 por pessoa o traslado até a praia Vermelha, por exemplo, uma das mais próximas, localizada a cerca de 40 minutos de navegação do cais no centro da cidade histórica.

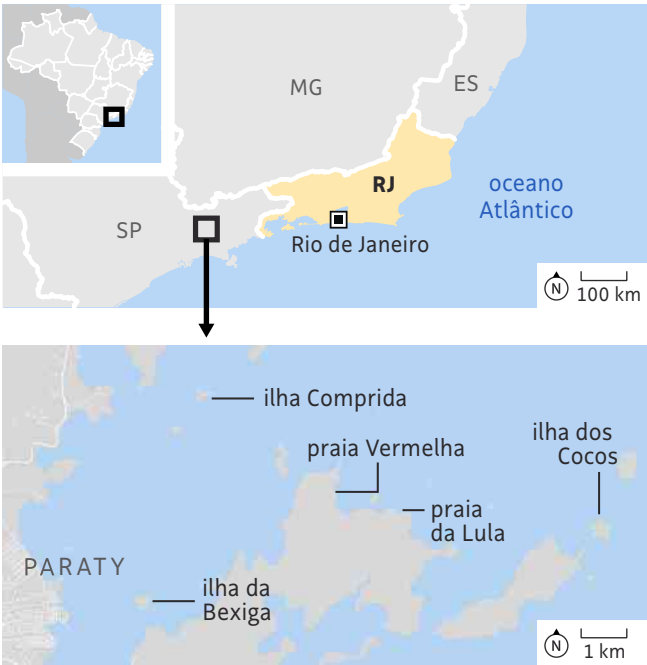
Por isso, as escunas com capacidade para até 160 pessoas se tornaram a opção mais democrática para conhecer e navegar pela baía entrecortada pela mata atlântica, com possibilidade de avistar golfinhos pelo caminho.

O sistema é operado por dezenas de escunas que partem do cais principal da cidade todos os dias no fim da manhã durante a alta temporada. O turista desavisado, que não comprou antecipadamente seu bilhete nas agências de turismo localizadas no centro histórico, é alvo de assédio de vendedores de passeio que abordam qualquer um que passa pelo cais.

A abordagem é feita com pranchetas onde fotos dos atrativos são exibidas. Quase todas têm escorregadores na popa para permitir mergulhos no mar e algumas oferecem diferenciais como pranchas de stand up paddle.

O valor tabelado a partir de R\$ 110 por pessoa, nas escunas de dois andares, é fixado pela associação que reúne barqueiros e operadores das embarcações em Paraty, e inclui cinco horas de passeio com até quatro paradas.

Entre elas, a Ilha do Coco foi



alçada como ponto obrigatório após vídeos viralizarem nas redes sociais. Sem faixa de areia, a pequena ilha em formato de feradura atrai visitantes em busca de registros em meio a peixes coloridos na água cristalina. “Mesmo mais longe do cais, a ilha tem uma demanda alta de visitas. Todo mundo pede para ir”, diz Camila Passos, gerente das escunas Soberano da Costa.

A família dela mora em Paraty e atua no ramo de embarcações há 21 anos, quando seu pai se mudou de Camamu, na Bahia. As escunas são feitas pelo avô de Camila, Raildo Passos, carpinteiro na cidade do litoral sul baiano.

“Começamos com um barco em Angra dos Reis [RJ] e agora temos quatro escunas”, diz a gerente. Os passeios de escuna em Paraty seguem um roteiro padrão.

R\$ 110

é o preço mínimo tabelado por passageiro para os passeios de escuna. O valor foi fixado pela associação que reúne barqueiros e operadores das embarcações e contempla cinco horas de passeio com até quatro paradas. As escunas têm capacidade para até 160 pessoas e têm ganhado espaço como opção mais democrática para quem quer conhecer a região

Ao embarcar, o turista recebe uma comanda e um cardápio. O som alto toca hits de axé a sertanejo, apesar de algumas embarcações oferecerem som ao vivo.

Antes de partir, os visitantes são alertados para questões de segurança, como a proibição de pular do segundo andar da embarcação para o mar.

Ao fim dos avisos dados por um tripulante ao microfone, é informado que os interessados em almoçar a bordo devem fazer os pedidos antes de zarpar do cais. Os pratos individuais custam de R\$ 70 a R\$ 90. Uma cerveja long neck sai por R\$ 16.

Localizada a uma hora e 20 de navegação a partir do centro de Paraty, a Ilha dos Cocos passa por pontos da baía como a Ilha da Bexiga, do velejador e escritor Amyr Klink. O nome é referência ao surto de varíola no século 20, quando a ilha recebia pessoas infectadas em quarentena.

Por ser estreita, a Ilha dos Cocos demanda que as escunas ancorem próximas umas das outras. As manobras das embarcações com até 20 metros de comprimento são feitas em meio aos turistas que usam boias coloridas em formato de espaguete para boiar no mar.

O som alto concorre com as buzinas das embarcações, uma forma de avisar os turistas para retornar a bordo para seguir para a próxima parada. Na manhã da última quinta-feira (15), havia ao menos dez escunas ancoradas na baía da Ilha dos Cocos.

Cada parada dura, em média, 30 minutos, e as escunas fazem uma espécie de rodízio nos pontos mais procurados para evitar a superlotação. Após a Ilha dos Cocos viralizar, outras paradas até então concorridas, como a Ilha Comprida e a Praia Vermelha, tornaram-se secundárias, segundo a gerente das escunas Soberano da Costa. Para avistar os peixes, são alugados óculos de mergulho e snorkel a R\$ 25.

A disputa, porém, é por um lugar a bordo do bote que faz o trajeto da escuna até a faixa de areia das paradas onde há praia, como a Ilha da Lula. Fotógrafos a bordo incentivam os turistas a posar para depois venderem os registros a R\$ 20 a foto ou o pacote de R\$ 150 por dez fotos.

Após a segunda parada, é servido o almoço na Ilha da Pescaria, onde o mar fica parecido com uma piscina e o balanço do barco é quase nulo. Em caso de enjojo, a tripulação oferece comprimidos para aliviar o sintoma e a dica de olhar para o horizonte e molhar a nuca com água gelada.

De Monte Belo, em Minas Gerais, o casal Lucila Chagas, 34, e Vinicius Alexandre, 38, conta que escolheu o passeio de escuna por ser a única maneira de conhecer as ilhas de Paraty. “Os tempos de parada são muito curtos, não dá para aproveitar direito”, diz Vinicius.

Habitados a passar férias em Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, o casal visitou Paraty pela primeira vez neste verão.

“Coloquei no GPS e vi que a distância era a mesma e ainda não conhecíamos”, diz o turista, que enfrentou sete horas de estrada para chegar ao destino de férias.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000 whatsapp 11 9 9646-9069 classificados@grupofolha.com.br

NEGÓCIOS

COMUNICADOS

COMUNICADO
A WOP CENTRO OESTE TERCEIRIZAÇÃO DE MAO DE OBRA, solicita o comparecimento da senhora NAYARA DINIZ DOS REIS portadora da CTPS nº 3997536, série 8808 ao estabelecimento de seu empregador, sito à R. Maj. João Nunes, 78 - Parada Inglesa, São Paulo - SP, no prazo de 48 horas, para tratar de assuntos de seu interesse

COMUNICADO
Solicitamos o comparecimento do Sr. (a) NAYARA RODRIGUES DE LIMA SOUZA Portadora da CTPS 032223 SÉRIE 418 - SP no prazo de 03 dias. O seu Não comparecimento caracteriza ABANDONO DE EMPREGO, CONFORME ART 482 CLT.

COMUNICADO
Solicitamos que o senhor ROGÉRIO ROMEIRO CTPS 3930851, série 5801 retorne ao trabalho ou informe eventual motivo de impedimento. Viação Campo Belo Ltda.

Novo tratado entra em vigor, e alto-mar deixa de ser ‘terra de ninguém’

Ratificado por mais de 80 países, acordo para proteção dos oceanos é ferramenta para combater a tripla crise global de clima, poluição e perda de biodiversidade

Jéssica Maes

SÃO PAULO Entrou em vigor no último sábado (17) o primeiro acordo global para proteção do alto-mar, que cobre cerca de metade da Terra. Ratificado por mais de 80 países, o texto tem o objetivo de conservar e usar de forma sustentável a biodiversidade marinha na região que está além dos domínios de cada país.

O alto-mar é caracterizado por toda a área que está mais do que 200 milhas náuticas (370 km) distante da costa, a chamada Zona Econômica Exclusiva. Dentro desta zona, cada nação tem soberania sobre os recursos naturais. Porém, o que fica além dela — cerca de 70% dos oceanos — estava numa espécie de limbo jurídico.

“Até então, podíamos considerar que o alto-mar era um mosaico de estruturas, de leis, de regras, e grande parte era terra de ninguém”, diz a bióloga Janaína Bumbeer, gerente de projetos da Fundação Grupo Boticário.

Um exemplo desse mosaico é o fundo do mar. Desde 1982, quando foi adotada a Convenção das Nações Unidas do Direito do Mar, a rocha que compõe o “solo” do oceano é considerada patrimônio da humanidade —ou seja, é de todo mundo. Assim, os recursos ali presentes só podem ser explorados em benefício da sociedade global.

“Mas a coluna d’água logo acima, que em alguns lugares do planeta pode chegar a 11 quilômetros de profundidade, não era de ninguém”, conta o diretor de pesquisa e inovação do Inpo (Institu-

to Nacional de Pesquisas Oceânicas), Andrei Polejack, ressaltando a diferença conceitual.

“Se a água não era de ninguém, ela estava livre para ser explorada. Qualquer país que chegasse lá, fazia o que queria. Não tinha muita fiscalização e controle sobre isso”, diz ele. “Agora isso muda”.

Essa situação de descontrole foi exemplificada pelo vazamento de óleo que atingiu o litoral nordeste brasileiro em 2019.

Regramento internacional

O BBNJ (sigla em inglês para Acordo de Biodiversidade Marinha Além da Jurisdição Nacional), conhecido como Tratado do Alto-Mar, foi assinado após mais de duas décadas de negociações.

“Apesar da crise do multilateralismo, o Tratado do Alto-Mar é uma conquista histórica e um sinal de unidade global”, opina a bióloga Martinez Scherer, enviada especial para oceanos da COP30, conferência do clima das Nações Unidas realizada em Belém, em novembro.

O oceano, essencial para a manutenção da vida no planeta, é fortemente atingido pelas três grandes crises globais: mudança climática, poluição e perda de biodiversidade.

“As áreas marinhas protegidas criadas nas águas internacionais, por exemplo, poderão atenuar ameaças graves, como a mineração e as atividades de exploração de petróleo ou gás, que prejudicam a saúde do oceano e reduzem a sua resiliência às alterações climáticas”, explica.

O Chile, que se candidatou a sediar o secretariado do BBNJ, propôs também o estabelecimento da primeira área protegida no alto-mar sob o tratado: as cadeias de montanhas subaquáticas de Salas y Gómez e de Nazca.

De acordo com a ONG Oceana, que apoia a criação da reserva, expedições recentes descobriram 170 novas espécies marinhas na região. Assim, o local é considerado uma prioridade de conservação.

“Hoje em dia, só 1% do alto-mar está protegido com alguma legislação, mas a meta [da convenção de biodiversidade da ONU] é chegar a 30% até 2030”, lembra Janaína Bumbeer, da Fundação Grupo Boticário.

Vale destacar, ainda, a importância do estabelecimento de estudos de impacto ambiental para essas áreas. Assim como acontece com o licenciamento ambiental em terra, essas análises deverão demonstrar cientificamente os riscos que atividades como certos tipos de pesca oferecem à biodiversidade marinha.

Scherer defende que o acordo é uma oportunidade para um “mutirão azul global”. “Mas transformar essa promessa em resultados concretos exigirá ação política, cooperação internacional e forte embasamento científico”, diz ela.

Na COP30, a pesquisadora esteve à frente de uma proposta lançada pela chefia brasileira do evento, um plano para acelerar soluções climáticas baseadas no oceano. O documento trata de di-



Acordo se concentra em quatro questões

O tratado aborda quatro questões principais: recursos genéticos marinhos, incluindo a partilha equitativa dos benefícios adquiridos a partir deles; ferramentas de gestão e áreas marinhas protegidas; avaliações de impacto ambiental; e capacitação e transferência de tecnologia.

O texto trata de questões transversais, como financiamento, e cria um organograma institucional, incluindo COPs (sigla para Conferências das Partes) do oceano. Também prevê um painel científico específico, para auxiliar em decisões.

ferentes eixos da economia e propõe ações a serem implementadas até 2030 e pede que sejam investidos ao menos US\$ 116 bilhões (R\$ 620,7 bilhões) nesse setor.

O oceano é um dos elementos mais importantes na manutenção do clima global. Ele absorve aproximadamente 30% do dióxido de carbono jogado na atmosfera e captura cerca de 90% do calor gerado por essas emissões.

O papel do Brasil

Para Polejack, do Inpo, o Brasil, que ratificou o acordo no fim de 2025, pode se beneficiar da novidade. “No Atlântico Sul, o Brasil tem liderança científica, junto com a África do Sul. Com o tratado, podemos melhorar capacidades de pesquisa e acesso a tecnologias e dados importantes.”

Ele lembra que a legislação brasileira em biodiversidade serviu de modelo para as discussões sobre repartição de benefícios e acesso aos recursos genéticos marinhos. Esses materiais podem ser usados para desenvolvimento de novos medicamentos, cosméticos e até na agricultura, em fertilizantes.

No próximo ano, o Brasil vai sediar, no Rio de Janeiro, a 3ª Conferência da Década do Oceano da ONU, em abril.

Apesar disso, Bumbeer avalia que o país sofre com um problema comum: as regras e legislações relacionadas ao oceano são uma colcha de retalhos. “Temos uma proposta que está tramitando há mais de dez anos para criar a Lei do Mar, que seria um grande guarda-chuva para ajudar a ligar todo esse regramento”, diz a bióloga, destacando o fato de o texto ter sido criado a partir de mobilização da sociedade civil.

“Ano passado esse projeto de lei foi aprovado na Câmara, agora precisa passar no Senado. É uma oportunidade de o Brasil pensar como vai se organizar internamente para entregar a sua parte na implementação do BBNJ.”



Juan Gonzalez/Reuters

Incêndios florestais no Chile matam 18 e deslocam 20 mil

O presidente chileno Gabriel Boric anunciou neste domingo (18) estado de catástrofe em duas regiões no sul do país. O motivo são os incêndios florestais que levaram ao deslocamento de cerca de 20 mil pessoas e causaram ao menos 18 mortes. De acordo com a agência florestal chilena Conaf, os bombeiros combatiam 24 incêndios ativos em todo o país na manhã de domingo, sendo os maiores nas regiões de Ñuble e Bío Bío. Ambas estão a aproximadamente 500 km ao sul da capital Santiago. Os incêndios já consumiram quase 8.500 hectares nas duas regiões até o momento, pondo em risco várias comunidades. Autoridades orientaram a população a deixar esses locais. Em pronunciamento publicado em vídeo no X, o presidente pediu ajuda a outros países. As autoridades afirmam que condições adversas, como ventos fortes e altas temperaturas, ajudaram a propagar os incêndios.

Racionamento de água em SP deixa comunidade vulnerável à dengue

Secretaria Municipal da Saúde diz realizar ações contínuas no Morro da Lua, na zona sul da capital paulista; Sabesp afirma que problema de abastecimento foi resolvido

Patrícia Pasquini
e Rubens Cavallari

SÃO PAULO Há pelo menos três meses, Carol Gomes, 40, moradora da comunidade Morro da Lua, no Jardim Ingá, na zona sul de São Paulo, armazena água em um tanque e em baldes e garrafas. É a única alternativa, ela diz, para que a família de quatro pessoas tenha água para beber, tomar banho e cozinhar.

“Chegamos a ficar três, cinco dias direto sem água. Armazemos do jeito que dá”, diz. Por medo da dengue, Carol conta que cobre o tanque com um plástico.

A reportagem circulou pela comunidade no último dia 12 e flagrou casas com baldes cheios de água nas garagens e nos quintais, sem nenhum tipo de vedação.

Na comunidade Morro da Lua, a **Folha** também flagrou locais com pneus abandonados, lixo e caixas d’água destampadas e cheias de larvas que podem ser do mosquito *Aedes aegypti*, que transmite dengue e também zika e chikungunya.

De acordo com um morador, os ventos fortes do último mês arrancaram as tampas e as pessoas não perceberam. “Tem várias [caixas d’água] sem tampa por aqui”, relatou o homem.

Pela manhã, quando há abastecimento, Jacinta Góes de Souza, 51, enche os baldes e aproveita para lavar a roupa acumulada. Para beber, diz que compra água de um vizinho.

Marlene Campos dos Santos, 63, tem um restaurante de comida mineira na comunidade. Em uma área de serviço do estabelecimento ela mantém três galões destampados com água para lavar a louça. A água que usa para cozinhar ela precisa comprar.

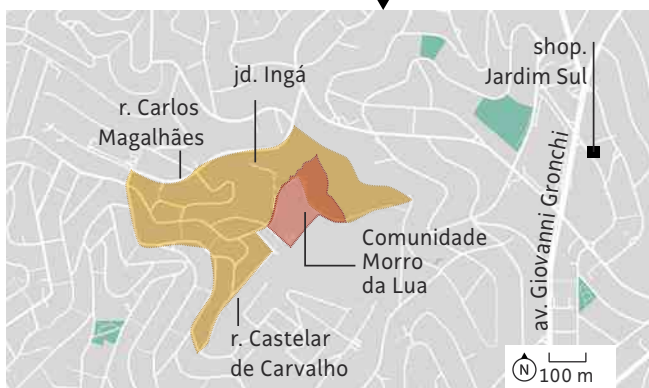
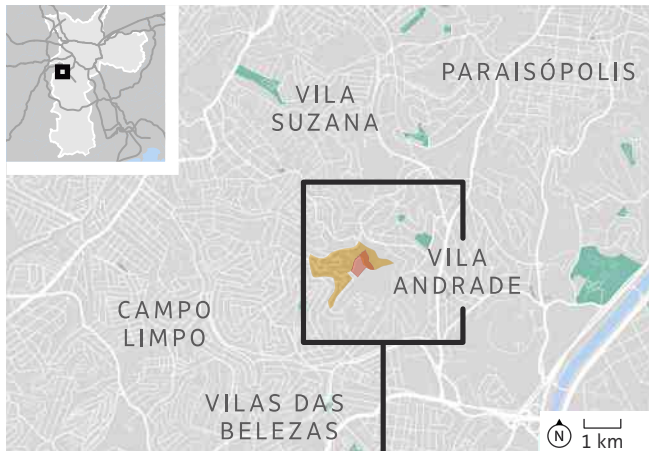
A reportagem a questionou sobre o risco de a dengue. Para a comerciante, como os galões permanecem em local com porta fechada, não há perigo. Marlene conta que, há mais de um ano, ela e o filho pegaram a doença. Diz acreditar que o foco dos mosquitos estivesse em uma poça em frente à sua casa, no Jardim Ingá.

Armazenar água de forma inadequada potencializa o risco de formação de criadouros de *Aedes aegypti*. “Anos atrás, em 2014 e 2015, já vivemos essa situação de uma epidemia de dengue relacionada à situação hídrica”, diz Tamara Nunes de Lima-Camara, professora associada ao Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP. Em agosto de 2014, 1 a cada 20 paulistas era submetido a racionamento de água e convivia com interrupções no abastecimento que duravam de quatro horas a dois dias seguidos.

“A falta d’água é um problema grave. As pessoas tentarão sobreviver da melhor forma possível



Carol Gomes armazena água em sua casa na comunidade Morro da Lua Rubens Cavallari/Folhapress



Vacina de dose única começa a ser aplicada

A cidade de Botucatu (SP) deu início neste domingo (18) à vacinação contra a dengue com o imunizante nacional de dose única desenvolvido pelo Instituto Butantan. O município é um dos três escolhidos para uma estratégia de “imunização acelerada”. O teste inclui Nova Lima (MG) e Maranguape (CE).

nesses momentos de crise, mas precisam ter a consciência de fazer a vedação correta desses recipientes”, afirma a especialista.

Baldes, galões, bacias, tanques e cisternas devem permanecer totalmente fechados ou com tela. Quando vazios, o ideal é mantê-los virados para baixo, de preferência em local coberto.

Procurada, a Secretaria Municipal da Saúde diz que realiza ações contínuas de combate à dengue na região, que incluem orientação e controle do *Aedes aegypti*, visitas domiciliares e eliminação de criadouros. Segundo a pasta, as equipes de vigilância do território vão distribuir telas para caixa d’água como medida preven-

tiva. As telas também podem ser usadas em outros recipientes de armazenamento, especialmente em contextos de racionamento.

Olga Próspero, líder da comunidade Morro da Lua, afirma que o problema da falta de água se arrasta há mais de dois meses.

“A água está vindo um dia sim, outro não; quando tem, é só até 10h, 11h da manhã, e acaba. E não vem para todo mundo. Aqui tem 6.600 famílias. Fica todo mundo sem água. A solução é armazenar nos baldes. Na Sabesp, falam que [a água] não dá para subir, chega fraca. Então, ou enchemos os baldes ou morremos de sede.”

De acordo com a Secretaria da Saúde, em 2025 foram confirmados 1.365 casos de dengue e uma morte pela doença no distrito do Campo Limpo, onde fica o Jardim Ingá.

A Sabesp afirma que o abastecimento de água na comunidade Morro da Lua foi normalizado após reparo no equipamento que bombeia água para a região.

A companhia diz que a comunidade está localizada em uma área mais elevada e que, nos últimos dias, as altas temperaturas provocaram um aumento expressivo no consumo de água, o que pode ter impactado o abastecimento. A Sabesp afirma que seguirá monitorando o serviço na região.

Para a professora Tamara Nunes, combater o *Aedes aegypti* é responsabilidade de todos.

“As políticas públicas são necessárias para o controle dar certo, mas a sociedade precisa se conscientizar de que faz parte disso e ajudar. Cuidado com vasos de plantas, caixas d’água, recipientes para armazenar água, pneus, latas largadas no quintal. Piscinas que não são usadas com frequência também costumam ser criadouros do mosquito.”

Justiça nega pedido de cursos de medicina para impedir divulgação de notas

Cláudia Collucci

SÃO PAULO A Justiça Federal negou na sexta (16) um pedido de liminar apresentado pela associação que representa instituições privadas de ensino superior (Anup) para impedir a divulgação das notas do Enamed (Exame Nacional de Avaliação da Formação Médica), prevista para esta segunda (19).

Com a decisão, da 3ª Vara Federal Cível da Seção Judiciária do Distrito Federal, o MEC (Ministério da Educação) permanece autorizado a tornar públicos os resultados do exame, aplicado a estudantes do último ano de medicina.

Segundo a associação, o exame apresentaria “graves falhas regulatórias e procedimentais”, além de suposta violação aos princípios da publicidade e da segurança jurídica.

De acordo com argumentação, a exposição pública das notas pode gerar impactos financeiros e reputacionais irreversíveis para as instituições.

O juiz responsável pelo caso, Rafael Leite Paulo, no entanto, entendeu que a simples divulgação das notas não resulta em aplicação automática de sanções às instituições de ensino, não havendo, portanto, justificativa para a concessão da tutela de urgência. Para o juiz, os eventuais prejuízos às instituições não se sobrepõem ao interesse público de garantir transparência na avaliação da qualidade do ensino médico.

A decisão também destaca que o Enamed integra uma política pública de regulação e supervisão do ensino superior e que a publicidade dos resultados é essencial para permitir o controle social e a atuação dos órgãos reguladores. E reforça que as instituições têm ciência prévia das regras do exame e das consequências associadas aos resultados, não havendo fundamento para impedir a divulgação após a prova.

O receio das faculdades está relacionado ao endurecimento das sanções previstas a partir de 2026. Cursos de medicina que obtiverem notas 1 ou 2 no Enamed poderão sofrer uma série de penalidades administrativas.

Entre elas estão a proibição de abertura de novas vagas, a suspensão de novos contratos de financiamento estudantil pelo Fies e de bolsas do ProUni, além da possibilidade de impedimento de novos processos seletivos. Em casos considerados graves ou de reincidência, o MEC poderá determinar a desativação do curso.

As medidas fazem parte de uma estratégia do governo federal para responder às críticas recorrentes sobre a expansão acelerada de faculdades de medicina no país.

PSG dá salto no Ranking Folha do futebol mundial e entra no top 30

Campeão da versão expandida da Copa do Mundo de Clubes, Chelsea ganha posições e ultrapassa uma de suas vítimas, o Palmeiras

Luciano Trindade

SÃO PAULO Após a temporada mais vitoriosa de seus 55 anos de história, o Paris Saint-Germain mudou de patamar no futebol europeu em 2025 e deu o mais significativo salto na nova edição do Ranking Folha do futebol mundial.

O clube francês acrescentou seis taças à sua galeria, uma delas a da Champions League, e avançou 61 posições na lista, uma série histórica publicada desde 2002, alcançando o 29º lugar.

Campeão francês com seis rodadas de antecedência e vencedor da Copa da França ao superar o Reims na decisão, o PSG se tornou apenas o 11º clube do continente a celebrar uma tripla coroa, com os títulos da liga nacional, da copa doméstica e do principal torneio europeu de clubes.

A temporada começou com a conquista da Supercopa da França, passou pela vitória na Supercopa da Europa e terminou com o triunfo sobre o Flamengo na final da Copa Intercontinental, encerrando um ano que marcou a entrada do clube no grupo das principais potências do futebol mundial —com o dinheiro da família real do Qatar, que o controla.

Embora o título intercontinental não tenha para os clubes europeus o mesmo peso histórico que tem para os sul-americanos, a conquista amenizou, ao menos parcialmente, a única frustração dos torcedores do PSG no ano: o vice-campeonato na primeira edição expandida da Copa do Mundo de Clubes. Disputada nos Estados Unidos, a competição terminou com derrota da equipe francesa na final contra o Chelsea, por 3 a 0.

O time francês somou 220 pontos ao longo de 2025 e chegou a 290 no total. Embora o sucesso nacional do PSG seja relevante para dimensionar sua grandeza na temporada passada, o Ranking Folha do futebol mundial atribui pontuação exclusivamente a competições internacionais.

A partir desta edição do ranking, a Copa do Mundo de Clubes passa a ser o torneio a distribuir a maior pontuação da série, com 100 pontos para o campeão e 60 para o vice.

Criado pela Fifa (Federação Internacional de Futebol) com a promessa de ser disputada a cada quatro anos e reunir 32 clubes de todos os continentes, o certame ajudou o Chelsea a encerrar o

ano de 2025 como o terceiro clube que mais pontuou na temporada, com 110 pontos somados.

Agora na 16ª posição, com 520, o time inglês subiu seis lugares em relação ao ranking do ano anterior, deixando para trás equipes como Manchester United, Santos e Palmeiras —que foi sua vítima na Copa do Mundo de Clubes. Entre os ingleses, agora, fica atrás apenas do Liverpool, o sexto colocado, com 830.

Sem grandes mudanças nas edições mais recentes, o pelotão da frente teve uma alteração relevante no último ano com a saída do São Paulo do top 10. O clube brasileiro foi ultrapassado pela Inter de Milão e aparece agora em 11º lugar. O time italiano somou 40 pontos com o vice da Champions League.

Estacionado nos 630 pontos, o São Paulo, ainda o brasileiro mais bem colocado na classificação histórica, começa a ver o Flamengo se aproximar. Campeão da Copa Libertadores ao superar o Palmeiras na decisão e vice da Copa Intercontinental, o clube carioca somou 120 pontos em 2025, chegou aos 550 e pulou da 19ª para a 14ª posição.

Os dez brasileiros mais bem colocados são: São Paulo (11º), Flamengo (14º), Santos (18º), Palmeiras (20º), Grêmio (22º), Cruzeiro (26º), Internacional (28º), Corinthians (32º), Fluminense (36º) e Atlético Mineiro (também 36º).

Ranking Folha mundial 2025

Clube	Ranking 2024	Ranking 2025	Posições ganhas	Pontos na última edição	Pontos atuais	Pontos ganhos
Real Madrid	1	1	0	1.950	1.950	0
Milan	2	2	0	1.010	1.010	0
Boca Juniors	3	3	0	1.000	1.000	0
Bayern	4	4	0	960	960	0
Barcelona	5	5	0	945	945	0
Liverpool	6	6	0	830	830	0
Peñarol	7	7	0	750	750	0
Independiente	8	8	0	725	725	0
Juventus	9	9	0	660	660	0
Inter de Milão	12	10	2	610	650	40
São Paulo	10	11	-1	630	630	0
River Plate	11	12	-1	615	615	0
Ajax	13	13	0	580	580	0
Flamengo	19	14	5	430	550	120
Nacional	14	15	-1	540	540	0
Chelsea	22	16	6	410	520	110
Man. United	15	17	-2	490	500	10
Santos	15	18	-3	490	490	0
Olimpia	17	19	-2	485	485	0
Palmeiras	19	20	-1	430	470	40
Estudiantes	18	21	-3	445	445	0
Grêmio	21	22	-1	420	420	0
Benfica	23	23	0	370	370	0
Porto	24	24	0	320	320	0
Al Ahly	25	25	0	315	315	0
Atl. de Madrid	26	26	0	310	310	0
Cruzeiro	26	26	0	310	310	0
Internacional	28	28	0	300	300	0
PSG	90	29	61	70	290	220
Atl. Nacional	29	30	-1	250	250	0
B. Dortmund	29	30	-1	250	250	0
Corinthians	31	32	-1	240	240	0
Man. City	32	33	-1	220	220	0
Mazembe	33	34	-1	191	191	0
LDU	34	35	-1	190	190	0

Pontuação mundial 2025

Torneio	Campeão	Vice
Copa do Mundo de Clubes	100	60
Copa Intercontinental da Fifa	80	50
Torneios intercontinentais	60	-
Liga dos Campeões/ Libertadores	70	40
Recopa/Copa da Uefa/ Liga Europa/Supercopa/ Copa Mercosul/Copa Conmebol/ Copa Sul-Americana/ Torneio Sul-Americano (1948)	20	10
Copa dos Campeões da África, Ásia e Concacaf	15	8
Conference League, Recopa de África, Ásia e Concacaf (inclui Giants Cup)/ Intertoto(de 1962 a 1967)/ Copa Merconorte/ Inter Fairs/Copa CAF/ Copa das Confederações	10	5
Supercopa da Europa/ Recopa Sul-Americana	10	-
Copa dos Campeões da Oceania (1987 a 2005)/Copa AFC	7	3
Copa Inter-Americana/ Copa Afro-Asiática/ Supercopa de África e Ásia	5	-
Copa dos Campeões da Oceania (desde 2006)/ Recopa da Oceania	4	2
Copa dos Presidentes	2	1



Vitinha segura a taça da Copa Intercontinental e celebra com seus colegas de PSG Thaier Al-Sudani - 17.dez.25/Reuters

Conheça história e compreenda critérios da lista

O Ranking Folha do futebol é uma classificação histórica do desempenho dos times do planeta.

A versão nacional surgiu em 1996, depois teve modificações, correções e revisões, a última em 2010.

A lista mundial começou a ser publicada em 2002 e segue diretrizes semelhantes às da classificação histórica nacional.

O Ranking Folha do futebol mundial considera apenas competições internacionais. Somam pontos equipes campeãs e vice-campeãs.

Para ser contabilizado no levantamento, um torneio precisa ter representatividade, cunho oficial e sequência. Assim, campeonatos disputados só uma vez e sem perspectiva de novas edições são desconsiderados. Não rendem pontos para o ranking torneios como Copa Rio, Copa Suruga e Copa Flórida.

Torneios disputados por apenas dois clubes, como a Recopa Sul-Americana e a Supercopa da Uefa, não dão pontos ao segundo colocado. Toda equipe que participa de um torneio como esses já foi bonificada, já que eles são uma disputa de apenas dois concorrentes, vencedores de competições prévias. Não seria lógico ter um time pontuando onde só fracassou.

Dessa forma, por exemplo, o Botafogo não conquistou nenhum ponto em 2025. A equipe alvinegra, campeã da Copa Libertadores de 2024, enfrentou o Racing, da Argentina, campeão da Copa Sul-Americana de 2024. Foram duas derrotas da formação brasileira no torneio, ambas por 2 a 0. O time argentino computou 10 pontos pelos resultados.

A mesma lógica vale para velhos torneios intercontinentais. Derrotado pelo Manchester United em 1999, com gol do volante irlandês Roy Keane, o Palmeiras não pontuou por aquele vice-campeonato, em jogo único no Japão. Mas pontuou pelo vice no Mundial de 2021, no qual teve de sobreviver à semifinal.

ESPORTE AO VIVO Copa São Paulo de juniores
21h São Paulo x Botafogo, XSports

esporte



Jogadores de Senegal celebram conquista do título Paul Ellis - 18.jan.26/AFP

Senegal supera Marrocos e vence Copa Africana pela segunda vez

Partida foi marcada por pênalti assinalado para seleção marroquina nos acréscimos; atacante do Real Madrid desperdiçou

SÃO PAULO A seleção de Senegal conquistou neste domingo (18) o seu segundo título da Copa Africana de Nações com uma vitória por 1 a 0 sobre Marrocos em partida disputada no estádio Prince Moulay Abdellah, em Rabat, capital marroquina. O único gol do jogo foi marcado pelo meia Pape Gueye, do Villarreal, aos quatro minutos da prorrogação, com um chute preciso da entrada da grande área que encontrou o ângulo esquerdo do goleiro Bono. Foi o segundo título da principal competição africana de seleções conquistado pela equipe senegalesa. A primeira taça veio em 2021, quando venceu o Egito na decisão, na cobrança de pênaltis. Senegal também ficou com o vice duas vezes, em 2002, quando foi superado por Camarões, e em 2019, quando perdeu para a Argélia. Adversária do Brasil na fase de grupos da Copa do Mundo, a seleção marroquina desperdiçou a chance de também levantar a taça pela segunda vez em sua história, após ficar com o título em 1976. A última vez em que a equipe havia chegado até a final foi em 2002, quando foi superada pela Tunísia. O time da casa teve uma grande oportunidade para abrir o placar em polêmico pênalti marcado pelo juiz congolês Jean-Jacques Ndala nos acréscimos do segundo tempo, após consulta ao VAR indicar que Malick Diouf, de Senegal, teria derrubado Brahim Díaz, de Marrocos, dentro da área. Revoltados com a decisão da arbitragem, alguns jogadores da seleção de Senegal chegaram

a abandonar brevemente o gramado em direção aos vestiários, incentivados pelo treinador Pape Thiaw, mas acabaram convencidos a voltar ao gramado cerca de 15 minutos depois. Principal jogador do time, o atacante Sadio Mané foi quem chamou os companheiros a voltarem ao campo. Atacante do Real Madrid e artilheiro da Copa Africana, com cinco gols, o próprio Brahim Díaz foi para a cobrança, mas tentou uma cavadinha dispendiosa, no meio do gol, dando a bola nas mãos do goleiro senegalês Edouard Mendy. Logo após a cobrança, o juiz encerrou a partida, levando o jogo para a prorrogação. Para chegar à final, a seleção de Senegal avançou na liderança de seu grupo, após vitórias contra Botsuana e Benin e empate com a República Democrática do Congo. Nas oitavas de final, Senegal passou pela seleção do Sudão e despachou Mali nas quartas de final. Na semifinal, a seleção senegalesa bateu o Egito de Mohamed Salah por 1 a 0, com gol do atacante Sadio Mané. Invicta durante a campanha vitoriosa da Copa Africana, a seleção de Senegal sofreu sua última derrota em novembro do ano passado, quando perdeu amistoso contra o Brasil. A campeã da Copa Africana está no grupo I da Copa, ao lado de França, Noruega e mais uma seleção (Iraque, Bolívia ou Suriname) que será conhecida após a repescagem intercontinental. Já Marrocos faz parte do grupo C, e está ao lado de Brasil, Escócia e Haiti.

Estudo tático é coisa de europeu?

Opinião

Idelber Avelar
Professor de estudos latino-americanos na Universidade Tulane (EUA) e autor de “Eles em Nós: Retórica e Antagonismo Político no Brasil do século XXI” (Record, 2021). Coapresenta o podcast “Meio de campo: o futebol e sua história” no canal Meio

A pergunta que abre o texto é retórica, claro. Não sobrevivem boleiros que acreditem que a tática seja traço exclusivo do futebol europeu. Mas persiste a ideia de que as vitórias brasileiras em Copas do Mundo se explicam apenas pelo brilho individual de seus jogadores, como se o sucesso tivesse sido fruto de genialidades isoladas. Os 24 anos de jejum abriram espaço para clichês como o que todos já encontramos na arquibancada ou na internet: “Desde que começamos a copiar o tatiqê europeu, nunca mais ganhamos”. Ironicamente, a correlação mais próxima da realidade é a oposta. O Brasil deixou de chegar a finais de Copas depois de ter deixado de estar na vanguarda tática de seu tempo, que ocupou por décadas.

Aqui, é reveladora a ausência de comunicação entre duas bibliografias. Por um lado, as histórias das táticas escritas em inglês, alemão, italiano e holandês não mencionam o Brasil, a não ser como morada do talento individual que a tática terá que superar. Por outro lado, na crônica e na história oral produzidas pelo Brasil sobre seu futebol, praticamente não se fala de tática. Ela não recebe créditos pelas vitórias, que são atribuídas aos gênios individuais, como se eles tivessem operado soltos, fora de um padrão. O mito é antigo. Já em 1938, Gilberto Freyre explicava o bom papel na Copa da França pela “espontaneidade individual [...] rebelde a excessos de



Em 1958 e 1962, a inovação tática foi tão importante que choca não termos um livro sobre o assunto. Depois de décadas de dominação global do WM (3-2-2-3), o Brasil inventava a linha de quatro defensores e a marcação por zona. Ao transmitir Brasil 3 x 1 Inglaterra (1962), o narrador da BBC, Kenneth Wolstenholme, se encantava com o que ainda lhe parecia uma inovação: “Eles marcam espaços, não homens”

ordenação interna; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização”. O futebol brasileiro que derrota tchecos e poloneses na Copa de 1938 já está completamente atravessado pela influência húngara, mas Freyre desconhece ou omite o fato. Ele complicaria a oposição simplista entre espontaneidade brasileira e geometrização europeia. Em 1958 e 1962, a inovação tática foi tão importante que choca não termos um livro sobre o assunto. Depois de décadas de dominação global do WM (3-2-2-3), o Brasil inventava a linha de quatro defensores e a marcação por zona. Ao transmitir Brasil 3 x 1 Inglaterra (1962), o narrador da BBC, Kenneth Wolstenholme, se encantava com o que ainda lhe parecia uma inovação: “Eles marcam espaços, não homens”. A linha de quatro permite ao Brasil outra inovação tática, o surgimento do lateral atacante, que ultrapassa o ponta. O argentino Marzolini e o italiano Facchetti são exemplos do quão influente foi a arte inventada pelo brasileiro Nilton Santos. As limitações do 4-2-4 ocasionaram mais uma inovação, o ponta que recua e fecha o meio — arte inaugurada por Telê Santana, no Fluminense, e depois consagrada pela atuação de Zagallo em 1958 e 1962. Nós não perdemos Copas porque começamos a nos preocupar com tática. É o contrário. O período de jejum coincide com a consolidação de uma mentalidade complacente, espontaneísta, avessa ao estudo, que defasou os técnicos brasileiros até em relação aos portugueses. A chegada de Carlo Ancelotti e o sucesso de treinadores estudiosos como Filipe Luís são alentos, e sinais de que a maré pode estar mudando.



Corinthians e São Paulo ficam no empate em Itaquera

Atacante Yuri Alberto (à esq.) e zagueiro Arboleda disputam a bola durante duelo pelo Campeonato Paulista. Os gols foram marcados por Gonzalo Tapia e Breno Bidon Rodilei Moraes/Fotoarena/Agência O Globo

entrevista da 2ª | economia



Venezuelano passa à frente de mural com bomba de petróleo em Caracas; país tem as maiores reservas conhecidas da matéria-prima no mundo Pedro Matthey - 15.jan.26/AFP

Luisa Palacios Recuperação da indústria do petróleo é insuficiente para reconstrução da Venezuela

Para pesquisadora da Universidade Columbia e referência em energia, país também precisa avançar na gestão responsável de seus outros recursos naturais, como gás e minerais críticos, mas não há saída sem transição para um governo legítimo

NOVA YORK Engana-se quem pensa que a recuperação petrolífera será o único baluarte a longo prazo da reconstrução da Venezuela, diz Luisa Palacios, um dos nomes mais procurados em busca de informação credível sobre o setor energético de seu país natal.

Hoje especialista de referência baseada em Nova York e pesquisadora da Universidade Columbia, ela foi presidente do conselho da Citgo, empresa de energia sediada nos EUA e de propriedade da estatal do petróleo venezuelana, PDVSA, que nos últimos anos entrou em uma disputa judicial e está prestes a ser vendida para pagar credores na Venezuela.

Palacios diz que com investimentos relativamente simples é possível elevar a produção venezuelana de menos de 1 milhão de barris de petróleo por dia para 1,5 milhão. Mas que levá-la a patamares pré-destruição do parque industrial, em torno de 3,5 milhões de barris por dia, deve exigir até dez anos e um investimento de cerca de US\$ 100 milhões.

“O país também precisa avançar para uma gestão responsável de seus outros recursos naturais.

A Venezuela pode desempenhar um papel estratégico na região em termos de segurança energética, pois detém 60% das reservas de gás natural da região”, afirma.

Ainda que concorde em linhas gerais com o plano do governo americano para a Venezuela, diz que uma transição política é inegociável. “[As mudanças] serão difíceis sem um governo legitimamente eleito, que acredite na propriedade privada, no papel do setor privado no desenvolvimento econômico, em boas regras do jogo, na segurança dos trabalhadores e nos direitos humanos.”

*

Quais são os reais benefícios para os EUA em ter o controle do petróleo da Venezuela? Eu mudaria o enfoque. Te responderia qual deveria ser a importância dessas mudanças para o benefício dos venezuelanos. Vinte e cinco por cento da população teve de deixar o país. Esse é um país que tinha um PIB de mais de US\$ 300 bilhões e agora tem um inferior a US\$ 100 bilhões. Em termos de PIB per capita, hoje a comparação da Venezuela é com o Haiti.

O que vimos no chavismo e no madurismo foi uma destruição econômica, social e ambiental, a destruição do aparato produtivo. Essas mudanças que estão ocorrendo precisam ter como objetivo entrar no caminho da recuperação econômica para o bem-estar dos venezuelanos, para que eles possam retornar ao seu país e ajudar na reconstrução.

Calcula-se que os processos arbitrais das empresas petrolíferas americanas e europeias em tribunais internacionais custarão ao país algo entre US\$ 20 bilhões e US\$ 30 bilhões, mas esses números não refletem toda a destruição ocorrida em outros setores que não o petrolífero, com empresas que talvez não tivessem um caixa suficientemente sólido para iniciar processos arbitrais. O organismo que reúne as indústrias venezuelanas calculou que, em cinco anos, houve o fechamento de mais de 500 mil empresas.

O petróleo está no centro da discussão, porque mais de 90% das exportações da Venezuela são petróleo. Portanto, não há como analisar nada disso sem uma recuperação do setor petrolífero.



Luisa Palacios
Pesquisadora sênior adjunta no Centro de Política Energética Global da Universidade Columbia (NY), foi presidente do conselho da Citgo Petroleum, subsidiária americana da estatal venezuelana PDVSA sediada em Houston. Acumula passagens em postos de liderança na Medley, no Barclays Capital, na Société Générale e no Japan Bank for International Cooperation. Caraquenha, formou-se na Universidade Católica Andrés Bello

Mas isso não é suficiente. Será necessário reconstituir a economia do país. Há uma questão de regras do jogo, de governança, de respeito ao meio ambiente e aos direitos humanos que precisa existir.

Ainda há poucos detalhes do plano de Trump. Mas o que sabemos é que o país continua liderado pelos mesmos chavistas de antes. Nessas condições, é possível dizer que haverá uma mudança real na vida da população? Não acredito que seja possível ter a recuperação que a Venezuela merece sem um governo legítimo, que gere confiança. Isso precisa terminar em uma eleição. E acredito que a estrutura proposta pelo secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, ao pensar a Venezuela em termos de primeiro uma estabilização, depois uma recuperação e, em seguida, uma transição, faça sentido. O que eu não acredito é que essas três coisas sejam tão fáceis de fazer de forma sequencial.

Mais cedo ou mais tarde, você vai precisar de elementos claros não apenas de estabilização mas também de recuperação, e não apenas de estabilização e recuperação mas também de transição. Qualquer plano da oposição também começa com a recuperação da indústria petrolífera como motor para avançar para outras fases da reconstrução da Venezuela. E há diferenças quanto a se essa recuperação petrolífera é suficiente. Para mim, não é.

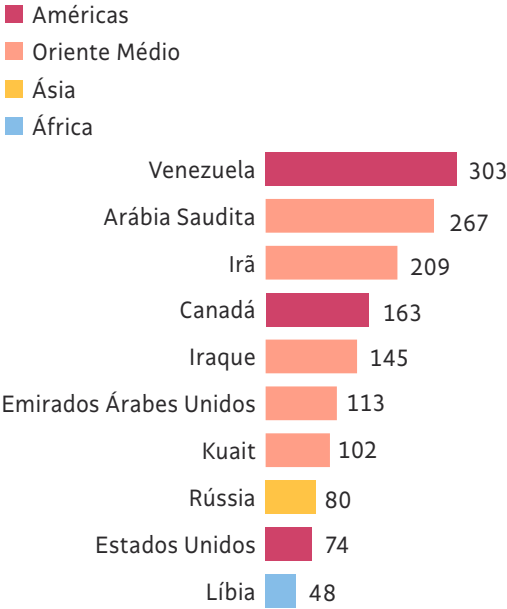
O país também precisa avançar para uma gestão responsável de seus outros recursos naturais. A Venezuela pode desempenhar um papel estratégico na região em termos de segurança energética, pois detém 60% das reservas de gás natural da região.

Continua na pág. A35

Venezuela, o potencial gigante do petróleo

País possui as maiores reservas do mundo...

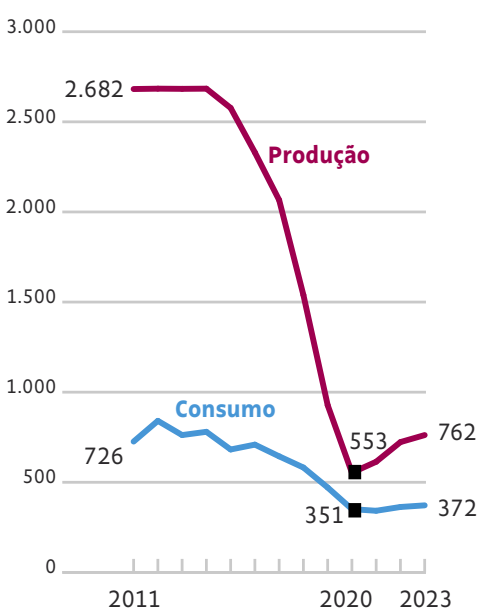
Maiores reservas mundiais de petróleo bruto, em bilhões de barris



Fonte: Oil & Gas Journal, 2023
Worldwide Reserves and Production

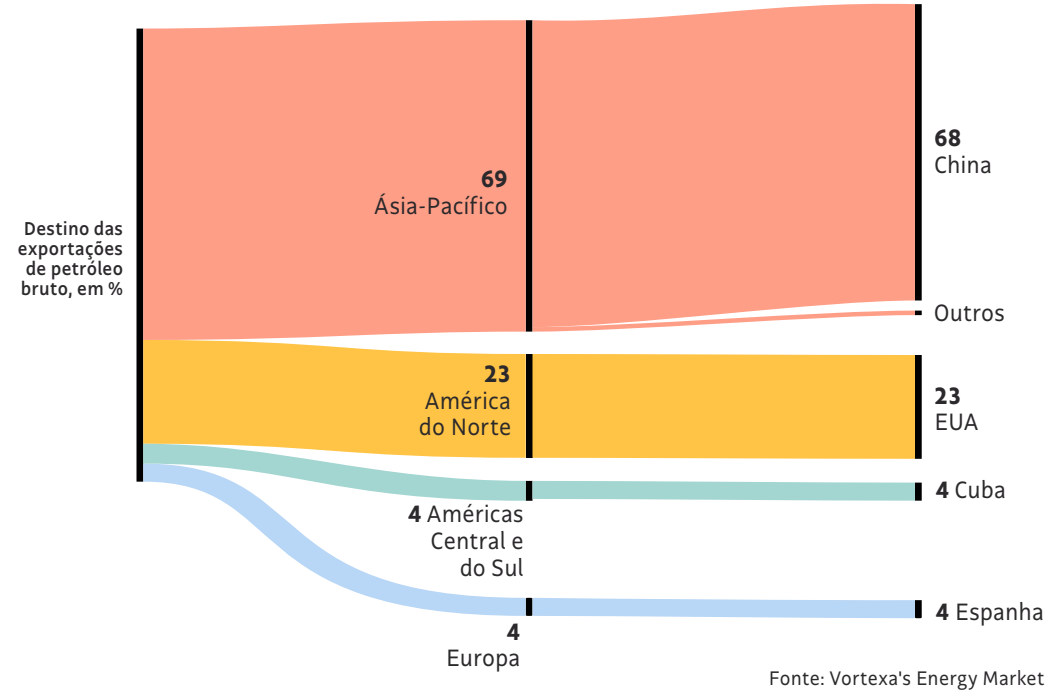
... mas produção está muito aquém da capacidade...

Produção e consumo doméstico de petróleo, em milhares de barris por dia



Fonte: U.S. Energy Information Administration,
International Energy Statistics

... e a China é o maior comprador



Fonte: Vortexa's Energy Market

Veja a infraestrutura da commodity



Fonte: S&P Global Energy, com dados de dezembro de 2025, e Global Energy Monitor

Continuação da pág. A34

Também tem reservas de minerais críticos, e, em uma etapa de transição energética, não basta só ter petróleo para alcançar recuperação sustentável. Assim, o gás natural e o setor de mineração são áreas com enorme potencial e possibilidades, mas também são setores com graves problemas de governança e impactos ambientais. A Venezuela foi um produtor regional importante de bauxita, alumínio e ferro. Há potencial em níquel, carvão e granito.

Há aí um espaço grande para que um esforço de remediação financeira e ambiental leve à regeneração de comunidades, a outras formas de trabalho e à melhoria da qualidade de vida fora da capital. Mas isso será difícil de fazer sem um governo legitimamente eleito, que acredite na propriedade privada, em boas regras do jogo, na segurança dos trabalhadores e nos direitos humanos. Caso contrário, não haverá uma repatriação significativa dos venezuelanos, porque eles não se sentirão seguros em seu próprio país, nem uma recuperação dos capitais, porque os investimentos não se sentirão protegidos.

Qual projeção podemos fazer sobre a produção do petróleo?

Do tipo, “se for feito X, chegamos a Y barris por dia”. Hoje, a produção é inferior a 1 milhão de barris por dia. Quando Chávez chegou à Presidência, no fim da década de 1990, a produção havia atingido seu pico, quase 3,5 milhões de barris por dia. Depois, começou um declínio, mas não foi abrupto. Esse declínio tornou-se acentuado a partir de 2004, quando começaram a mudar os termos fiscais e contratuais, forçando uma maioria da PDVSA em todos os contratos.

Na bacia do Orinoco, onde estão as maiores reservas do país, há reservas muito pesadas, semelhantes às do Canadá. O produto extraído não pode ser comercializado como está. É preciso convertê-lo via um processo de refino para obter um petróleo sintético que possa ser exportado, ou então misturá-lo com um diluente.

O ponto é que, se você conseguir flexibilizar os termos de investimento para que os investidores atuais tenham acesso a diluentes, é possível aumentar a produção relativamente rápido, em um ou dois anos.

Acredito que seja possível chegar a 1,5 milhão de barris por dia. Por quê? Porque esse era o nível de produção antes das sanções.

Para avançar além disso, são necessários investimentos maciços. Diferentes especialistas apresentam números, e eu acredito que algo em torno de US\$ 100 bilhões ao longo de 7 a 10 anos seria necessário para levar a produção de onde está hoje para 3 milhões de barris por dia, que era o nível antes do chavismo. Para mobilizar US\$ 100 bilhões em cinco anos, muitas coisas precisam acontecer.

Como podemos compreender o impacto real para a China, que é quem mais compra o petróleo venezuelano?

A pergunta é: quão relevante é a Venezuela se, em vez de produzir 1 milhão

de barris por dia, produzir 1,5 milhão? Isso ainda representa apenas 1% da produção mundial. Os EUA produzem 20 vezes mais. A Venezuela não vai alterar significativamente o equilíbrio do mercado petrolífero a curto prazo. A China está comprando mais petróleo do que necessita. Neste momento, está avançando rapidamente em sua transição energética, em parte porque controla a maior fatia do mercado global de veículos elétricos.

O que precisa ser feito, de forma prática, para que o país não desperdice o potencial do gás natural? Quais países da região podem se beneficiar?

Existe uma grande oportunidade com o gás natural. Primeiro, porque há a possibilidade de exportação. A Venezuela tem muitas reservas de gás natural não associado, ou seja, para produzir gás, não é necessário produzir petróleo.

Na região ocidental, Repsol e Eni estão associadas a um campo chamado Cardón IV. Esse campo produz cerca de 0,5 BCF [billion cubic feet, ou bilhões de pés cúbicos] por dia. Poderia estar produzindo mais de 1 BCF por dia, mas o país não consome gás suficiente, então é preciso exportá-lo. É necessário ter uma saída para esse gás.

Há duas formas de exportar esse gás. Uma é por meio de um gasoduto existente entre Colômbia e Venezuela. A Colômbia precisa desse gás, mas seriam necessários investimentos e talvez extensões, embora parte da infraestrutura já exista e as distâncias sejam curtas.

Na região oriental, a solução é ainda mais simples. A Shell opera tanto no offshore venezuelano quanto no offshore de Trinidad. Bastaria construir um gasoduto de cerca de 17 km para conectar a Venezuela à infraestrutura de Trinidad. Isso é extremamente importante para Trinidad, que construiu todo um complexo para exportação de gás natural liquefeito, mas que hoje opera muito abaixo de sua capacidade. É realmente uma situação ganha-ganha.

Uma vez que essas exportações estejam em funcionamento, é possível começar a resolver o problema do metano. Existe uma grande concentração de emissões de metano em um dos campos que já foi dos maiores produtores da Venezuela, porque a empresa que processava o gás foi expropriada e, depois disso, a PDVSA não soube ou não conseguiu processar o gás natural e passou a simplesmente liberá-lo na atmosfera. É preciso recuperar essa capacidade técnica.

Todos esses problemas têm origem nas expropriações das empresas petrolíferas e de serviços, na politização da PDVSA, no endividamento excessivo e na perda de capacidade técnica, operacional e financeira da empresa.

Tudo isso decorre de decisões extremamente equivocadas que destruíram o que um dia foram algumas das empresas petrolíferas mais bem administradas do mundo. Sem reformas radicais, é muito difícil imaginar uma melhora significativa no desempenho. Por isso existe tanto ceticismo.



Austríaca Anastasia Potapova vence primeira rodada do Australian Open por 2 sets a 1

A tenista, 55ª colocada no ranking mundial, enfrentou a holandesa Suzan Lamens (97ª), neste domingo (18); a brasileira Beatriz Haddad Maia, 59ª do mundo, foi superada pela cazaque Yulia Putintseva (105ª), que venceu a partida por 2 sets a 1; o torneio é o primeiro Grand Slam desta temporada Tingshu Wang/Reuters

TUDO + UM POUCO

Carolina Muniz

Jornalista e autora do blog Tudo + um pouco

Qual o peso do ar-condicionado na conta de luz?

Saiba como o equipamento impacta o consumo mensal de energia em casa; escolha do modelo e forma de uso influenciam o valor final da fatura

No verão, cresce a procura por ar-condicionado para aliviar o calor, mas a compra exige atenção ao impacto do equipamento na conta de luz.

“Dentro de uma residência, o ar-condicionado é o grande vilão [do consumo de energia]”, diz Michele Rodrigues, professora de engenharia elétrica da FEI.

Outros aparelhos, como o chuveiro elétrico e a air fryer, também têm potência elevada, mas não costumam permanecer ligados por horas, como ocorre com o ar-condicionado, ressalta a especialista.

Ao usar um modelo de 9.000 BTUs, com potência de 800 watts, por quatro horas por dia, o aumento na conta ao fim do mês pode chegar a R\$ 76,80, considerando uma tarifa média de R\$ 0,80 por kWh (quilowatt-hora). Se o equipamento ficar ligado por cerca de oito horas diárias, o acréscimo pode alcançar R\$ 153,60.

No caso de um ar-condicionado de 12 mil BTUs e 1.200 watts, o custo mensal estimado é de R\$ 115,20 para quatro horas de uso diário e R\$ 230,40 para oito.

Além disso, a escolha inadequada do aparelho e o uso pouco eficiente podem elevar ainda mais o consumo de energia. Veja, a seguir, as dicas da professora para evitar que isso aconteça.

O que considerar ao escolher o ar-condicionado?

É preciso analisar outros fatores além do preço, reforça a especialista. Vale priorizar os modelos mais econômicos, mesmo que o valor inicial seja mais alto, já que a diferença tende a ser compensada ao longo do tempo pela redução no consumo de energia.

Nesse sentido, a principal orientação é escolher produtos com selo Procel, do Inmetro, que sinaliza maior eficiência energética.

Rodrigues também indica dar preferência aos aparelhos com tecnologia inverter, que podem gerar economia de 30% a 60% em relação aos modelos convencionais. Isso ocorre porque esses equipamentos mantêm a temperatura mais estável, sem a necessidade de ficar ligando e desligando com frequência.

Outro ponto essencial é escolher um ar-condicionado com potência adequada ao tamanho do cômodo. Um modelo subdimensionado vai trabalhar mais sem conseguir resfriar o ambiente de forma eficiente. Já um aparelho com potência acima da ideal dará conta do espaço, mas pode resultar em gasto maior de energia sem necessidade.

De modo geral, em uma residência, recomenda-se estimar

entre 600 e 800 BTUs por metro quadrado (o valor mais alto deve ser adotado quando o local recebe muita incidência solar). Como outras variáveis podem influenciar o resultado, vale buscar o auxílio de um profissional para um cálculo mais preciso —há também calculadoras online que podem ajudar.

Como otimizar o uso do ar-condicionado?

Quanto mais baixa a temperatura programada, maior tende a ser o consumo de energia. Por isso, sempre que possível, o ideal é regular o equipamento entre 23°C e 25°C. Veja algumas recomendações:

- Mantenha portas e janelas bem fechadas para evitar a perda de ar frio. Se necessário, reforce a vedação e feche frestas e vãos por onde o ar possa escapar.
- Em cômodos com alta incidência solar, proteja as janelas com cortinas ou persianas, o que ajuda a reduzir a entrada de calor.
- Faça a higienização periódica dos filtros e contrate um profissional especializado para realizar uma revisão ao menos uma vez por ano. Filtros sujos prejudicam o funcionamento do ar-condicionado e aumentam o gasto de energia.

• Não desligue e ligue o aparelho em curtos intervalos: se for se ausentar por pouco tempo, é mais eficiente deixá-lo em funcionamento. Caso contrário, o equipamento precisará trabalhar mais para resfriar o ambiente novamente.

• Se o ar-condicionado puder ser controlado pelo celular, vale resfriar o ambiente de forma gradual, acionando o aparelho pouco antes de chegar em casa e ajustando a temperatura em 23 °C, em vez de ligá-lo no máximo de frio para fazer o resfriamento rápido. Isso reduz o esforço do compressor e o consumo de energia.

Vale trocar um ar-condicionado antigo por um novo?

Em muitos casos, a substituição de um aparelho antigo por um modelo mais eficiente, como os que utilizam tecnologia inverter, pode valer a pena. Considerando uma economia estimada entre 30% e 60%, ao longo do tempo, essa redução pode compensar o investimento feito na compra do novo equipamento.



Acesse o QR Code para se inscrever



Como cuidar Coleus



O coleus, conhecido em algumas regiões como coração-magado, chama atenção por suas folhas com diferentes padrões e cores vibrantes.

Luz O coleus vai bem em varandas ou perto de janelas, desde que receba um pouco de sol fraco ou entre quatro e seis horas de luz indireta intensa por dia

Rega Mantenha o solo levemente úmido, mas nunca encharcado. Evite molhar as folhas, para prevenir o aparecimento de fungos

Adubo A adubação pode ser feita com fertilizante líquido balanceado, como NPK 10-10-10, uma vez por mês na primavera e no verão

ilustrada

Central do Brasil

Walter Salles e
Fernanda Torres
nos bastidores
de 'Ainda Estou
Aqui' Divulgação

Boa fase do cinema nacional evidencia o
poder de políticas públicas de fomento,
hoje interrompidas, e alerta para o risco
de um apagão nessa indústria Leia na pág. B6

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

ESCOLA ARTIFICIAL

Três em cada dez brasileiros já recorreram à inteligência artificial para compreender temas considerados complexos, como política, economia e ciências. É o que mostra uma pesquisa da Nexus – Pesquisa e Inteligência de Dados, realizada com 2.012 pessoas com mais de 18 anos, em todo o país, entre 26 de agosto e 1º de setembro de 2025.

PERFIL 10% dos entrevistados afirmam usar ferramentas de IA com frequência para esse fim, enquanto outros 20% dizem já ter utilizado algumas vezes. O uso é mais intenso entre jovens de 18 a 30 anos, da chamada geração Z: 40% afirmam recorrer à tecnologia para aprender sobre assuntos complexos. Entre os baby boomers, nascidos entre 1946 e 1964, o índice cai para 13%.

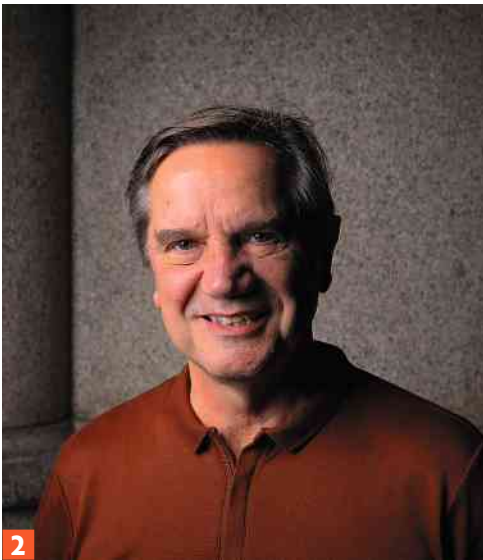
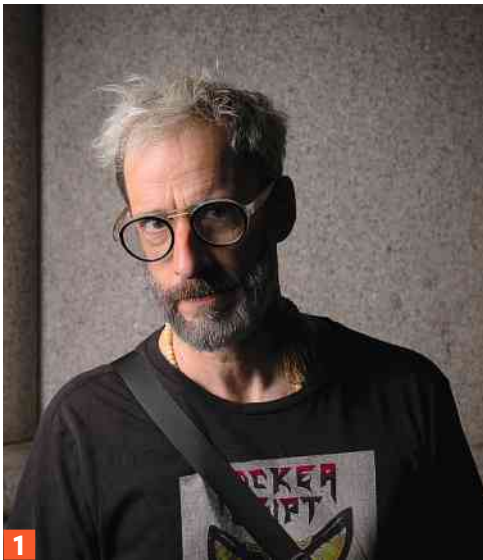
PERFIL 2 A pesquisa também aponta diferenças relevantes de acordo com renda e escolaridade. Entre pessoas com ensino superior completo, 39% utilizam a ferramenta para compreender temas políticos, econômicos ou científicos. O percentual é de 32% entre quem tem ensino médio e de 20% entre aqueles com ensino fundamental.

PERFIL 3 O mesmo padrão aparece na segmentação por renda. Entre brasileiros que ganham mais de cinco salários mínimos, 39% usam inteligência artificial para esse tipo de aprendizado. Já entre quem recebe até um salário mínimo, o índice é de 22%.

MODALIDADES Além do uso para informação, a tecnologia começa a entrar em decisões do cotidiano. De acordo com o levantamento, 29% dos brasileiros se dizem confortáveis em usar a tecnologia como apoio para decisões relacionadas à saúde e ao bem-estar. Outros 28% afirmam que a IA pode automatizar tarefas de trabalho ou estudo, e 23% veem a ferramenta como aliada para aumentar a produtividade.

IMPACTO A B3 Social, o braço filantrópico da bolsa de valores brasileira, encerrou 2025 com mais de R\$ 60 milhões sob gestão em doações diretas e via incentivos fiscais. Os recursos permitiram alcançar mais de 11 milhões de pessoas em todo o país.

IMPACTO 2 A organização concentrou os investimentos em educação pública, resposta a crises climáticas e estímulo à cultura de doação. Um dos focos foi a educação básica, com apoio à OBMEP Mirim, iniciativa do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) voltada a crianças dos primeiros anos escolares.



BRILHO

O apresentador Cazé Pecini **1**, o jornalista Milton Jung **2** e a cantora Luciana Mello **3** compareceram ao espetáculo 'Luminiscence – Luzes de São Paulo', realizada na Catedral da Sé, em São Paulo, na quarta-feira (15). O show mistura música e projeção de luzes. A atriz Aldine Muller **4**, o secretário de Cultura de São Paulo, Totó Parente **5**, o vencedor do MasterChef Confeiteiros 2025, Leo Salles **6**, o ator Cassio Scapin **7** e o editor de livros Paulo Tadeu **8** também estavam presentes Ronny Santos/Folhapress

APOIO A Prefeitura de São Paulo afirma ter realizado 114.751 atendimentos técnicos a mulheres vítimas de violência entre janeiro e novembro de 2025, segundo dados da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. O volume equivale a uma média de cerca de 344 atendimentos por dia no período.

APOIO 2 Os atendimentos são feitos por advogadas, assistentes sociais e psicólogas. De acordo com a prefeitura, o total representa um aumento de 12% em relação ao mesmo período de 2024. A gestão afirma que, além desses atendimentos, o programa Guardiã Maria da Penha, voltado ao acompanhamento e à proteção de mulheres vítimas de violência doméstica, acompanhou mais de 20 mil mulheres ao longo do ano.

LETRAS O ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), participa no próximo dia 7 de fevereiro do lançamento de seu novo livro, "Capitalismo Superindustrial" (editora Zahar), no Sesc 14 Bis, em São Paulo. O evento contará com uma roda de conversa.

LETRAS 2 Além de Haddad, participam do debate o cientista político Celso Rocha de Barros e a economista Leda Paulani, com mediação da historiadora Lília Schwarcz. A obra reúne, revisa e amplia pesquisas desenvolvidas pelo ministro em seus estudos de mestrado e doutorado, realizados entre as décadas de 1980 e 1990.

VOZ O rapper paulistano Rael compôs uma trilha sonora inédita para uma vinheta da Globo em homenagem aos 472 anos de São Paulo, que serão celebrados no próximo dia 25. A campanha começará a ir ao ar a partir desta segunda (19) e seguirá durante todo o mês de janeiro nos intervalos da emissora e em suas redes sociais e plataformas digitais.

VOZ 2 A iniciativa contará também com obras desenvolvidas por cinco artistas de diferentes regiões da capital paulista. E terá ainda o retorno da marca "Plim Plim", em uma versão repaginada.

SOM O Sesc estreia 2026, ano em que completa 80 anos, com uma nova orquestra nacional. A instituição lança a Orquestra Sesc Jovem Brasil, formada por jovens músicos de todas as regiões do país. O grupo reúne 51 instrumentistas de 11 estados, com idades entre 18 e 29 anos.

SOM 2 Todos foram selecionados a partir das orquestras mantidas pelo Sesc pelo Brasil, projeto que combina formação musical e inclusão social. A estreia acontece no Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas (RS). A apresentação está marcada para o dia 28 de janeiro, no Theatro Guarany, sob regência de Geovane Marquetti. O repertório mistura música clássica e popular.

Malu Galli vive a mãe de Édouard Louis em peça baseada em sua obra íntima e pública

'Mulher em Fuga' adapta dois livros do escritor de autoficção e põe a atriz do remake de 'Vale Tudo' num confronto entre alcova do lar e praça aberta



Retrato de Malu Galli Chico Cerchiaro/Divulgação

Davi Galantier Krasilchik

SÃO PAULO Meses atrás, quando o remake de “Vale Tudo” chegava ao fim, a personagem de Malu Galli reforçou sua função de figura materna ao acolher a sobrinha, vivida por Paolla Oliveira. Na época, a irmã e a filha de Odete Roitman não só acreditaram na morte da magnata —vilã que, afinal, reviveu nos últimos instantes da versão da autora Manuela Dias—, como ainda estiveram entre as principais suspeitas do caso.

Esses capítulos fortaleceram tia Celina como mãe postiça e levaram os espectadores a questionar os limites que aquela mulher seria capaz de romper. “Mulher em Fuga”, em cartaz no Sesc 14 Bis, em São Paulo, nasce de uma dúvida similar —e revisita a vocação da atriz para explorar a maternidade.

A relação difícil com os pais também é assunto do francês Édouard Louis, grande expoente da literatura de autoficção. Ele provou ser moda no país em 2024, na Flip, a Festa Literária Internacional de Paraty, no litoral fluminense, e voltará ao Brasil em março para uma montagem do seu “Quem Matou Meu Pai”, na Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, a MITsp.

A dramaturgia de “Mulher em Fuga” nasce da sobreposição entre dois de seus livros —“Lutas e Metamorfoses de uma Mulher” e “Monique se Liberta”— e desenha as disputas sociais e psicológicas de Monique, a mãe do autor, que Malu Galli encarna entre a intimidade e a universalidade do papel.

“Ainda bem que ninguém aqui conhece Monique”, diz a artista, falando sobre a mulher que se separou de três maridos abusivos. “Tenho certeza absoluta de que interpreto outra pessoa. Esta é a minha contribuição para essa história e não posso me distanciar de minhas experiências. Sempre procuro um ponto de encontro entre a personagem e quem eu sou.”

Em 2013, quando estreou a peça “Oréstia”, Malu Galli disse que histórias de mães e filhos ressoam em qualquer lugar e tempo. Na ocasião, ela voltava a fazer trabalhos mais alternativos depois de alguns anos dedicada à televisão.

Sua jornada nas telinhas ganhou força com a minissérie “Queridos Amigos”, de 2008, que fez dela uma psicóloga que colapsa depois de descobrir a traição do marido. No mesmo ano, fez “Três Irmãs”, sua primeira novela, como figura solar e devota aos filhos. Mais tarde, seria uma mãe desconstruída em “Aline”, seriado que equipara os desejos da jovem-título aos de sua genitora.

Viveu também Tubaroa, a advogada ambiciosa de “Cheias de Charme”, e foi do lixo ao luxo entre as novelas “Totalmente Demais” e “Amor de Mãe”. Se na primeira deu vida a uma mãe de classe baixa, na segunda ela reproduziu o vazio de uma socialite assombrada pela morte do filho.

Nessa trajetória, Malu Galli demorou até encontrar sua primeira protagonista, mas reuniu coadjuvantes que desafiaram uma vida pessoal reservada. Agora, depois da repercussão de tia Celina e outros rostos, ela diz dividir com a personagem os sonhos e bloqueios de uma mesma geração feminina. “Posso não ter vivido o que Mo-

nique viveu, mas o silenciamento é o que a grande maioria das brasileiras vive. A urgência dessa narrativa alimentou meu envolvimento”, ela afirma, ao denunciar questões como o feminicídio, que em 2025 atingiu novo recorde em São Paulo, com 58 casos.

Na peça, as violências retratadas são verbais, simbólicas —a comunicação entre Édouard, vivido por Tiago Martelli, e Monique é impraticável. Ainda que no mesmo espaço, mãe e filho parecem sofrer de forma solitária. E a intersecção de vários períodos, num vaivém entre casamentos, só reforça toda essa distância.

Prova disso é a cena em que Malu Galli caminha sobre a mesa com um aspirador de pó. O som invade a sala pouco depois de Édouard entrar com sangue na camisa. Ele fala de seus trejeitos femininos e desabafa sobre o “bullying” que sofre na escola. A resposta une o barulho e um pedido imperioso de Monique —o garoto precisa se arrumar para que saiam a tempo de buscar a cesta básica.

Martelli afirma que Louis dissecou agressões da mãe e expurga a agressividade que ele mesmo herdou. “Louis diz que a violência atravessa os corpos e que eles são vetores dessa violência. Nenhum corpo é produtor, só reproduzimos e somos atravessados”, diz Malu Galli, que em sua interpretação vai da estaticidade, em trechos de rendição, à eletricidade, como quando ela dança, canta ou derruba paredes ao tocar bateria.

Esse estrondo reflete outra crise da família Louis. Em 2023, quando “Lutas e Metamorfoses” chegou às livrarias, Monique detestou a exposição de seus demônios internos. Ela aceitaria melhor a literatura do filho no ano seguinte, com a publicação de “Monique se Liberta” e o sucesso que financiou a sua fuga.

O choque entre o público e o privado também reflete a atualidade de Malu Galli. Antes mesmo de “Vale Tudo”, ela viu Violeta, sua primeira protagonista em novelas, de “Além da Ilusão”, virar um símbolo feminista e se aproximou dos cinéfilos com títulos como o horror de “Propriedade”.

Agora, além da peça, já com sessões esgotadas, ela se prepara para lançar “Querido Mundo”, filme com uma mulher disposta a recomençar, e dar vida à arqueóloga Niède Guidon, morta no ano passado.

“O público reconhece a minha trajetória e não sou reduzida a uma personagem ou outra. Mas não quer dizer que estou com o jogo ganho”, diz antes de rir de si mesma. “Tenho medo de descobrir que sou uma impostora a cada novo trabalho, mas vivo hoje meu momento mais feliz.”

Sobre a repercussão do remake de Manuela Dias, ela comenta a falta de cerimônia na televisão. “A TV invade a casa das pessoas. O personagem vê você no meio da sala e surge essa falsa ideia de que ele pertence ao público. É difícil, mas faz parte do trabalho.”

Mulher em Fuga

AUTOR Édouard Louis. **DIREÇÃO** Inez Viana. **COM** Malu Galli e Tiago Martelli. **ONDE** Sesc 14 Bis - r. Dr. Plínio Barreto, 285, São Paulo. **QUANDO** Qui. a sáb., às 20h; dom., às 18h. Até 8 de fevereiro. **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA** 14 anos. **PREÇO** R\$ 70, no site sescsp.org.br



O ator Elijah Wood em cena do filme ‘O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel’, de Peter Jackson Divulgação

‘O Senhor dos Anéis’ chega a 25 anos como vítima

Opinião

A estética criada por Peter Jackson marcou tanto sua Terra Média que tentativas posteriores jamais recuperaram a magia original

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de ‘1499: O Brasil Antes de Cabral’

Esta afirmação vai parecer o maior de todos os clichês, mas não deixa de ser verdade por causa disso —os filmes de “O Senhor dos Anéis” dirigidos por Peter Jackson se tornaram vítimas de seu próprio sucesso, ao menos do ponto de vista de futuras produções ambientadas no universo criado pelo britânico J.R.R. Tolkien. A linguagem visual concebida pelo diretor neozelandês para dar forma à sua Terra Média ganhou tamanha consistência no imaginário coletivo que, até hoje, qualquer tentativa de trilhar caminhos alternativos —inclusive por integrantes da própria equipe de Jackson— fracassou ao recuperar a magia inaugural dos filmes lançados no início deste século. Essa força pode ser percebida até em aspectos aparentemente banais, como os desenhos dos personagens da saga, sejam eles feitos por fãs anônimos ou por artistas profissionais. Não é exagero afirmar que essas imagens podem ser datadas segundo uma espécie de cronologia própria, dividida en-

tre “APJ” e “DPIJ” —antes e depois de Peter Jackson, naturalmente. O resultado é uma verdadeira “colonização do imaginário” pelos figurinos e fisionomias estabelecidos nos primeiros filmes. Do desenho do cajado do mago Gandalf nas telas ao rosto quase adolescente de Frodo, na interpretação de Elijah Wood, tudo indica que, para muita gente, esse universo só pode ser visto através das lentes da trilogia iniciada em 2001. Por um lado, é um feito notável —talvez comparável, na cultura pop, apenas ao impacto da primeira trilogia de “Star Wars” nos anos 1970 e 1980. As razões dessa canonização cinematográfica não são fáceis de destrinchar. Mas, além de um elenco original particularmente inspirado e da ousadia de filmar, de uma só vez, três longas com cerca de três horas cada um, é possível apontar ao menos dois outros fatores decisivos. Primeiro, Jackson fez a lição de casa no que diz respeito a um elemento-chave do texto que estava adaptando —a construção de mundo de Tolkien. Incorporando o trabalho dos artistas que já retratavam a Terra Média no papel, como Alan Lee e John Howe, o diretor e sua equipe criaram vestimentas, ci-

dades e ecossistemas inteiros, com uma riqueza de detalhes que transmite a sensação de um “mundo vivido” com milênios de história. Em segundo lugar, o diretor e as roteiristas Fran Walsh e Philippa Boyens souberam extrair o máximo da prosa original do escritor britânico, chegando a deslocar diálogos para outros contextos e personagens, mas sempre preservando o texto. E, digam o que disserem os detratores, o olhar para o épico jamais faltou a Tolkien. Por outro lado, adaptar a narrativa central de “O Senhor dos Anéis” talvez fosse a etapa mais fácil do projeto. Entre as obras de Tolkien, é a que mais se aproxima da estrutura de um romance popular do século 20. As coisas começaram a desandar quando “O Hobbit”, livro infantojuvenil relativamente curto, foi inflado até virar outra trilogia, com filmes de três horas em que a equipe neozelandesa oscila sem convicção entre o alívio cômico e batalhas grandiosas, porém pouco verossímeis. No balanço geral, essa segunda leva de filmes, lançada entre 2012 e 2014, não vai além do medíocre, apesar do êxito comercial e de algumas boas atuações. Parte dos problemas artísticos

✿
Toda a franquia ‘O Senhor dos Anéis’ conquistou um feito notável — talvez comparável, na seara da cultura pop, apenas ao grande impacto da primeira trilogia de ‘Star Wars’ nas décadas de 1970 e 1980. As razões dessa canonização cinematográfica não são fáceis de destrinchar. Mas, além de um elenco original particularmente inspirado e da ousadia de filmar, de uma só vez, três longas com cerca de três horas cada um, o universo foi criado com uma riqueza de detalhes muito fiel à prosa do escritor de tudo isso, J.R.R. Tolkien

de “O Hobbit” talvez esteja no fato de que os filmes foram moldados para explorar a nostalgia em torno da primeira trilogia. A mesma engrenagem acabou por dificultar tentativas mais ousadas de abordar o universo tolkieniano —como se viu no fracasso comercial, em grande medida injusto, do anime “A Guerra dos Rohirrim”, produzido pela equipe de Jackson, e na recepção hostil de uma parcela significativa dos fãs à série “Os Anéis de Poder”, do Prime Video. Nos dois últimos casos, o problema é agravado por duas coisas —a necessidade de adaptar um material-base muito mais fragmentado, baseado nos apêndices pseudo-históricos de “O Senhor dos Anéis”; e as guerras culturais do século 21, que puseram anime e série na mira por terem protagonistas femininas e um elenco etnicamente diverso —pecados capitais na “incelândia” da internet. Tanto a reexibição da trilogia original quanto o anúncio de dois novos filmes indicam que Jackson e companhia ainda estão presos à máquina de nostalgia. Enquanto os direitos para a adaptação de outras obras de Tolkien continuarem indisponíveis, não vai ser fácil escapar dessa lógica.



O ator Ralph Fiennes em cena do filme 'Extermínio: O Templo dos Ossos', de Nia DaCosta Divulgação

Pedro Strazza
Jornalista especializado em cinema e colaborador da Folha

A primeira coisa que chama a atenção em “Extermínio: O Templo dos Ossos” é a ausência dos zumbis do filme. O silêncio impera nos bucólicos campos ingleses da história, algo esquisito depois de tantas cenas de correria desesperada na série. Os infectados desta vez são mero detalhe, fazendo o exercício de figuração curiosa num filme que troca a marcha da franquia. Depois de três capítulos de muita adrenalina e zumbis corredores, o quarto “Extermínio” movimenta o suspense à base de alguma introspecção, usando aqui e ali uma quantidade considerável de vários baldes de sangue. A aposta está mais para o intrigante do que para uma boa ideia exatamente, mas vale a princípio pela surpresa. Até porque o filme dirigido por Nia DaCosta usa a mudança para se afundar numa trama que flerta com a filosofia de fim dos tempos, ancorada em dois personagens com visões de mundo únicas e nada ortodoxas. Da dupla, o mais interessante é o doutor Kelson, o simpático médico vivido por Ralph Fiennes e apresentado no capítulo anterior, “A Evolução”, do ano passado. Alma caridosa, o médico banha em iodo vive a epidemia numa contradição diária de termos. Ele administra o tal templo dos ossos do título, sua espécie de monumento à morte, mas cui-

da de todos os que encontra na região —incluindo infectados. O pragmatismo de Kelson, baseado na ciência da antiga profissão, o ajuda a manter a crença de uma manutenção da ordem diante do caos da infecção zumbi —o que dá em valores bem opostos aos de Jimmy Crystal, vilão que serve de outra metade da laranja na continuação e que é de longe o personagem mais carnavalesco dos filmes de “Extermínio”. Líder de uma gangue de crianças que vestem agasalhos esportivos e perucas loiras, Jimmy passa os dias caçando e matando sobreviventes. O psicopata interpretado por Jack O’Connell segue à risca um código de cavalaria às avessas, inventado por ele mesmo e que exige sacrifícios humanos numa base diária. O seu ídolo é o Diabo, que ele louva em causa própria. Dessa dualidade inesperada entre um satanista e um ateu, “O Templo dos Ossos” se aventura por testes de fé inusitados. Enquanto Jimmy vê o seu culto de crianças rachar por uma série de erros, Kelson se depara com um zumbi que dá sinais de consciência em seu estado animalesco. A combinação funciona na teoria, mas, na prática, se revela uma aposta burocrática a cada novo desdobramento. No roteiro, Alex Garland conduz os dois núcleos com pouco vigor, mal disfarçando que a trajetória de Jimmy serve apenas para preencher espaço dentro da trama mais ampla das sequências da trilogia. Nisso chama a atenção a pobre-

za visual do filme, com Nia DaCosta dirigindo uma continuação de pouquíssima invenção no departamento. “O Templo dos Ossos” foi filmado logo em seguida ao antecessor, mas só “A Evolução” resgata a sede do original por uma estética diferenciada, ao aproveitar todo o potencial das câmeras do agora ultrapassado iPhone 15 Pro. Em meio à turbulência, a boa notícia é que “O Templo dos Ossos”, como “A Evolução”, se diverte nos conceitos que inventa para a série. O tal infectado descoberto por Kelson, por exemplo, é a parte mais divertida do filme, rendendo momentos fascinantes. O monstro imenso, apelidado de Sansão, passa a visitar o bom doutor com frequência para ficar chapado com os dardos tranquilizantes que Kelson usa para se defender no dia a dia. O médico solitário, por sua vez, descobre aí uma forma de criar um amigo no fim do mundo, e os dois passam a explorar felizes a situação. Nesses momentos, o filme se descola do roteiro de Garland e acha um trunfo na atuação de Fiennes, que volta a se divertir —e a se destacar— com a personalidade excêntrica do médico. O protagonismo do ator, espelhado no seu protagonismo na história, salva “O Templo dos Ossos” da própria incompetência. **Extermínio: O Templo dos Ossos** **PRODUÇÃO** Reino Unido, Estados Unidos, 2026. **DIREÇÃO** Nia DaCosta. **COM** Ralph Fiennes, Jack O’Connell, Alfie Williams. **CLASSIFICAÇÃO** 18 anos. **ONDE** Em cartaz nos cinemas

OUTRO CANAL

Gabriel Vaquer
gabriel.vaquer@grupofolha.com.br



CARINHA DE ANJO
Alejandra Robles Gil, Almudena Lopez e Chris Pazcal, protagonistas de ‘Presente de Amor’, novela mexicana que estreia nesta segunda-feira (19) no SBT Divulgação

Luciana Gimenez deixa de ter programa na RedeTV!

Luciana Gimenez não é mais contratada da RedeTV!. Na sexta-feira (16), a emissora rescindiu o contrato da apresentadora, que iria até 2027. A decisão, segundo a assessoria do canal, foi em comum acordo, e não haverá pagamento de multa. A empresa de Amilcare Dallevo Júnior desejou boa sorte a Gimenez em projetos futuros e não detalhou os motivos da dispensa. A coluna apurou que o alto salário e o pouco espaço na programação foram fatores preponderantes. Atualmente, ela estava à frente apenas do SuperPop, que comandava desde 2001.

FORA DA CASA Edilson Capetinha pode perder parte do cachê que ganhará no BBB 26, da Globo. O ex-jogador tem dívidas de pensão alimentícia que chegam a cerca de R\$ 2 milhões. Atualmente, um processo na Justiça faz um levantamento da quantia devida. A coluna teve acesso aos documentos do caso, que corre na Justiça da Bahia. Diversos bens estão em uma lista de penhora para o pagamento, e há uma petição para saber se é possível incluir os valores que ele pode ganhar no reality show.

4 pontos é a média na Grande São Paulo da novela turca ‘Chamas do Destino’, que passou a ser exibida pela emissora Record no começo deste mês de 2026

VIVA O VERDE Por falar em BBB, o programa manteve na atual edição práticas ecologicamente sustentáveis que começaram no ano passado. A medi-

da faz parte de uma tentativa da Globo de aproveitar a energia limpa e ser menos poluidora. Duas mil peças de figurino e itens cenográficos de temporadas anteriores serão reaproveitados. Além disso, o reality usará mais de cem refletores LED e um sistema de “nobreaks”, que reduz a necessidade de geradores.

PLANO FECHADO A CNN Brasil definiu os detalhes de sua cobertura da Copa do Mundo deste ano. O canal de notícias de Rubens Menin enviará a apresentadora Ludmilla Candal para os Estados Unidos, um dos países-sede da competição. A jornalista entrará no ar em telejornais da emissora para fazer atualizações sobre a seleção brasileira. Ludmilla Candal já comanda blocos de esportes na CNN Brasil desde 2023, quando foi promovida a âncora.

VEMAI Alexandre Borges está oficialmente de volta à TV Globo. O ator assinou contrato na última quinta-feira (15) e fará parte do elenco de “Quem Ama Cuida”, a próxima novela das nove da emissora. Borges vai interpretar Ulisses Brandão, irmão do protagonista Artur, vivido por Antonio Fagundes. Também será casado com Fábila, papel que —se nada mudar— deverá ficar com a atriz Flávia Alessandra.

RENSGA “Coração Acelerado”, nova novela das sete da Globo, teve uma boa estreia no Globoplay. No ranking dos produtos mais vistos da plataforma, a produção apareceu na frente de “Três Graças”, folhetim que ocupa a faixa das nove agora no canal.

ilustrada

Cinema brasileiro, em época de glória agora, corre riscos diante de problemas na política

Incentivos que viabilizaram 'O Agente Secreto' e outros sucessos foram suspensos, e o apagão, legado da era Bolsonaro, assombra os cineastas

Eduardo Moura

SÃO PAULO “Ainda Estou Aqui”, “O Agente Secreto”, “Manas”, “O Último Azul”, “Baby”. Além de elogios da crítica, do público e de troféus em Cannes, na França, Berlim, Veneza, na Itália, e nos Estados Unidos, como o Globo de Ouro e o Oscar, esses filmes têm outra coisa em comum — foram autorizados a receber verbas de um programa de elaboração de roteiros da Ancine, a Agência Nacional do Cinema.

O problema é que essa linha do Prodav, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Audiovisual Brasileiro, foi interrompida pela agência, em 2020, depois do lançamento de seu último edital em 2017. Ao todo, foram seis chamadas desde 2013, e 608 contratos, num valor total de R\$ 163,5 milhões, provenientes do Fundo Setorial do Audiovisual, o FSA.

Há quem diga que a boa safra deste biênio representa uma era do ouro, coroando o processo de retomada do cinema nacional, iniciada nos anos 1990, com o marco de “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil”. Alguns produtores, porém, alertam para a possibilidade de um apagão no cinema nacional nos próximos anos, e a interrupção do Prodav ajuda a explicar o receio. Este e outros mecanismos foram interrompidos durante o governo de Jair Bolsonaro e, segundo pessoas do meio, a gestão atual demorou para entender o estrago feito.

Além da frente de roteiro — essencial para o início de um projeto —, foram interrompidas, em 2019, as linhas de financiamento para distribuição, fase que define a chegada do filme ao público, e para a ida de profissionais a festivais e rodadas de negócios pelo mundo.

Desde o final de 2024, porém, a Ancine tem recalculado a rota, buscando retomar parte desses fomentos, exceto o ligado à internacionalização. No caso dos roteiros, uma linha foi aprovada pelo comitê gestor do FSA, para este ano, no valor de R\$ 25 milhões.

Esse hiato, porém, pode dificultar que as próximas safras de filmes nacionais estejam à altura de “O Agente Secreto”, o exemplo mais recente de sucesso internacional. “O cinema é feito de ciclos no mundo inteiro, inclusive no cinema americano. O problema aqui no Brasil é que os nossos ciclos são interrompidos”, diz Leonardo Ede, presidente da Riofilme. “Seja pela ausência da política pública, ou por um governo que é contra a

cultura e aí trava tudo, ou a falta de cota de tela, falta de regulação.”

O fato é que o tempo de maturação de um longa de peso costuma ser longo. O filme de Kleber Mendonça Filho estrelado por Wagner Moura, por exemplo, foi aprovado no fomento de roteiro em 2014, mas só estreou no ano passado.

As filmagens ocorreram ao longo de dez semanas em 2024, e parte do dinheiro para a produção — cerca de R\$ 7,5 milhões dos R\$ 27 milhões estimados do orçamento — veio do FSA, após aprovação de um edital no ano anterior.

Mas as interrupções no Prodav aconteceram num período de turbulências, atingindo a Ancine e a cultura brasileira. Tiveram início na gestão de Jair Bolsonaro, quando o governo federal e parte da sociedade se mostravam hostis ao setor. Em 2019, o ex-presidente apresentou um projeto de lei ao Congresso Nacional prevendo um corte de quase 43% do orçamento do FSA.

Pesou ainda o período de uma pandemia sem precedentes em termos de medidas efetivas de distanciamento social, o que afetou diretamente os sets de filmagem, os festivais, as rodadas de negociação e as salas de cinema.

Nos últimos tempos, também, a Ancine ficou marcada por uma crise envolvendo prestações de contas em aberto. O Tribunal de Contas da União ficou na cola da agência, que chegou a ter um passivo de 5.358 projetos que ficaram anos em aberto — hoje esse número é de 971 projetos sem finalização.

Há cinco anos, por exemplo, a Ancine estava empacada com a análise de projetos de filmes que haviam sido lançados 15 anos antes, como “Xuxa e o Tesouro da Cidade Perdida”, de 2004, e “Didi, O Caçador de Tesouros”, de 2006.

Procurada, a agência afirma que investimentos em projetos de roteiro seguiram acontecendo, mesmo sem ter sido lançada uma chamada pública exclusiva para desenvolvimento desde 2017. Mas o comitê gestor do FSA só autorizou a destinação de recursos para projetos do tipo a partir do fim do ano retrasado.

Desde então, foram 43 projetos contratados, com R\$ 20,3 milhões em investimentos. Outros 20 projetos estão em processo de contratação, para R\$ 18 milhões em investimentos. Em paralelo, a Ancine diz que 2025 foi um dos anos de maior volume operacional da história do FSA e da agência.

Continua na pág. B7





De cima para baixo, cenas de 'O Agente Secreto', 'O Último Azul', 'Ainda Estou Aqui' e 'Baby' Fotos Divulgação

Continuação da pág. B6

Houve um total aproximado de R\$ 2 bilhões em investimentos do fundo no setor, registrando também um aumento nos pedidos de coproduções internacionais e no patrocínio de mostras e festivais.

Vale lembrar que a Ancine é uma autarquia comandada por uma diretoria colegiada, na qual os mandatos não coincidem com os dos presidentes do país. Dos quatro da diretoria atual, dois estão lá desde o governo Bolsonaro —o diretor-presidente Alex Braga e Vinícius Clay. Os outros, Paulo Alcoforado e Patrícia Barcelos, foram nomeados já no governo Lula.

Hoje, produtores criticam o governo e a atual gestão pela demora no retorno dos fomentos e na regulamentação do streaming, que ajudaria a alimentar o FSA. “As coisas até andaram”, afirma o pesquisador Pedro Butcher. “Mas não andaram o suficiente para garantir que daqui a cinco anos vai ter uma safra boa. Talvez nem no ano que vem. Não sei se teremos algo que tenha a mesma capacidade de gerar interesse de uma forma geral.”

Retomando outros sucessos recentes, “Manas” foi aprovado no Prodav de 2013 e só foi estrear em Veneza 11 anos depois —agora, o filme disputa o Goya de melhor filme ibero-americano na Espanha. Já “O Último Azul”, como “O Agente Secreto”, foi aprovado no fomento de 2014 e estreou no ano passado.

“Cinco Tipos de Medo”, premiado no Festival de Gramado do ano passado, no Rio Grande do Sul, obteve o fomento do edital dez anos antes. “Ainda Estou Aqui”, depois de ter sido aprovado no programa para roteiros há dez anos, recalculou a rota e devolveu o dinheiro.

O projeto seguiu um caminho de financiamento com parceiros privados e investidores internacionais, o que inviabilizou a classificação como obra brasileira independente, como pedia o edital, diz Walter Salles, diretor e um dos donos da produtora VideoFilmes.

O projeto nasceu no núcleo criativo do Prodav e foi desenvolvido até o terceiro tratamento de roteiro nessa chamada pública. Em julho de 2022, devolveu os recursos.

Uma pesquisa da Associação Brasileira de Autores Roteiristas, a Abra, mostrou que o tempo médio de realização dos filmes que participaram do programa é de cinco anos e oito meses. A presidente da associação, Thaís Olivier, conta que percebia, tanto dos gestores públicos quanto de outros produtores audiovisuais, uma crença de que os editais de desenvolvimento de roteiro não tinham funcionado, “que foi um desperdício”.

“De 2018 até 2023 a gente teve um apagão completo [do fomento a roteiro], mas, mesmo agora, esses editais de apoio vão levar um tempo até gerar algum resultado”, afirma a líder do grupo.

Entretanto, depois dos recentes sucessos de bilheteria, um estudo da consultoria PwC prevê que o cinema nacional pode arrecadar cerca de R\$ 3,6 bilhões em 2029, aumento de 34% em relação a 2024.

Ainda assim, há quem alerte para o risco de o país estar perdendo uma janela de oportunidade única. “Se tem um momento para ocupar espaço, é agora. Está todo mundo louco para ver ci-

nema brasileiro”, diz Josephine Bourgeois, do Projeto Paradiso.

A iniciativa de caráter privado surgiu em meio a esse cenário e tem apoiado novos talentos do audiovisual, se concentrando sobretudo em financiar a ida de profissionais do país a festivais, eventos de negócios e oficinas no exterior, preocupada menos com os sets de filmagem e mais com as pontas da produção —isto é, no roteiro, na distribuição e na internacionalização.

Este momento de grande visibilidade internacional é, afinal, reflexo de anos de políticas públicas, não obra do acaso ou de um esforço individual de um realizador. “Claro que há todo o trabalho do Kleber Mendonça Filho como diretor, da Emilie Lesclaux como produtora, mas tem esse contexto”, afirma o pesquisador Pedro Tinen. “São construções de carreira realizadas por políticas públicas do setor, em diferentes momentos.”

“Em 2025, tivemos ‘Ainda Estou Aqui’, ‘O Auto da Compadecida 2’ e ‘O Agente Secreto’. Em 2026, não sei o que a gente vai ter. E o público também não. E quando você tem um ‘gap’ de filmes brasileiros na sala, o público volta a ver o filme americano e perde o hábito. Depois, para ele recuperar, a curva é muito mais longa”, diz Leonardo Edde, da Riofilme. “A gente precisa ter recorrência.”

A Ancine, apesar de protagonista, não é a única fonte de fomento para o audiovisual nacional. Ao longo desses últimos anos de apagão no Prodav, surgiram mecanismos como a Política Nacional Aldir Blanc, a Lei Paulo Gustavo, além de propostas da iniciativa privada como o Projeto Paradiso.

Bourgeois também destaca a importância da atuação de agências municipais, como a Spcine e a Riofilme. Ou seja, houve, sim, uma interrupção de políticas, mas houve oportunidades laterais para que o produtor pudesse se apoiar, ainda que não da mesma magnitude que os fomentos da Ancine. Por isso, se não um apagão, pode haver um tropeço nas próximas safras.

Cabe lembrar lembrar que o processo de financiamento de obras audiovisuais é complexo. “O Agente Secreto”, por exemplo, não foi beneficiado só pelo Prodav de desenvolvimento. O filme também contou com com investimento de R\$ 7,5 milhões do FSA para a etapa da produção e R\$ 750 mil para a etapa de distribuição. A exibição do filme em todo o Brasil teve patrocínio da Petrobras.

“Esse hiato fragiliza o crescimento ainda maior do nosso cinema, além de prejudicar a diversidade de gêneros e linguagens do nosso audiovisual”, diz Felipe Lopes, da Andai, a Associação Nacional das Distribuidoras Audiovisuais Independentes. “Pensar a cadeia como um todo, até a exibição e sem esquecer a preservação e a formação, é fundamental.”

“É grave interromper um desenvolvimento de política pública, porque pode deixar marcas”, diz Eduardo Valente, crítico e programador. “O futuro pode não ser tão brilhante se não houver planejamento inteligente e consistente na formulação e gestão das políticas, do desenvolvimento de projetos até a chegada ao mercado.”

ilustrada

QUADRINHOS

Piratas do Tietê **Laerte**



Bicudinho **Caco Galhardo**



Níquel Náusea **Fernando Gonsales**



Não Há Nada Acontecendo **André Dahmer**



Espécies de Espaços **Fabiane Langona**



Péssimas Influências **Estela May**



Vida Besta **Galvão Bertazzi**



SUDOKU www1.folha.uol.com.br/jogos

FÁCIL

6							5	9
	1	3		9		8	7	
	8		7		3	1		
	3	6	2	5				
5			6	1			3	
	7		3				8	
2	4		8	3	1			
					6	4		3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9
2	3	4	5	6	7	8	9	1
3	4	5	6	7	8	9	1	2
4	5	6	7	8	9	1	2	3
5	6	7	8	9	1	2	3	4
6	7	8	9	1	2	3	4	5
7	8	9	1	2	3	4	5	6
8	9	1	2	3	4	5	6	7

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. O mês do descobrimento do Brasil / (de Castro) Compositor, multiinstrumentista e produtor musical 2. Um canal da TV paga / Líquido que circula na planta 3. Orígenes Lessa, escritor / Formar a personalidade moral e intelectual com conselhos e ensinamentos 4. Os pontos marcados no futebol / Peça do vestuário usada na cabeça 5. Município goiano, na região de Pires do Rio, no Sul do estado / A segunda pessoa gramatical 6. Coletânea das leis eclesiásticas 7. Artefato 8. Conjunção que expressa fundamentalmente oposição / Bater (foto) 9. Extraterrestre / Arma de guerra dos nossos indígenas 10. Recusada, não concedida / (Fis.) Símbolo de rutherford 11. Um jogo de cartas / Princípio de organização 12. A formação de água do mar que quebra na praia / Qualquer cabo usado para prender objetos 13. Embalagem que permite a nebulização de inseticidas.

VERTICAIS

1. Grande calor 2. Uma formação de fungos / Uma das duas avós 3. Abreviatura de um exame médico de imagem / (Rel.) O autor do Terceiro Evangelho / Jogo com bolinhas de vidro 4. Marcar presença / Lançar para longe 5. Uma droga alucinógena / Cremoso 6. (Filos.) Conjunto de preceitos relativos à arte de bem viver / Britney Spears, cantora 7. Macaquinho / A mulher do filho / (Angeles Lakers) Time de basquete dos EUA 8. Em localização à frente / Estima, consideração que se tem por alguém ou alguma coisa 9. Outro nome do peixe aracimbora / O P da sigla IPTU.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

HORIZONTAIS: 1. Abril, Max, 2. Fox, Seiva, 3. OL, Educac, 4. Gols, 5. Uruai, Tu, 6. Canone, 7. Aparato, 8. Mas, Titar, 9. ET, Taca- Boné, 10. Negada, RD, 11. Truco, 12. Onda, Boça, 13. Aerossol. VERTICAIS: 1. Afoguemamento, 2. Bolor, Paterna, 3. RX, Lucas, 4. Estar, Tacar, 5. LSD, Anadado, 6. Eubiótica, BS, 7. Mico, 8. Los, 9. Xarên, Predial.

O gozo de sangue

As militâncias ideológicas são da mesma ordem do fanatismo religioso

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'A Era do Niilismo'. É doutor em filosofia pela USP

Quem ainda crê que os movimentos políticos modernos e as ideologias nascem do cérebro racional da espécie é ignorante ou mentiroso. Tais movimentos e suas militâncias são da mesma ordem do fanatismo religioso. Por isso, pouco adianta tentar argumentar com tais agentes. Esse ato seria semelhante a argumentar com um enxame.

Esse fato explica, pelo menos em parte, a estupidez que circula pelas redes sociais entre os “haters” engajados na polarização. O nível mais alto de inteligência que atravessa essa cultura de bactérias, que são as redes, é aquele que caracteriza os movimentos répteis.

O filósofo britânico John Gray lançou, em 2007, “Black Mass: Apocalyptic Religion and the Death of Utopia”, que agora está sendo relançado no Brasil como “Missa Negra: Religião Apocalíptica e a Morte da Utopia”.

Quem conhece sua obra sabe que o filósofo britânico é um duro crítico do mito do progresso. Concordo com Gray que o progresso é um mito, afora os avanços tecnológicos desde a descoberta de como fazer o fogo. Mas, no que se refere ao comportamento humano, à moral e à política, a ideia de progresso desde o Iluminismo é idiota. Entretanto, o número de iludidos que nele creem nunca para de crescer.

Outro traço do pensamento de Gray é sua suspeita de que os animais, no seu “silêncio”, são mais sábios do que nós. Aliás, seu livro “Silêncio dos Animais” é um dos mais belos que já li.

A tese da sua “Missa Negra” é que todas as crenças políticas re-



Ricardo Cammarota

O componente irracional é o que move a adesão ideológica agora. Não é o desejo de melhorar o mundo, mas, sim, o gosto de sangue. Se não fosse isso, por que tantos revolucionários sempre gozaram ao som da palavra ‘terror’? A paixão pelo terror é a paixão política essencial que hoje surge em questão

volucionárias modernas são derivadas de crenças apocalípticas judaicas e cristãs. Mesmo passando pela secularização, a tara com o fim do mundo tal como conhecemos e o surgimento do “novo mundo perfeito” permanece. E não só esse aspecto foi mantido.

Todos sabemos que as narrativas apocalípticas são marcadas pela violência, mortes dos que são maus, sobrevida dos eleitos. Como não pensar na Revolução Francesa ou na Revolução Russa? Ou na Revolução Islâmica no Irã?

Gray deixa claro que, mesmo nas crenças ideológicas liberais, marcadas pela ideia de aperfeiçoamento incremental do mundo, permanece a ideia de que o “mercado” salvará o mundo e os homens. O otimismo

liberal de mercado é, também, um filhote da tara apocalíptica. Daí, a aceitação que os incapazes de lidar bem com a lógica da eficiência e da competição do mercado não têm méritos para viver no novo mundo da riqueza material.

O que sustenta as posições ideológicas do mundo contemporâneo são taras irracionais religiosas secularizadas. Lendo essa coisa chamada “comentários”, na sua imensa maioria, vemos a pequena miséria humana na sua forma explícita.

Sabemos que a justificativa dessa prática na mídia não tem nada a ver com “princípios democráticos”, mas, apenas, sim, trata-se de princípios de marketing. Há que dar voz aos consumidores, mesmo que a maior parte

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamilia Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

MULTITELA

Cão se perde nas chuvas do Rio Grande do Sul em filme na televisão aberta

Caju, Meu Amigo

TV Globo, 23h10, 12 anos

O “Cine BBB” deste ano abre espaço para produções regionais brasileiras com um telefilme produzido no Rio Grande do Sul, exibido na faixa “Tela Quente”. Dirigido por Bruno Cardoni, o longa tem como pano de fundo as enchentes de 2024 e acompanha Nice, uma idosa que perde seu cachorro, Caju, ao deixar a casa às pressas. O animal acaba sendo encontrado e adotado por Rafaela —até desaparecer novamente.

Roda Viva

TV Cultura, 22h, livre

Gravado em dezembro, o programa recebe o estilista Ronaldo Fraga. Reconhecido pela valorização da cultura brasileira nas

Jacqueline Cantore

cantorejac@gmail.com



+

Armadilha do Amor

Globoplay, 12 anos

Uma das novelas preferidas dos amantes de produções turcas —chamadas de ‘dizi’— entra no ar com 18 capítulos. Ayşe e Kerem se casaram para fugir das expectativas de suas famílias, mas agora precisam lidar com as consequências da mentira na família

passarelas —como na coleção “Minas-Nascimento”, apresentada na São Paulo Fashion Week em homenagem a Milton Nascimento—, ele é uma das nomes mais influentes da moda no país.

Sandokan

Netflix, 16 anos

Ambientada no século 19, a série de ação e aventura acompanha um carismático pirata que lidera ataques contra o Império Britânico a partir de uma ilha no sudeste asiático, enquanto vive um romance proibido com Marianne, filha de um cônsul europeu. A produção italiana foi um sucesso de audiência na emissora Rai 1.

A Catedral

Reserva Imovision e Mubi, 16 anos

Longa semiautobiográfico de Ricky D'Ambrose, feito a partir de imagens fragmentadas que acompanham a ascensão e a queda de uma família de classe média america-

na entre os anos 1980 e 2000, sob o olhar de um menino solitário.

Corações Jovens

Aluguel no Prime Video, 14 anos

O diretor Anthony Schatteman se inspira em experiências pessoais de sua juventude numa zona rural da Bélgica para narrar a história de Elias, um garoto de 14 anos que vive o despertar de seu primeiro amor. O filme aborda temas ligados à identidade e ao amadurecer na adolescência.

Jogos Perigosos: Roblox e o Metaverso

CurtaOn, 12 anos

O documentário acompanha três jovens investigadoras que expõem estratégias de aliciamento de menores de idade em ambientes virtuais. Entre os relatos está o de Katie, que afirma ter sido assediada dentro do universo do jogo “Roblox”, frequentado por milhões de usuários diariamente.

do que circula por esse “ecossistema” seja puro lixo. Do ponto de vista do conteúdo, não faria nenhuma falta. Os “comentários” são um parquinho para crianças raivosas, com raras exceções.

O componente irracional humano é o que move a adesão ideológica. Não é o desejo de melhorar o mundo, mas, sim, o gosto de sangue. Se não fosse isso, por que tantos revolucionários sempre gozaram com a palavra “terror”? A paixão pelo terror é a paixão política essencial em questão.

Como diz Gray, com os movimentos políticos modernos, a tara apocalíptica, que, na Antiguidade, era essencialmente um traço de indivíduos periféricos e esquisitos da miserável sociedade israelita do período do Segundo Templo sob domínio romano, em si periférica, hoje se fez “mainstream”.

Discute-se em aulas na universidade, escreve-se em livros de autores com “PhD”, encena-se em peças de teatro com aprovação da crítica regadas a vinho caro em restaurantes descolados, apresenta-se em programas de debates da televisão e podcasts, enfim, as taras com o fim do mundo tal como conhecemos e a criação de um mundo novo e perfeito são tratadas como ciência social, histórica e política.

Profetas do terror como Marx, Lênin, Foucault, entre outros, recebem o tratamento de “especialistas” nas sociedades dos homens, quando, na realidade, não entendem patavina acerca de quem vai à feira comprar ovos e tomates para comer em suas casas de pobres.

A ideia de que existe um componente moral significativo na espécie humana pode ser inconsistente. Veja, por exemplo, a indiferença de grande parte da imprensa e dos países para com os mortos iranianos. Um “blábláblá” aqui, outro ali. Cadê toda aquela indignação? E as bandeiras? A verdade é que os aiatolás podem matar à vontade. O mundo é um circo de horrores e continuará sendo.

CINEMA

'Zootopia 2' se torna a animação americana com maior bilheteria de todos os tempos

SÃO PAULO “Zootopia 2” se tornou o desenho americano com a maior bilheteria de todos os tempos. Com arrecadação de US\$ 1,7 bilhão, a sequência da aclamada animação superou “Divertida Mente 2”, fenômeno da Pixar que em 2024 levantou globalmente US\$ 1,69 bilhão.

O filme permanece atrás da produção chinesa “Ne Zha 2”, que em 2025 liderou a bilheteria mundial e se consagrou como a animação mais lucrativa da história, com US\$ 2,25 bilhões.

A sequência de “Zootopia” é também, agora, a nona maior bilheteria global de todos os tempos, atrás de “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”, que arrecadou, US\$ 1,9 bilhão, e “Vingadores: Guerra Infinita”, que obteve US\$ 2 bilhões.

Nasa quer lançar no próximo dia 6 astronautas em missão rumo à Lua

Artemis 2 será a primeira neste século a levar humanos além da órbita terrestre; última visita tripulada ao satélite ocorreu em 1972, com a americana Apollo 17

Salvador Nogueira

SÃO PAULO O dia 6 de fevereiro de 2026 pode se tornar um marco histórico, com o primeiro voo espacial tripulado a ir além da Terra em mais de meio século, numa jornada até a Lua. É para quando a Nasa espera iniciar a missão Artemis 2. O voo, por ora, está marcado para começar às 23h41 (de Brasília), mas dia e hora ainda podem mudar.

A janela para o lançamento neste mês de fevereiro vai do dia 5 ao dia 11. Caso não aconteça até lá, novas tentativas podem acontecer em cerca de um mês —uma função do ciclo de translação da Lua ao redor da Terra, que dura cerca de 28 dias.

Neste momento, a agência espacial americana trabalha com “não antes de 6 de fevereiro e não depois de abril”, o que significa que, salvo imprevistos maiores, teremos três, talvez quatro, janelas para esse voo. Uma boa pista deve vir nos próximos dias, com o transporte do super-foguete SLS à plataforma 39B do Centro Espacial Kennedy, em Cabo Canaveral (Flórida), de onde ele será lançado.

O transporte do lançador de 98 metros, que deixou o VAB, o prédio de montagem de veículos, foi concluído no sábado (17).

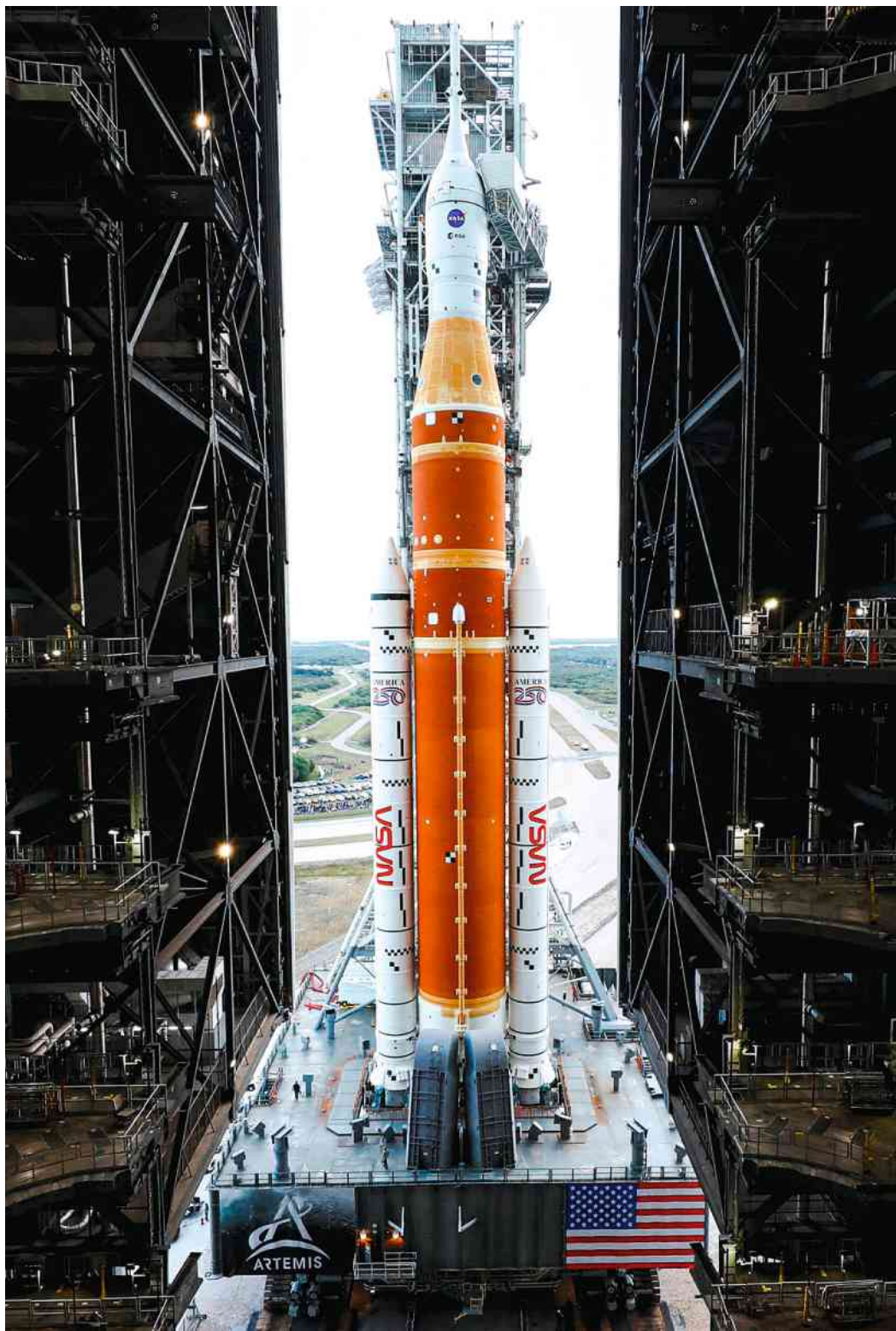
Novidades no século 21

A decolagem marcará a primeira missão tripulada lançada com destino à Lua desde dezembro de 1972, quando ocorreu a Apollo 17, última visita de humanos à superfície lunar no século 20. E trará novidades históricas interessantes: pela primeira vez, um homem negro, uma mulher e um cidadão não americano farão a jornada além da órbita terrestre. Nas missões Apollo, todos os tripulantes eram americanos e brancos.

O comandante Reid Wiseman, o piloto Victor Glover, e os especialistas de missão Christina Koch e Jeremy Hansen (os três primeiros astronautas da Nasa, e o quarto da CSA, Agência Espacial Canadense) realizaram em dezembro uma simulação da contagem regressiva ao embarcarem na cápsula Orion Integrity, que em mais alguns dias ou semanas os levarão na histórica jornada.

Tudo isso aconteceu ainda no VAB, mas um novo ensaio geral deve ser realizado novamente após o transporte do foguete à plataforma, incluindo um abastecimento completo para efeito de teste.

A tripulação está pronta para voar, confiante de que foram solucionados os problemas observados no escudo térmico da Artemis 1 durante a reentrada atmosférica, em dezembro de 2022. Na ocasião, a cápsula Orion realizou um voo similar ao que os astronautas farão, mas sem tripulação,



Foguete SLS é retirado de prédio de montagem na Flórida (EUA), no sábado (17) Joe Skipper/Reuters

para testar os sistemas de bordo e a segurança do projeto. Contudo, a Nasa observou desgaste maior que o esperado no escudo térmico, em razão dos efeitos inesperados de uma falta de permeabilidade no material usado nele. Lascas consideráveis da camada protetora superior foram perdidas, embora a nave tenha retornado com sucesso, realizando uma amerissagem no Pacífico.

Foi o primeiro voo bem-sucedido do foguete SLS, que custou até agora US\$ 31,6 bilhões em seu desenvolvimento, além de US\$ 2,5 bilhões a cada novo lançamento. Desenvolvido pela Nasa por ordem do Congresso americano em 2011, o foguete necessariamente teve de incluir tecnologias originalmente criadas para o programa dos ônibus espaciais. A contratante principal responsável pelo programa junto à Nasa foi a Boeing, num modelo de negócios

antigo, em que a companhia produz o veículo com especificações dadas pela agência, que fica responsável por cobrir todo e qualquer estouro no orçamento.

O método contrasta com o modelo mais moderno de contratação, que já é aplicado com transporte de tripulações e cargas à Estação Espacial Internacional, em que a empresa é paga pelos serviços prestados, a um preço fixo, e se encarrega de desenvolver e operar os veículos.

Esse mesmo modelo, aplicado ao programa Artemis, gerou contratos com as empresas SpaceX e Blue Origin para o desenvolvimento dos módulos de pouso para as futuras missões lunares a uma fração do que custou o SLS, hoje visto como um foguete em vias de se tornar obsoleto, embora no momento siga sendo o único qualificado para enviar astronautas à Lua.



Entenda o emblema da Artemis 2

- O “AI II” significa que esse é o 2º voo do programa Artemis —a primeira foi em 2022
- O desenho faz um referência a foto ‘Earthrise’ (nascer da Terra), feita na Apollo 8, em 1968
- A Lua representa o destino da missão e a Terra, o nosso lar

A missão

O voo da Artemis 2 será tão simples quanto possível para uma cápsula que vai além da Terra. Depois de ser lançada a uma órbita terrestre bastante achatada (perigeu de 150 km e apogeu de 2.240 km), ela usará o segundo estágio do SLS para aumentar ainda mais seu apogeu, para 73,6 mil km, e, por fim, separar-se do segundo estágio e usar seu próprio motor, instalado no módulo de serviço fornecido pela ESA (Agência Espacial Europeia), para o empurrão final rumo à injeção translunar —manobra que a colocará no caminho para a Lua, localizada a aproximadamente 390 mil km da Terra.

A partir daí, salvo por ajustes de trajetória, ela estará num voo cuja configuração é conhecida como de retorno livre. Traduzindo do astronautiquês, significa que, deixada inerte, a cápsula chegaria às imediações da Lua, contornaria o satélite por força da gravidade lunar, e então voltaria à Terra naturalmente, de novo só pela força da gravidade terrestre, sem qualquer manobra adicional.

É a trajetória mais segura, adotada também pelas primeiras missões Apollo logo após o lançamento, para garantir o retorno dos astronautas mesmo que alguma falha de propulsão ocorresse no caminho até a Lua.

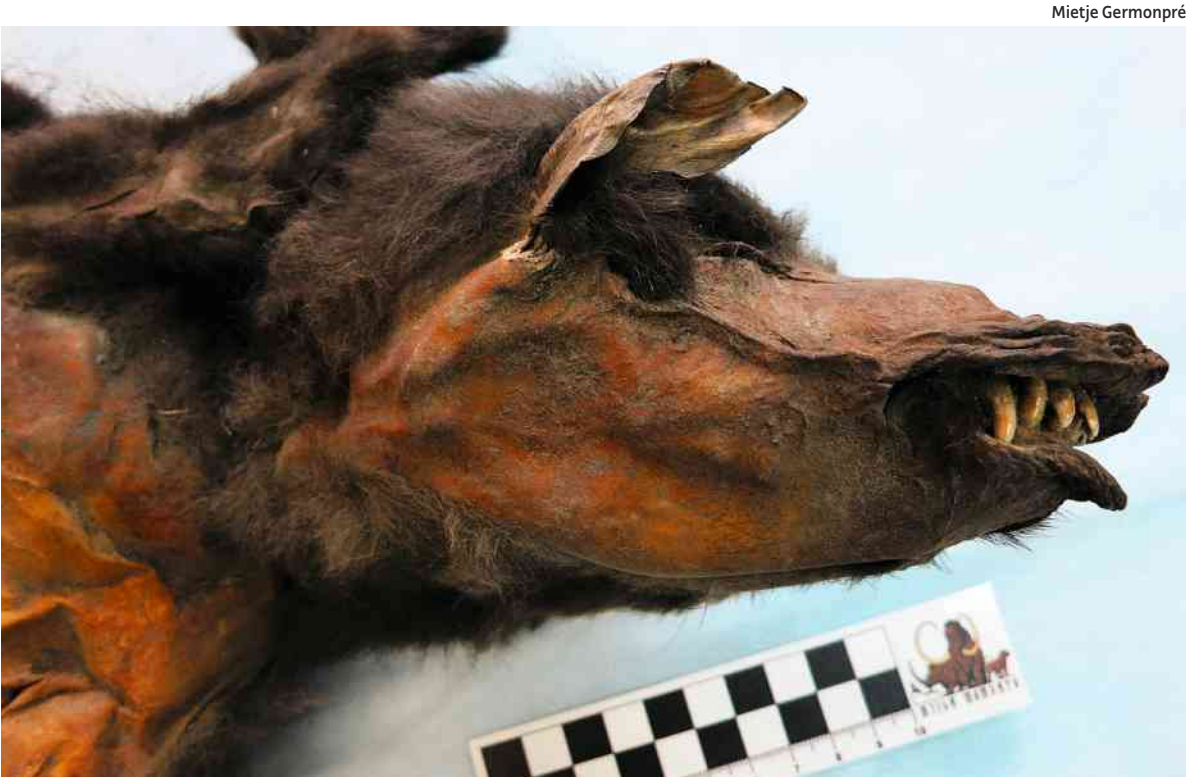
A diferença principal é que, naquelas velhas missões, mesmo na primeira tentativa de ir às imediações lunares, com a Apollo 8, em dezembro de 1968, o motor da espaçonave foi acionado para inseri-la em uma órbita estável ao redor da Lua —ponto em que ela abandonava a trajetória de retorno livre e só poderia voltar à Terra com um novo acionamento do motor para deixar a órbita lunar. Se houvesse uma falha naquele ponto, os astronautas estariam condenados a morrer sem oxigênio dando voltas ao redor do satélite natural.

A Artemis 2 não terá tanta emoção. Ela simplesmente contornará a Lua e fará uma trajetória em forma de 8, retornando à Terra em seguida, num percurso de cerca de dez dias, entre ida e volta.

Nesse sentido, ela lembra mais a Apollo 13, de 1970, que, após uma falha catastrófica no caminho para a Lua, teve de manter uma trajetória de retorno livre para retorno à Terra, com módulo lunar usado como um bote salva-vidas para a tripulação. Desta vez, para a alegria dos astronautas, essa trajetória será usada de propósito, e não por uma emergência.

Um aspecto interessante é que a cápsula passará muito mais longe da superfície lunar do que as antigas missões Apollo, com um perilúnio (aproximação máxima da Lua) de cerca de 7.500 km. As Apollos voavam em órbitas lunares com altitudes de meros 110 a 200 km. Com isso, os quatro astronautas da Artemis 2 se tornarão os humanos a viajarem mais longe no espaço em toda a história.

De lá, Wiseman, Glover, Koch e Hansen terão uma visão privilegiada do sistema Terra-Lua, com os dois astros, a Terra ainda mais longe, suspensos na imensidão do vazio. Uma paisagem inesquecível para um momento histórico.



Mietje Germonpré



Love Dalén/via Reuters

Acima, o filhote de lobo em cujo estômago foi encontrado um pedaço de rinoceronte; abaixo, o pedaço de tecido da presa analisado na pesquisa

Carne em estômago de lobo revela DNA de rinoceronte da Era do Gelo

Espécime de *Coelodonta antiquitatis* viveu há 14,4 mil anos; extinção da espécie foi rápida e pode ser resultado do aquecimento do clima

Will Dunham

REUTERS| Pela primeira vez, cientistas recuperaram o genoma de um rinoceronte-lanoso que viveu há 14,4 mil anos, na Era do Gelo. Eles extraíram o DNA de um pedaço de carne do espécime encontrado no estômago de um filhote de lobo. O achado foi descrito em um artigo publicado na quarta-feira (14) na revista *Genome Biology and Evolution*. O filhote de lobo foi descoberto no permafrost —camada congelada do subsolo— próximo à vila de Tumat, na Sibéria. Os autores do estudo compararam o genoma do rinoceronte *Coelodonta antiquitatis* com os de outros dois indivíduos da mesma espécie que viveram milhares de anos antes —em torno de 18 mil e 49 mil anos atrás— para examinar as mudanças genéticas ao longo do tempo. Ao fazer isso, eles descobriram que a espécie *C. antiquitatis* permaneceu geneticamente saudável

até o fim da Era do Gelo, antes de aparentemente sofrer um rápido colapso populacional. O provável motivo foi o fim do ambiente preferido desses animais, o estepe-tundra, em decorrência do aquecimento climático. “Demonstramos que é possível recuperar um genoma de alta qualidade a partir de material mal preservado datando de um período crucial na história de vida de uma espécie”, disse a geneticista evolutiva Solveig Gudjonsdottir, autora principal do estudo. “É uma conquista muito interessante”, disse o geneticista evolutivo Love Dalén, coautor do estudo e ligado ao Centro de Paleogenética, uma colaboração entre a Universidade de Estocolmo e o Museu Sueco de História Natural. O rinoceronte *C. antiquitatis* foi um dos muitos grandes mamíferos que entraram em extinção na última Era Glacial, com espécies como mamutes-lanosos e dentes-de-sabre. “O rinoceronte-lanoso era um

animal grande, com até cerca de dois metros de altura, e coberto por uma pelagem espessa e longa”, disse Gudjonsdottir, que trabalhou no estudo no mestrado na Universidade de Estocolmo. “Ele tinha dois chifres, uma grande corcova nas costas, uma constituição robusta e pernas relativamente curtas. A espécie era principalmente herbívora, alimentando-se de grama e vegetação baixa adaptada a ambientes frios e secos”, disse ela. O espécime era muito maior do que seu parente vivo mais próximo, o rinoceronte-de-sumatra. “A principal descoberta é que não vemos nenhuma mudança na diversidade genética e nos níveis de endogamia durante as últimas dezenas de milhares de anos que antecederam a extinção do rinoceronte lanoso”, afirmou Dalén. Isso, segundo ele, sugere que, “qualquer que tenha sido a causa da extinção, ela foi rápida.” “Como os humanos já estavam presentes na região por cerca de 15 mil anos antes da extinção, sem causar um declínio na população, acreditamos que o conhecido aquecimento climático aproximadamente 14 mil anos atrás é uma explicação mais provável para a extinção”, disse Dalén. Porém, o impacto humano nesse processo ainda não é riscado da lista. “Não podemos descartar que os humanos tenham contribuído para a extinção do rinoceronte-lanoso, particularmente no período final. No entanto, há evidências arqueológicas limitadas de caça generalizada ou intensificada”, afirmou Gudjonsdottir. Os restos naturalmente mumificados de dois filhotes fêmeas de lobo-cinzentos, cada um com 7 a 9 semanas de idade, foram encontrados na década de 2010 perto de Tumat em excelente estado de conservação. Aquele com a carne de rinoceronte em seu estômago deve ter morrido logo após fazer essa refeição, considerando que a carne não havia sido digerida. “Análises do conteúdo estomacal indicam que os filhotes ainda estavam ingerindo leite, o que sugere que a carne provavelmente foi fornecida por sua mãe ou outros membros de sua matilha”, disse Gudjonsdottir. “O lobo adulto pode ter obtido a carne ao se alimentar de uma carcaça ou por meio da caça.”

MENSAGEIRO SIDERAL

Congresso dos Estados Unidos salva Nasa

Legislativo blindou quase tudo, menos esforço de resgatar rochas marcianas

Salvador Nogueira
salvadornogueira@gmail.com

Os EUA parecem ter jogado a toalha no esforço para trazer amostras de Marte para estudo na Terra —isso apesar de o rover Perseverance seguir fazendo seu trabalho por lá, colhendo núcleos de rocha de maior interesse dos cientistas. Haja perseverança. Após um longo embate, o Congresso americano fechou o orçamento da Nasa para o ano fiscal de 2026, e no geral as notícias são boas para a agência. O gasto anual total ficou estimado em US\$ 24,4 bilhões —1,7% a menos do que o do ano anterior. Um grande alívio, já que a proposta original da Casa Branca, apresentada em julho, previa um corte de quase 25%, para US\$ 18,8 bilhões. A atual gestão federal americana, não é segredo, anda em pé de guerra com a ciência, cortando verbas de universidades e sabotando esforços de pesquisa. Na Nasa, o plano era dizimar o departamento de ciência, cortando-o em 50%. A decisão obrigaria ao cancelamento de 41 missões, muitas delas já no espaço e operando. Seria a autodestruição da Nasa. Nunca antes houve uma gestão presidencial que tentasse realizar um corte dessa magnitude. Nunca antes houve um Congresso tão passivo e conformado diante de políticas públicas tão insensatas (para ser gentil). O desfecho era imprevisível. Acabou sendo positivo. Com o orçamento praticamente restaurado em um acordo costurado entre Senado e Câmara, as duas casas votaram e aprovaram a nova peça orçamentária na última quinta (15). Em vez de perder 47%, o setor de ciência da agência perdeu só 1%. Falta agora a sanção de Donald Trump —o que, fosse qualquer outro presidente, já seria favas contadas. Com este, nunca se sabe. Ele dando o autógrafo, passa a ver o novo orçamento, retroativo a 1º

US\$ 24,4 bilhões
é o orçamento da Nasa para 2026 fechado pelo Congresso, queda de 1,7% em relação ao ano anterior

de outubro de 2025, quando começou o ano fiscal. Uma montanha-russa como essa, mesmo revertida, não vem sem estragos. Durante os meses de impasse, o governo implementou um programa agressivo de demissão voluntária que levou mais de 4.000 funcionários a deixarem a Nasa. Essa perda não se recupera numa canetada. Há, contudo, motivos para esperança. O escritório de educação da agência foi restituído, e as missões que estavam na guilhotina foram salvas. Aqui vai uma lista das que Trump queria cancelar e o Congresso trouxe de volta à vida: Neo Surveyor (pesquisa de asteroides), DaVinci (Vênus), Veritas (Vênus), EnVision (Vênus), Osiris-Apex (asteroide), New Horizons (cinturão de Kuiper), Juno (Júpiter), Mars Odyssey (Marte), Mars Express (Marte), Maven (Marte), Rosalind Franklin (Marte), missão a Urano, Observatório Chandra (telescópio de raios X), Lisa (detecção de ondas gravitacionais), Ultrasat (telescópio de ultravioleta), Landsat Next, Terra, Aqua e Aura (observação da Terra) e mais três missões solares. A única perda definitiva, ao que parece, foi a missão de retorno de amostras de Marte. Ela já estava enrascada há tempos, com estouros orçamentários que exigiam readequação. A gestão Trump propôs o cancelamento sumário, e com isso o Congresso concordou. Restou no orçamento uma provisão de modestos US\$ 110 milhões para “futuras missões marcianas”. Com isso, o caminho está livre para que a China se torne o primeiro país no mundo a colher amostras de Marte e trazê-las de volta à Terra. Os chineses pretendem lançar a ambiciosa Tianwen-3 em 2028, e ter as amostras de volta em 2031. Sem concorrência à vista.

É a economia ou o carbono, estúpido

Custo de combustível fóssil deveria subir para compensar estrago do efeito estufa

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "A Ciência Encantada de Jurema" (ed. Fósforo)

O ano de 2025 foi o terceiro mais quente, após 2024 e 2023. A concentração do gás do efeito estufa CO₂ subiu para 426 partes por milhão (ppm), 52% acima da era pré-industrial. O aquecimento global excedeu por três anos seguidos o limiar prudente de 1,5°C ditado pelo Acordo de Paris (2015).

Todos sentem impactos da crise climática, como o calor, os blecautes e as inundações deste verão infernal por aqui. Tornados já foram matéria exclusiva de filmes de Hollywood e notícias do interior dos EUA, e hoje dezenas assolam o Sul do Brasil.

Donald Trump mandou sequestrar o ditador venezuelano Nicolás Maduro. Quer comprar a Groenlândia e, se não der, tomá-la à força. Promete punição militar à teocracia do Irã para conter massacres de manifestantes. Só a velhinha de Taubaté acredita que Trump age para libertar venezuelanos e iranianos da opressão.

O fator comum ao que vai acima é o petróleo, ou combustíveis fósseis, incluindo carvão e gás no rol. Queimados para produzir energia, liberam o carbono (CO₂) que atua como vidros de uma casa de vegetação e retém calor do Sol na atmosfera.

A energia adicional turbinava eventos extremos que castigam populações pelo mundo, em especial as pobres. Mesmo sofrendo consequências diretas, as pessoas não ligam os pontos e seguem elegendo (ou enfrentando em explosões pontuais) autocratas como Trump, Maduro, Putin, Khamenei, Xi e Bolsonaro.

O exemplo cabuloso vem dos EUA. Trump saiu de vez do Acordo de Paris e da Convenção da ONU sobre Mudança Climática. Autorizou poços de petróleo no Alasca e em alto-mar. Quer manter ativas termelétricas a carvão, mesmo as que precisavam ser fechadas. Emissões de carbono lá crescem mais que a economia.

Análise das ONGs Zero Carbon Analytics e 350.org indica que 68% da produção e 81% das reservas de petróleo recaem na esfera de influência dos EUA, um terço na Venezuela (17,5%) e na Arábia Saudita (17,2%).

Fora da pretendida tutela trumpista, só a Rússia conta (6,2% das jazidas de óleo e 19,9% de gás natural).

Trump tem também razões domésticas para investir em petropopulismo. Sua avaliação despençou, com 56% de desaprovação, e no epicentro do terremoto se encontra a inflação de 2,7%, que tornou a "affordability" (carestia) tema obrigatório da política.

Até há pouco, o republicano podia escorar-se no barateamento da gasolina para tentar acalmar os principais consumidores de fósseis no planeta minimizando o aumento de preços de alimentos e outros bens propelido por sandices tarifárias. No final do ano, o combustível voltou aos níveis do fim do governo Joe Biden.

Eis o obstáculo maior para resolver a crise do clima: nenhum político sobrevive, a não ser como ditador, ao aumento de preços de energia. Basta lembrar que a tentativa de subir impostos sobre combustíveis na França, em 2018, deflagrou o movimento de protesto dos "gilets jaunes" (coletes amarelos).

Com sorte, e com uma mãozinha suja de sangue do ICE, a carestia vai custar a republicanos suas maiorias no Congresso, abrindo brecha para um eventual impeachment de Trump. Sem o bode laranja na sala, seria então preciso agir para expulsar o mamute fóssil da casa que chamamos de Terra.

Logo.

Eis o obstáculo maior para resolver a crise do clima: nenhum político sobrevive, a não ser como ditador, ao aumento de preços de energia.



O Aedes albopictus, uma das espécies de mosquitos capturados na pesquisa Martin Lelievre - 18.ago.25/AFP

Mosquitos da mata atlântica preferem se alimentar de sangue humano, diz estudo

DNA mais comum achado nas fêmeas de espécies é o do H. sapiens; há registro de insetos que picam cães, anfíbios e até uma harpia

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Mosquitos de diversas espécies, que vivem em áreas relativamente bem preservadas da mata atlântica do Rio de Janeiro, dão preferência ao sangue humano na hora de se alimentar, mesmo quando têm centenas de opções de mamíferos, aves e outros vertebrados, de acordo com um estudo conduzido por pesquisadores brasileiros.

A conclusão vem da análise do material genético do sangue presente no sistema digestório dos insetos, indicando a última refeição das fêmeas de mosquitos. No total, 18 insetos tinham picado pessoas; outros 6 se alimentaram do sangue de aves (de galinhas domésticas à maior águia brasileira, a harpia), 1 sugou uma espécie de anfíbio (provavelmente uma perereca) e outros 2 picaram cães e camundongos. Também há casos em que os mosquitos sugaram tanto humanos quanto outros animais.

Como a grande maioria das fêmeas capturadas não tinha se alimentado de sangue e, mesmo nas que tinham, nem sempre a extração de DNA permitiu a identificação da vítima, serão necessários mais estudos para confirmar que a amostragem de fato é representativa. Mas os dados preliminares sugerem que a presença humana nesses ambientes hoje é tão intensa que a nossa espécie assumiu o papel de prato principal.

Os achados saíram na última quarta (14) na revista *Frontiers in Ecology and Evolution*. A pesquisa foi coordenada por Sérgio

Lisboa Machado, do Laboratório de Diagnóstico Molecular e Hematologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Jeronimo Alencar, do Laboratório Diptera do Instituto Oswaldo Cruz.

A dupla e seus colegas empregaram armadilhas que usam luz para atrair mosquitos nas localidades fluminenses de Cachoeiras de Macacu e Silva Jardim, em duas áreas de preservação com diferentes tipos de mata atlântica e que costumam receber turistas e outros pesquisadores.

A variedade de mosquitos capturada pelos pesquisadores foi considerável: 1.714 indivíduos de 52 espécies, a grande maioria nativa de regiões tropicais do Brasil. Desse total, somente 145 fêmeas, ou 8,5% da amostragem de insetos, tinham se alimentado de sangue, e a identificação da espécie à qual pertence esse sangue apenas foi possível em 24 dos mosquitos.

"A luz é um dos fatores que atraem as fêmeas, mas há também o gás carbônico que os animais produzem ao respirar. Nossa ideia é ampliar a pesquisa usando, por exemplo, armadilhas que produzem gás carbônico, mas a logística disso é mais complicada por causa do peso do equipamento na mata", explicou Machado à *Folha*.

1.714

mosquitos de 52 espécies foram capturados pelos pesquisadores. Desse total, apenas 145 fêmeas, ou 8,5% da amostragem de insetos, tinham se alimentado de sangue

Entre as espécies flagradas se empanturrando com sangue humana estão o *Aedes albopictus*, que pode transmitir a dengue e a febre amarela, e membros do gênero *Anopheles*, conhecido por incluir os transmissores da malária, bem como os do gênero *Culex*, o do pernilongo comum.

Bem menos conhecidas são as espécies *Coquillettidia fasciolata* e *Coquillettidia venezuelensis*, mais ecléticas. Uma fêmea da primeira espécie havia picado um roedor e uma ave, e outra, uma ave e um ser humano; no caso da segunda espécie, um dos mosquitos picou um anfíbio e uma pessoa.

A mistura de espécies que as fêmeas de mosquito podem escolher para se alimentar pode acabar se tornando um mecanismo de troca de patógenos (causadores de doenças) entre seres vivos —um vírus presente no sangue de um roedor ou macaco poderia conseguir "saltar" para o organismo humano. Na grande maioria dos casos, porém, isso não acontece, e é preciso que exista uma conjunção de fatores para que o "salto" seja acompanhado de uma adaptação de longo prazo do patógeno ao novo hospedeiro.

Além da presença relativamente frequente de humanos nas matas da região, Machado conta que outros estudos sobre a alimentação das fêmeas de mosquito já tinham identificado um fenômeno intrigante: a presença delas costuma ser bem mais intensa nas bordas da floresta do que nas áreas mais fechadas. Os detalhes do fenômeno exigirão novos estudos para ser elucidados.